

LEIA O LIVRO. SIGA AS PISTAS. VENÇA O JOGO

INFINITY RING



LIVRO 2

DIVIDIR E CONQUISTAR

CARRIE RYAN

SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



LIVRO 2
DIVIDIR E CONQUISTAR
CARRIE RYAN

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

*Para meus sobrinhos Ryan e Alex
Há tantos mundos pela frente a explorar*

Cidade saqueada

SERA ABRIU OS OLHOS. Ela estava olhando para o mesmo muro que encarava antes de fechá-los, poucos segundos atrás. Sentia um aperto no estômago de tanta ansiedade.

— Isso não pode estar certo — murmurou.

Ela baixou os olhos para o Anel do Infinito e o segurou com tanta força entre os dedos que as pontas ficaram brancas.

— Eu coloquei os dados corretamente.

Apenas alguns segundos antes eles estavam na Paris de 1792, e ela havia sentido aquela contração na pele, à qual ainda não estava acostumada. Era a compressão do tempo e do espaço ao seu redor, enquanto viajava de uma época para a outra. E deveria tê-la levado, junto com Dak e Riq, para 885.

Ainda assim, ali estavam eles, olhando para o mesmo muro idiota.

— Isso é tão legal! — O melhor amigo dela, Dak, estava ao seu lado, passando as mãos sobre as pedras irregulares com o olhar hipnotizado. Aparentemente, ele não tinha passado tempo suficiente admirando-as antes de tentarem viajar no tempo. Aquilo certamente o manteria ocupado por alguns momentos. Afinal, Dak podia facilmente ficar empolgado com algo tão sem graça quanto um muro, pelo simples fato de ser histórico — e, ali, *tudo* era histórico.

Ela se virou para Riq. Não o conhecia muito bem, e odiava a ideia de que ele a considerasse incompetente.

— Desculpe. Não sei bem o que deu errado. Isso deveria levar apenas um segundo — ela disse a ele, repassando na cabeça as complicadas equações matemáticas para encontrar o erro. Riq deu de ombros, como se ir parar no lugar e na época errados fosse algo normal, e não uma catástrofe absoluta.

— Sério. Devemos estar lidando com algum aspecto variável oculto do entrelaçamento quântico.

Enquanto passava os dedos sobre os controles do Anel, Sera sentiu que falava de forma um pouco descontrolada, explicando meticulosamente as teorias científicas por trás da viagem no espaço-tempo. Ela tentava ficar calada, mas não conseguia. Quando ficava nervosa, falava sem parar.

Riq manteve o foco no muro, franzindo a testa.

— Eu poderia jurar que isso não estava aqui antes — ele disse, passando os dedos sobre uma série de arranhões no muro.

— Vejam! Deve ter milhares desses! — Dak tinha encontrado um monte de apoios para os pés, e conseguiu escalar até o topo do muro. Ele estava olhando para alguma coisa ao longe. Depois olhou para baixo, onde estava Sera, com o corpo inteiro vibrando de empolgação, como quando (foi mesmo há apenas alguns dias?) os dois fizeram uma visita ao Museu Smithsonian com a turma da escola.

O passeio não havia acabado bem — houve um terremoto e eles quase foram esmagados por um barco viking que estava em exposição. Só de pensar, Sera tinha uma leve sensação de desconforto.

— Dak, acho melhor você descer — ela gritou. — Não tenho certeza se...

— Agache! — Riq berrou, interrompendo Sera.

Por uma fração de segundo Dak pareceu confuso, mas logo obedeceu, abaixando-se no alto do muro. Então uma tempestade

de pedras e escombros caiu do céu, chovendo em volta deles. A muralha estremeceu com o impacto.

Sera apertou o Anel do Infinito junto à barriga para protegê-lo, enquanto Riq se lançava para a frente, jogando-se em cima dela. Provavelmente não era o melhor momento para perceber que nenhum deles tomava banho há dias, e o cheiro comprovava.

Então Sera se deu conta de outra coisa. As flechas cortando o ar à sua volta eram uma boa pista, mas foi só quando ela realmente assimilou os arredores que todos os pensamentos sobre entrelaçamento quântico abandonaram sua cabeça. A viagem no tempo não tinha falhado, afinal.

Onde antes estavam os elegantes arcobotantes da catedral de Notre Dame e suas janelas que formavam desenhos complicados, agora havia a estrutura pesada e sem graça de uma igreja, com paredes lisas e grossas. Um palácio ainda ocupava a extremidade oeste da Île de la Cité, mas não dominava mais a ponta da ilha com suas torres impressionantes e fachadas elaboradas. Tudo estava diferente do que havia sido um minuto antes, desde a largura das ruas até a construção irregular dos prédios e o barulho de homens correndo para encontrar abrigo. Agora que observava a fundo, Sera notou que até o muro que Dak tinha escalado estava diferente. Enquanto em 1792 eles haviam se refugiado no meio de uma antiga ruína, agora a muralha estava forte e segura, com vários metros de altura e certamente circundando grande parte da ilha.

Os gênios não enxergam o óbvio, pensou Sera. Isso certamente não é 1792.

Ondas e mais ondas de flechas e pedras caíram no chão e bateram nas construções próximas. Sera ficou pensando se em algum momento aquilo acabaria. Quando os três concordaram em viajar no tempo para corrigir as Fraturas na história, ela não tinha a menor noção dos perigos em que estavam se metendo.

Até então, as viagens no tempo tinham proporcionado um perigo mortal atrás do outro. Começando pela primeira viagem de todas, quando Dak e Sera viajaram com os pais de Dak para testar o Anel

do Infinito novinho em folha. Eles foram parar no meio de uma batalha da Guerra de Independência dos Estados Unidos, com homens uniformizados correndo na direção deles segurando armas e baionetas engatilhadas. Por pouco não acabaram todos mortos. E, para piorar a situação, os garotos foram separados dos pais de Dak no processo.

Sera não tinha vergonha de admitir: estava assustada. Ela e Dak tinham apenas onze anos, e Riq não era muito mais velho, então ter o destino do mundo nas mãos era *um pouco* desesperador.

Quando os pedregulhos pararam de cair e Riq se afastou, ela notou que ele também estava um pouco trêmulo. Pelo menos ela não era a única.

E é claro que, em seguida, Dak gritou de cima de seu posto:

— Foi demais!

— Como você sabia que ele precisava agachar? — Sera perguntou a Riq. Tenha Dak percebido ou não, o aviso provavelmente salvara a vida dele.

Riq apontou para a parede.

— A imagem arranhada na parede... HX. *Agá Xis. Agache*. Viajar até este lugar e dar de cara exatamente com isso... Imaginei que pudesse ser algum tipo de mensagem para nós, e não quis correr o risco de ignorar.

Sera deu um passo à frente e apertou os olhos na direção do desenho malfeito. Então viu uma coisa que fez seus pulmões se apertarem.

— *Era* uma mensagem para nós — ela disse, passando os dedos sobre dois números: 34 e 88. — Esse é um código para o meu nome. Trinta e quatro é o número na tabela periódica para o elemento selênio. E oitenta e oito, para o rádio. A abreviação deles é Se e Ra: *Sera*. — Ela se contorceu um pouco. — Sei que isso me faz parecer uma completa nerd.

— Não — Riq respondeu com um sorriso. — Você está falando com um cara cuja ideia de diversão é investigar a etimologia de palavras obscuras. Acho bem legal você ter pensado nisso.

Sera limpou a garganta, sem saber muito bem como responder. Não estava acostumada com aquele tipo de elogio.

— De qualquer modo, sempre foi uma piada interna minha com Dak, mas os pais dele também sabiam. Será que eles deixaram isso para nós? Quanto tempo tem essa muralha?

Só então Dak saltou os últimos metros até o chão, caindo entre eles.

— Gente! — Seus olhos estavam brilhando de empolgação. — Vocês não vão acreditar. Todo o Sena está repleto deles, até onde consegui ver! É como uma grande massa. Não dá nem para ver a água. Eles estão por toda a parte!

Sera não conseguiu evitar um sorriso. Ela era a melhor amiga de Dak desde sempre, e sabia que ele estava esperando que ela fizesse a pergunta inevitável:

— *O que está em toda a parte?*

O sorriso dele aumentou.

— Vikings! Deve ter uns setecentos navios ali, talvez mais, se contar os barquetes, que são os barcos menores — ele explicou a última parte para Riq.

O garoto mais velho deu um sorriso forçado para Dak.

— Obrigado, eu entendi. Sou linguista, lembra? Meu vocabulário é bom.

Dak o ignorou.

— Isso é incrível! Sempre existiram debates sobre o número de barcos que os vikings usaram para atacar Paris. Alguns estudiosos disseram que eles estavam espalhados por duas léguas, mas outros argumentaram que não eram tantos com base na aplicação do espaço operacional e um...

— Dak, foco. — Sera revirou os olhos, mas não com maldade. Ela estava acostumada a aguentar essas viagens dele sobre detalhes históricos obscuros. E, para ser sincera, ela meio que gostava porque eram tão, bem... tão a cara de Dak.

Ele alternou o olhar entre ela e Riq.

— De acordo com os livros de história, existem trinta e três mil vikings do outro lado daquele muro, preparando-se para o grande cerco de Paris!

Sera sentiu algo se afundar dentro dela, mas foi Riq que verbalizou o que ela estava sentindo.

— Por acaso os livros de história dão uma data para esse saque?

Dak confirmou vigorosamente com a cabeça.

— Vinte e cinco de novembro de 885.

Sera respirou fundo.

— É... amanhã — ela disse.

Mas Dak ainda não tinha terminado.

— Embora alguns historiadores considerem 24 de novembro, com base no relato de um dos monges que viviam dentro da cidade fortificada...

Riq olhou para Sera e eles compartilhavam a mesma expressão. Mas antes que um deles pudesse dizer alguma coisa, ouviu-se um grande sopro de trompas de batalha vindo do outro lado da muralha, e o urro de trinta mil homens gritando ao mesmo tempo. O chão tremia com a força de tantos pés batendo, conforme a enorme horda de vikings corria na direção da cidade.

Dak parecia extremamente preocupado.

— Hum. — Seu rosto se contraiu de tanta concentração. — Acho que foi no dia 24, afinal. Mal posso esperar até voltarmos para que eu possa corrigir os...

— Dak! — Sera gritou. — Os vikings estão saqueando Paris e nós estamos *dentro* da cidade! Eles estão prestes a atacar *a gente*!

Coisas de matemática

DAK NÃO ENTENDEU MUITO BEM por que Sera entrara em pânico daquele jeito. Afinal, havia um muro e um rio entre a horda de vikings que se aproximava e eles. Enquanto a Paris de 1792 que eles haviam deixado para trás se estendia até o interior, a Paris em que haviam chegado não passava muito de uma fortaleza em uma ilha no meio do rio Sena. Tudo bem que a muralha de pedra que contornava a ilha já tinha uns quatrocentos anos e estava se desfazendo em certos pontos, mas ainda dava a eles *alguma* proteção.

Além disso, se ele conhecia bem a história (e ele sempre conhecia), a invasão não aconteceria de fato até os líderes de cada lado se encontrarem para discutir os termos da rendição de Paris. Infelizmente para o povo de Paris, a rendição não seria suficiente para impedir que os vikings roubassem mantimentos e incendiassem grande parte da ilha — era isso que vikings faziam. E, certo, pensou Dak, eles provavelmente não deveriam ficar por ali depois disso. Mas ainda tinham tempo para explorar a área e descobrir a Fratura antes de se preocuparem.

Mesmo assim, não seria nada bom se fossem atingidos por uma flecha perdida, e o desespero de Sera era notável, então deixou que ela arrastasse Riq e ele para o abrigo mais próximo, uma casa vazia aninhada entre duas padarias. O ar lá dentro cheirava a fermento e manteiga, e a poeira cobria quase todas as superfícies,

fazendo cintilar a pouca luz que entrava pelas frestas do telhado. O espaço era estreito, e eles abriram caminho entre pilares de madeira até o fundo do abrigo. Assim que conseguiram cobertura, outra onda de flechas e pedras voou sobre a muralha, chovendo do lado de fora.

Felizmente, parecia que todos haviam tido a mesma ideia que eles e encontrado um lugar seguro para se esconder. Paris parecia uma cidade fantasma. Exceto pelo barulho. Mesmo dentro do minúsculo barraco, o barulho de tantos vikings correndo na direção da ilha era extremamente alto. Isso fez Dak se lembrar de quando foi aos jogos bienais da SQ com seus pais, e do estrondo das multidões na torcida. Só que essa multidão era provavelmente mais letal do que alguns milhares de torcedores.

Agora que estavam livres de todos os escombros que caíam, Sera tirou o SQuare da bolsa. Um tablet dado a eles pelos Guardiões da História: essa era a única conexão que restara com o futuro de onde, ou melhor, de *quando* eles vieram. Ele notou que as mãos dela estavam ligeiramente trêmulas enquanto digitava a senha para acessar os arquivos.

— Certo, garoto prodígio — Riq disse a Dak, apoiando-se na parede de pedra áspera. — Você que está sempre se gabando de suas proezas históricas. Tem alguma ideia de por que estamos aqui e o que está acontecendo?

Dak deixou um sorriso satisfeito tomar conta de seu rosto.

— Olha só quem está interessado no que eu tenho a dizer. — Dak se perguntou por um instante se realmente seria muito grave empurrar Riq para a tempestade de escombros do lado de fora, mas pensou melhor quando Sera tirou os olhos do SQuare e fez cara feia para os dois.

— Falem baixo — ela sussurrou, embora Dak tivesse certeza de que o sussurro era mais alto do que seu tom de voz normal. — Ainda não falamos com ninguém daqui, o que significa que nossos dispositivos de tradução não estão ajustados para o idioma local correto.

Antes que os Guardiões da História Brint e Mari os enviassem de volta no tempo para corrigir as Grandes Fraturas, os três receberam dispositivos para colocar nos ouvidos e um pequeno aparato de encaixar sobre o dente, que traduziria qualquer coisa que dissessem. O único porém é que eles precisavam ouvir alguém primeiro, para que o aparelho soubesse qual idioma usar.

— Desculpe — Dak murmurou, mas ainda aproveitou a oportunidade para dar um sorriso amarelo para Riq. Riq era o especialista em línguas — foram os pais dele que inventaram o dispositivo de tradução — e portanto era ele quem deveria ter pedido para ficarem quietos.

— Ah, pelo amor — Sera murmurou. Aparentemente, ela nem precisava tirar os olhos do SQuare para saber que Dak e Riq estavam se encarando e competindo para ver quem desviava o olhar primeiro. (Riq foi totalmente derrotado quando se virou para Sera.)

A tela do SQuare piscou algumas vezes.

— Você sabe se eles conseguiram carregar alguma informação sobre essa Fratura? — Sera perguntou a Riq. — Odeio a possibilidade de ficar à deriva, sem ajuda nenhuma.

Riq franziu a testa, e pela primeira vez Dak teve a impressão de que o garoto mais velho poderia admitir não ter as respostas para tudo.

— Acho que eles conseguiram colocar quase tudo aí — ele disse. — Os arquivos não estão aparecendo?

Sera negou com a cabeça.

— Só alguns. Acho que até sabermos quantos arquivos estão corrompidos, teremos que trabalhar com as informações disponíveis.

Dak se aproximou para olhar sobre seu ombro quando ela escolheu a opção de saber mais sobre a terceira Fratura.

Algumas palavras e uma longa fileira de números piscaram na tela.

Deixe um recado após o sinal:

4121732162812161 728232 744332413373433231 81636132

7121734374 71212343334323216132628132

Dak resmungou.

— Que tipo de mensagem estão esperando que a gente deixe? — Ele era bom com palavras (fatos e detalhes, especialmente os históricos). Números normalmente ficavam nadando em sua cabeça, a menos que fossem datas específicas. Na verdade, às vezes, na aula de matemática, o único jeito de conseguir lembrar as tabuadas era associá-las a uma série de eventos históricos.

Ele observava sem poder fazer nada, enquanto os olhos de Sera e Riq iam de um lado para o outro na tela. Aquela situação não tinha nada a ver com a sua ideia do cerco de Paris. Trinta mil vikings nas proximidades e ele estava preso em uma padaria com dois nerds mais interessados em coisas de matemática.

— Pode ser um código ou uma mensagem cifrada — Riq sugeriu.

— *Hummm* — Sera murmurou. — Acho que pode ser uma cifra de substituição monoalfabética, como uma cifra afim.

Até a conversa deles era chata! Enquanto os outros estavam compenetrados em sua chatice chatíssima, Dak começou a abrir caminho até a porta. Ele só queria dar uma espiada no que estava se passando do lado de fora, ter uma noção do que estava acontecendo.

O chão já estava repleto de pedras de todos os tamanhos, algumas maiores do que sua cabeça e algumas tão grandes que poderiam ter esmagado uma vaca, caso houvesse alguma circulando por ali (felizmente, não parecia haver nenhuma).

Dak respirou fundo, deixando um sorriso cruzar seu rosto. Até onde se lembrava, ele sempre fora apaixonado por história. Ele até lia a maioria dos relatos históricos em livros impressos, e não em SQuares, porque gostava do cheiro que a história tinha.

Mas agora parecia que as palavras que ele tinha lido sempre foram secas. Elas tentaram capturar acontecimentos passados e

transportá-los até a sua mente, mas agora que estava na Île de la Cité, a ilha de Paris, Dak se deu conta de que os livros não passavam de fantasmas. A realidade era muito mais legal. E tinha um cheiro mais forte, também.

Naquele exato momento, o bombardeio parou, e a balbúrdia de trompas de batalha e gritos do outro lado da muralha foram substituídos pelo som de sinos tocando na igreja. Dak observou quando o contingente de vikings começou a abrir caminho para dentro da cidade sobre uma ponte baixa de pedra que cruzava o Sena, vindo da margem norte do rio.

Dak só queria correr adiante para ter uma visão melhor, mas Sera já estava com a mão firme sobre seu ombro.

— Nem pense nisso. Temos um Guardiã da História para encontrar. Venha, nos ajude a entender o que isso significa.

Ela mostrou o SQuare e Dak leu as linhas destacadas:

Para encontrar quem procura

Deve a pista remexer:

Para chegar ao Guardiã da História, basta um

Desfile indiano ver

Dak ficou olhando para as palavras, mas não tinha a mínima ideia do que significavam.

— Essa é a área do Riq... ele é o especialista nessas coisas — ele disse. — Eu sou só o fanático por história. E, como seu guia pelos acontecimentos do passado, acho que nosso tempo seria mais bem gasto escutando conversas alheias.

Ele apontou para um pequeno grupo de parisienses caminhando pela área central da cidade. Muitos eram padres, com túnicas decoradas sobre os mantos. Outros eram soldados, cujas túnicas eram menos ornadas e complementadas com cota de malha.

Dak reconhecia uma festa oficial de boas-vindas quando via uma. Os padres e soldados estavam indo ao encontro do contingente viking sobre a ponte, e Dak queria desesperadamente estar lá para presenciar a discussão. Apesar de imaginar que as coisas

importantes não aconteceriam até todos estarem reunidos em algum ponto central.

— Esses são os caras que tomam as decisões por aqui — disse Dak. — O Guardião da História deve ser um deles, ou também está a caminho para onde quer que estejam indo! É onde a história vai acontecer, e é onde precisamos estar!

— Você está esquecendo que nós não parecemos parisienses — Sera argumentou.

— Bem, tecnicamente nós *estamos* vestidos como parisienses. Só que parisienses de outro século. Somos a vanguarda da moda! — Dak pegou nos babados em seu punho e mexeu as sobrancelhas.

— Dak... — O tom de voz de Sera não deixava dúvidas: ela estava se irritando.

Dak colocou a mão sobre o braço dela. Eles se conheciam há bastante tempo — desde antes de aprenderem a falar, na verdade —, mas às vezes ele não conseguia entendê-la de jeito nenhum. Aqueles vikings eram reais, verdadeiros, dignos de Thor. Como era possível não querer chegar mais perto deles?

— Confie em mim — ele disse. — Eu já dei alguma indicação errada antes? Além disso, acho que sei o que está prestes a acontecer. E pode ser crucial para nossa missão aqui.

Riq tirou os olhos do baú de madeira em que estava passando a mão do outro lado do cômodo.

Dak aproveitou para apreciar aquele momento sem distrações, e então se aprofundou na questão:

— O pequeno contingente de vikings que está entrando na cidade é liderado por Siegfried, seu líder. Bem, não sei se *líder* é a palavra certa, já que a sociedade viking não era ordenada rigidamente como a nossa. Normalmente o poder não era tão concentrado...

Sera limpou a garganta e começou a bater o pé.

— Err, certo. Bom, pouco antes de os vikings saquearem Paris, Siegfried tem uma conversinha com o bispo, Gauzelin, e pede para ele entregar a cidade. O bispo concorda. Os parisienses pensam que

está tudo certo, então ficam bem surpresos quando os vikings atacam na manhã seguinte.

Riq franziu a testa.

— Isso não parece correto — ele disse.

Dak deu de ombros.

— Os vikings não são exatamente conhecidos por serem corretos. Eles são mais do tipo que faz saques e pilhagens.

O corpo de Sera pareceu ficar um pouco tenso ao ouvir isso.

— E esse tal de Siegfried? O que acontece depois que ele toma Paris?

Dak sentiu a mesma empolgação que sempre sentia antes de contar detalhes históricos legais.

— Ele se torna um dos homens mais poderosos da França. Veja, ele acaba se estabelecendo na Normandia, região da França logo depois do canal que a separa da Inglaterra. Acontece que aquele pedaço de terra é muito importante estrategicamente: é o lugar perfeito para lançar uma invasão contra a Grã-Bretanha no século XI. O tataraneto de Siegfried, Bill Helm, o Conquistador, faz exatamente isso!

Sera e Riq ficaram olhando para a cara dele, que levou um segundo para se dar conta de que eles não haviam entendido a importância daquilo. Ele suspirou profundamente.

— Todo monarca europeu dos tempos atuais é descendente de Bill Helm, o Conquistador, também conhecido como o cara que conquistou a Inglaterra. E, é claro, isso significa... — Ele se sentia como um professor tentando arrancar uma conclusão óbvia de seus alunos.

— Significa que todo rei e toda rainha também são descendentes de Siegfried, o viking — Sera respondeu com os olhos arregalados.

Foi Riq quem falou em voz alta o que Dak já estava pensando.

— Esse cerco envolve mais do que apenas Paris. O destino do mundo inteiro está em jogo.

Dak confirmou com a cabeça.

— E com tanto poder sendo disputado, pode apostar que a SQ já está aqui.

Iniciando uma guerra

DAK E RIQ FICARAM DO LADO DE FORA do abrigo para dar privacidade a Sera enquanto ela trocava de roupa. Dak teve que admitir a contragosto que Riq havia feito um ótimo trabalho criando trajes adequados a partir dos trapos que encontrara no baú. Bem, claro que foi necessário um pouco de esforço para descobrir onde ia cada peça. Eles enfiaram os calçados que estavam usando antes no fundo da bolsa, já que nada gritava *anacronismo* mais do que tênis.

Ainda assim, Dak acabou ficando com uma túnica na altura da canela, e não tinha certeza de como se sentia a respeito. Era muito fácil se imaginar mostrando a bunda acidentalmente para a Paris do século IX. E ele certamente não queria pensar muito sobre quem havia usado aquelas roupas antes (e há quanto tempo não eram lavadas).

Pelo menos Riq estava com vestimentas ainda mais ridículas.

— Você está lembrando o meu avô, com as meias amarradas até o joelho desse jeito — Dak brincou.

O garoto mais velho deu um sorriso forçado.

— E você parece minha avó com esse vestidinho.

Dak não conseguiu pensar em uma resposta rápido o bastante e se limitou a fazer cara feia. Ele observava impaciente uma quantidade cada vez maior de parisienses seguindo na direção de

uma grande catedral de pedra. Seus dedos se encolhiam dentro das novas (velhas) botas, querendo se juntar à multidão.

— Então você acha que esse líder viking, Siegfried, pode ser da SQ? — Riq perguntou.

— Me parece bem provável — Dak respondeu. — Por volta do século VIII, os vikings se tornaram bem agressivos e começaram a dominar várias regiões, fazendo saques pelo caminho. Antes disso, eles ficavam mais ou menos onde hoje é a Noruega e a Dinamarca, e ninguém sabe ao certo por que eles decidiram expandir seu território. Alguns historiadores acham que foi porque, com o Aquecimento Medieval, ficou mais fácil lançar-se ao mar; outros acreditam que as terras disponíveis na península escandinava simplesmente ficaram escassas demais. Mas, agora que parei para pensar nisso, faz sentido que eles tenham sido conduzidos pela SQ, em busca de uma região maior.

Riq concordou.

— E o que você acha que isso significa para nós? Onde acha que é essa Fratura?

Dak já estava pensando a respeito; sua mente zunia com todas as possibilidades.

— Certo, finja que você é Siegfried, e que é da SQ. — Ele fez uma pausa e olhou para Riq com os olhos apertados. — Bem, se você fosse um viking, teria barba e fedoria menos, mas continuando...

— Você não conseguiria ter uma barba nem se raspasse a cabeça e colasse os cabelos na cara — Riq resmungou.

Dak ignorou o comentário.

— Então você é um cara da SQ, malvado, fedorento e *feio*, com um grande exército ao seu dispor, e está viajando pelo mundo intimidando as pessoas. O que está procurando, na verdade?

— Poder — Sera respondeu, saindo para se juntar a eles. Dak conteve uma risada. Como os outros, ela estava usando um meião apertado nos joelhos com um pedaço de cordão e uma túnica sobre uma longa camiseta, amarrada na cintura com um cinto. Do cinto pendia uma bolsa com um volume familiar, que só podia ser o Anel

do Infinito. Uma capa marrom estava sobre seus ombros, descendo até a parte de trás dos joelhos, e o que sobrara de seu cabelo estava enfiado para dentro de um gorro de lã meio deformado.

— Você é bem convincente como menino. — Dak puxou o gorro, fazendo-o cair abaixo dos olhos dela.

Riq deu um passo à frente e o endireitou, enfiando mechas soltas do cabelo dela para dentro.

— Ainda vamos encontrar uma época na história em que você poderá se vestir bem — ele disse.

Dak quis resmungar, mas o rosto de Sera se iluminou com a possibilidade.

— *Bem* — ele interrompeu. — Sera está certa: realmente é uma questão de poder. A história se resume basicamente a isso: pessoas tomando o poder e depois o perdendo para outro. — E era exatamente por isso que Dak gostava tanto. A ciência sempre parecia uma recitação chata de fatos, mas a história... era sempre uma grande aventura.

— Isso ainda não ajuda a consertar a Fratura — Riq disse. — E não desvendamos o código para descobrir o que devemos fazer aqui, ou como encontrar o Guardião da História.

— Esqueça o código. Nós já sabemos. — Dak riu. — Aprenda com o mestre, meu amigo — ele disse, e saiu andando na direção da igreja.



A fachada frontal da igreja avultava-se sobre eles, as torres pontuadas com janelas em arco se elevavam de cada lado da entrada. Uma vez lá dentro, tudo estava mais escuro; a fileira de janelas próximas ao teto deixava entrar a luz rala da manhã. A nave já estava repleta de parisienses, muitos se espalhando pelos transeptos nas laterais do altar.

Felizmente, Dak, Sera e Riq estavam vestidos como os outros, de modo que não se destacaram muito. Dak usou sua pequena estatura a seu favor, enfiando-se no meio da multidão até a frente da igreja. Em momentos assim, era útil ser jovem — ninguém parecia prestar atenção nele.

Quando o contingente de vikings entrou, a igreja lotada ficou tão silenciosa que Dak podia ouvir o sacudir das espadas nas bainhas, conforme os parrudos dinamarqueses caminhavam. Ele estava hipnotizado. Havia visto representações de vikings em tapeçarias e desenhos nos livros, mas vê-los pessoalmente era diferente. Eles eram enormes, com longos bigodes trançados até as orelhas e barbas compridas.

Dak esperava que eles parecessem mais bárbaros — tudo o que ouvira sobre eles mencionava crueldade e imundície —, mas aqueles homens não pareciam corresponder à descrição. Na verdade, pareciam mais limpos e bem-vestidos do que a maioria dos parisienses.

O líder, Siegfried, era mais velho do que os outros. A julgar pelas linhas de expressão em seu rosto, nunca devia ter sorrido na vida. Seu manto estava preso ao ombro direito, o que deixava o braço livre — e, mesmo dentro da catedral, mantinha a mão no punho da espada.

Só de olhar o tamanho dos músculos do braço dele, Dak teve certeza de que o cara seria capaz de cortar fora uma cabeça ou uma perna com um único movimento. É claro que isso não o impediu de chegar mais perto para ver melhor. Sera continuava sussurrando para ele parar, mas a preocupação dela não a impediu de segui-lo conforme ele avançava.

Assim que chegaram perto da multidão que cercava o altar, na frente da catedral, um velho sacerdote saiu de uma sala ao lado e se aproximou do bando de vikings. Ele estava bastante encurvado, com as túnicas ornadas caindo sobre seus ombros magros, e por um instante Dak achou que ele não conseguiria percorrer o caminho até

o altar sem cair de joelhos. Ao lado dele, havia vários outros clérigos que pareciam prontos para segurá-lo caso isso acontecesse.

Siegfried deu um passo à frente e falou primeiro. O dispositivo na orelha de Dak traduziu todas as palavras.

— Bispo Gauzelin, tenha compaixão de si mesmo e de seu rebanho. Entregue-nos a autonomia da cidade. Não causaremos nenhum mal, e garantiremos que o que pertence a vocês ficará completamente protegido.

O bispo Gauzelin se virou para os sacerdotes que o cercavam e começou a sussurrar, debatendo o pedido de Siegfried.

Dak sentiu o coração acelerar.

— É isso — ele sussurrou para Sera e Riq. — É agora que o bispo entrega a cidade. E viram o que Siegfried está usando para prender o manto? — Dak apontou com a cabeça na direção do viking gigante, cujo broche de bronze levava o inconfundível emblema da SQ. — Cara, às vezes eu odeio estar certo.

— Ainda não tenho tanta certeza disso, Dak — Sera disse, aflita. — Acho que devemos decifrar a mensagem de Brint e Mari antes de tirar qualquer conclusão.

Dak se incomodava por Sera não botar muita fé no que ele dizia, principalmente considerando que nunca esteve errado. Estranhamente, Riq parecia disposto a ficar do lado dele, o que era uma raridade.

— Acha que é só isso que precisamos fazer para corrigir essa Fratura? Impedir que o tal viking entre em Paris? — Riq perguntou.

Dak revirou os olhos para a imprecisão de Riq com os detalhes históricos.

— Ele não é apenas um "tal viking". E, sim, acho que impedir que o bispo entregue a cidade é um bom começo. Siegfried é um agente da SQ e a base de seu poder começa com Paris, então faz sentido garantir que isso nunca aconteça. Só precisamos pensar em *como* fazer isso.

— E se a gente... — Riq começou a propor.

Dak achou graça e o interrompeu.

— Não acho que aprender sobre a origem de alguma palavra obscura e inútil seja o que precisamos no momento, e suas habilidades não vão muito além da linguística.

Riq ergueu as sobrelanceias e olhou para Sera, que apenas deu de ombros em resposta. Dak voltou a se concentrar no grupo reunido na frente da igreja, tentando pensar na melhor maneira de intervir.

Seus pensamentos foram interrompidos por um dolorido tapa nas costas.

— Aprenda com o mestre, meu amigo — Riq disse atrás dele enquanto passava adiante. Quando Dak se deu conta, Riq estava saltando sobre o tablado.

Sera deixou escapar um gritinho assustado ao tentar agarrar a túnica de Riq, mas não deu tempo. Logo ele estava se aproximando do grupo de sacerdotes.

— O que ele está fazendo? — ela perguntou.

Dak deu de ombros; ele não sabia, mas, independente do que fosse, não ficaria de fora. Estava prestes a subir atrás dele quando Riq se colocou entre os dois grupos.

Siegfried olhou para ele com desdém, aprofundando as rugas em seu rosto.

— Quem é esse garoto?

Riq respondeu com facilidade e calma, sem demonstrar medo ou hesitação.

— O bispo Gauzelin não tem tanto conhecimento da língua dinamarquesa quanto eu e pedi minha assistência como tradutor.

Siegfried franziu a testa. Um dos gigantes de seu séquito, com uma grande cicatriz vermelha no rosto, deu um passo adiante e perguntou:

— E como alguém de pele tão escura como você aprendeu a língua dinamarquesa?

Quando Riq hesitou para responder, o viking da cicatriz deu mais um passo à frente, ficando quase em cima do garoto. Ele tinha a mesma aparência brutal do Guardiã do Tempo que eles haviam encontrado na Espanha. Dak se lembrou de como haviam sido

pegos em Palos de la Frontera durante a primeira Fratura. O Guardião do Tempo os escutou conversando pouco depois de viajarem para 1492 e percebeu como os três pareciam inadequados ao lugar, com suas roupas roubadas e conduta anacrônica.

Dak, Sera e Riq sabiam muito bem da existência de homens e mulheres treinados no decorrer do tempo para procurar qualquer coisa ou pessoa suspeita, e um adolescente de pele escura na Paris medieval que soubesse falar francês, latim e língua nórdica antiga certamente se qualificava como estranho. Se Siegfried fizesse mesmo parte da SQ, faria sentido que um de seus homens fosse um Guardião do Tempo. E o único trabalho de um Guardião do Tempo era procurar viajantes do futuro e eliminá-los.

Eles não podiam correr o risco de serem pegos e, no momento, aquilo parecia bem provável de acontecer. Sera apertou a mão de Dak com tanta força que ele teve certeza de que ela deixaria marcas em seus ossos.

— Faça alguma coisa — ela insistiu.

A mente de Dak desenterrou uma série de detalhes históricos, procurando a melhor resposta possível para Riq. No fim das contas não foi preciso, já que Riq encontrou sua própria solução: a verdade.

— Meu pai era um estudioso — Riq explicou. — Eu falo dezesseis línguas.

Ele explicou aquilo com seu ar presunçoso usual e, embora o viking da cicatriz tenha aberto a boca, como se quisesse pressioná-lo mais a respeito, Siegfried tomou a frente, interrompendo-o.

— Ignore o Gorm. Qual foi a resposta do bispo Gauzelin a nosso pedido?

O dispositivo de tradução de Dak voltou rapidamente para o francês, e ele escutou Gauzelin e Riq falando, discutindo a resposta. O bispo estava dizendo claramente para Riq que cederia às exigências dos vikings.

Riq fez um gesto positivo indicando que tinha entendido e depois se voltou para Siegfried.

— O bispo Gauzelin me disse que Paris foi confiada a nós pelo imperador. É nossa responsabilidade proteger a cidade.

Dak ficou boquiaberto e Sera franziu a testa.

— Não foi isso que o bispo disse — ela sussurrou.

— Não mesmo — Dak concordou. Ele não tinha a menor ideia do que Riq estava planejando.

Riq continuou a falar, traduzindo falsamente o que o bispo havia realmente dito.

— Se o dever de defender essas muralhas tivesse sido dado a você, e você entregasse a cidade para um exército estrangeiro dessa forma, que tipo de tratamento acha que mereceria?

Siegfried riu, um som grave e estrondoso que ecoou nas paredes de pedra.

— Eu mereceria ter minha cabeça cortada e jogada aos cães.

Riq cruzou os braços na frente do peito e Dak ficou impressionado com a imponência dele entre os enormes vikings e os frágeis sacerdotes.

— Então entende nossa posição e o motivo pelo qual não vamos ceder.

Siegfried avançou até ficar logo acima de Riq. Em um segundo, ele passou do riso à fúria. Sera apertou a mão de Dak com mais força, algo que ele não achou que fosse possível até sentir um osso raspando no outro.

— Se não se curvarem às minhas exigências — Siegfried urrou —, amanhã nossas máquinas de guerra destruirão tudo.

Riq riu.

— Manda ver.

Dak quase gemeu com o uso de uma expressão tão moderna, mas parecia ter conseguido pegar Siegfried desprevenido. O viking franziu a testa, confuso, antes de dar um passo para trás e se juntar a seus homens.

— Vocês fizeram sua escolha. Amanhã enfrentarão a fúria dos melhores guerreiros de Odin. — Então saíram da igreja, arrastando as longas capas atrás deles.

O bispo pareceu alarmado ao se virar para Riq.

— O que ele disse?

— Que devemos estar preparados para lutar — Riq respondeu.

Ele claramente não pretendia que ninguém além do pequeno grupo escutasse aquilo, mas mesmo assim sua voz foi levada pela multidão. Logo começaram os sussurros tensos, que se transformaram em cochichos alarmados quando a notícia se espalhou pelas pessoas aglomeradas dentro da igreja. O ar zunia com a ameaça de pânico.

Sera finalmente soltou a mão de Dak, e ele fez uma careta quando o sangue voltou a circular na ponta de seus dedos, que formigavam.

— O que ele acabou de fazer? — ela perguntou.

Dak ficou olhando fixamente para o local onde Riq e o bispo continuavam a conversar. Ele não conseguia evitar sentir um pouco de inveja do garoto mais velho por ter um papel tão importante na mudança do curso da história.

— Tenho quase certeza de que ele acabou de iniciar uma guerra.

Ele viu a expressão de Sera passar de surpresa a alarmada. Mas era a inveja, e não a guerra iminente, que ocupava os pensamentos de Dak.

— Riq com certeza vai entrar para os livros de história por causa disso, não vai?

Outro fã de história

QUANDO DAK DISSE A SERA que havia mais de trinta mil vikings do outro lado do rio, ela não entendeu de imediato o que aquilo significava. Agora que estava no alto do Grand Châtelet — uma enorme torre de madeira na área continental, que protegia a ponte ao norte da ilha da cidade — a ficha caiu. Com tudo.

Homens de armadura espalhavam-se até onde a vista alcançava, cobrindo a margem norte da região continental em densidade maior do que as folhas de grama. Mesmo com o anoitecer caindo rapidamente, ela era capaz de vê-los andando de um lado para o outro, montando acampamento e afiando armas. Ao longe, um grande bando cortou a machadadas uma árvore imensa caída, afiando a extremidade em forma de ponta. Outro grupo trabalhava para armar o que parecia ser uma complicada catapulta.

Não demoraria muito até apontarem tudo o que tinham para a antiga muralha que contornava a ilha e disparar com toda força. Sera olhou para trás, para o interior da cidade. A muralha era antiga e estava se desfazendo — grande parte dela fora construída pelos romanos mais de quatrocentos anos antes, segundo Dak. Não dava para imaginar que a muralha suportaria muito mais tempo. Para piorar, ela havia contado uns duzentos parisienses armados durante o dia todo. Comparada à legião do lado de fora, sua força era minúscula.

— Você percebeu que estamos em menor número, certo? — ela perguntou.

Riq olhou para a frente rapidamente, como se estivesse calculando.

— Se cada homem daqui derrubar cento e cinquenta vikings, ficaremos bem.

— Cento e cinquenta vikings totalmente armados, com sede de sangue — Dak esclareceu.

Sera ficou encarando os dois. Nenhum deles parecia estar captando a magnitude da situação.

— Ah, vai ser moleza, então.

Sera ainda se sentia desconfortável com o modo como Riq alterou completamente a história. Não importava o quanto Dak tentasse garantir a ela que sua interpretação daquela missão estava certa; ela não estava gostando de saber tão pouco sobre o que realmente estava acontecendo. Ela era do tipo de pessoa que preferia reunir os fatos, analisá-los, e bolar um plano de ação só depois de considerar todos os ângulos.

Tudo estava acontecendo muito rápido. A única coisa que deixava Sera menos ansiosa é que agora os parisienses teriam pelo menos uma chance de lutar. Originalmente, segundo Dak, depois que o bispo entregou a cidade, os vikings deram a todos uma falsa sensação de segurança, antes de destruírem a ilha na manhã seguinte. Agora, graças a Riq, os parisienses haviam tido um aviso justo e seriam capazes de organizar suas forças e elaborar um plano para se defender.

Era um plano antigo, na verdade. Algumas décadas antes, o rei Carlos, o Calvo, ordenara que as cidades ao longo do Sena construíssem pontes baixas atravessando o rio, para impedir que os vikings entrassem com os navios sem dificuldades. Mas as pontes em si eram vulneráveis a ataques. Então torres deveriam ser construídas pra proteger as pontes.

Muitas cidades haviam começado a construir essas fortificações, mas nunca chegaram a terminar. Por isso, não havia nada para

impedir que os ágeis vikings entrassem com os barcos pelas águas. Eles já haviam tirado vantagem disso, lançando ataques que dizimaram cidades francesas próximas à costa.

Paris também não havia terminado suas fortificações, e agora que os vikings estavam prontos para atacar, todos corriam para construir às pressas um novo andar na torre que protegia a ponte norte.

Acho que a procrastinação não é uma invenção moderna, Sera pensou, melancolicamente. Ela tinha sugerido que encontrassem um local quieto para os três se esconderem enquanto tentavam desvendar a mensagem codificada no SQuare. Mas antes que tivessem chance de escapar, o bispo pediu pessoalmente a ajuda de Riq. Foi isso que ele conseguiu dando uma de tradutor: chamou atenção demais para desaparecer em segundo plano.

O que significava que Sera fora incumbida de segurar placas de madeira enquanto Riq e Dak as pregavam no lugar. Não foi distração suficiente da paisagem intimidadora, e seus pensamentos logo se voltaram para o perigo que se aproximava cada vez mais.

— Ainda não estou convencida de que isso pode funcionar — ela disse. — Mesmo com o alerta antecipado, não vejo como tão poucos homens impedirão que os vikings tomem a cidade.

Dak respondeu, sem interromper o que estava fazendo:

— Originalmente, não impediram. Os vikings esmagaram os parisienses e tomaram praticamente tudo o que viram pela frente, até que proclamaram a cidade como sua base de poder e seguiram adiante para novas conquistas.

Sera olhou para Riq, imaginando se a resposta de Dak tinha sido tão perturbadora para ele quanto fora para ela. Mas Riq parecia concentrado em sua tarefa e perfeitamente disposto a ignorar os dois.

— E você acha que mudamos tudo isso?

Dak fez uma pausa.

— Talvez? — A resposta em forma de pergunta não ajudou muito a aliviar os medos de Sera. — Mas veja pelo lado bom — Dak

continuou. — Pelo menos agora vamos descobrir como funciona um aríete. — Ele deu aquele risinho de sempre.

— Isso não é algo que eu classificaria como “lado bom” — Sera resmungou.

Dak a ignorou.

— Falando em como funcionam as coisas — Dak continuou —, assim que escurecer vou dar uma escapada até a margem do rio para ver os drácares. Quero verificar pessoalmente se a réplica no Smithsonian era fiel.

Sera sentiu os olhos saltando do rosto.

— O quê? — As palavras saíram quase como um grito, e várias cabeças se viraram para ela, fazendo-a corar. Ela abaixou o tom de voz e agarrou Dak pelo ombro. — Você não vai sair desta torre, Dak Smyth!

— Vai ser rapidinho — ele argumentou. — Vou tomar cuidado, prometo. Todos aqui estão concentrados em fortificar a torre, e os vikings estão ocupados com os preparativos para amanhã. Ninguém vai me notar. Sério!

Dak estava louco? Ele já havia feito coisas muito imprudentes na vida, mas Sera não conseguia acreditar que ele estava realmente considerando deixar a segurança da torre. Sozinho, ainda por cima!

— Está fora de questão — ela disse a ele, e por uma fração de segundo teve a sensação de tontura e desequilíbrio que precedia uma Reminiscência.

Ela já havia sentido aquilo antes — a sensação de que, de alguma forma, faltava algo em sua vida, que estava *quase* ao seu alcance. Mas sempre acontecia quando estava em casa, perto do celeiro, ou quando se olhava no espelho.

Dessa vez tinha a ver com a frase que havia acabado de falar, o tom de voz e a modulação, que lhe pareceram de algum modo familiar. Ela apoiou a mão na parede para se estabilizar, suando nas têmporas. Dak pareceu não notar. Ou, se notou, deve ter pensado que ela estava só chateada com seu plano de escapar (o que, por sinal, era verdade).

— Ouça, Sera — Dak disse, soltando as ferramentas e olhando para ela —, quando eu deixei você entrar no laboratório supersecreto dos meus pais e você viu aqueles quadros cheios de fórmulas para o Anel do Infinito, não impedi que mexesse em tudo. Na verdade, se minha memória não falha, até providenciei um bom sanduíche de presunto.

Dak sabia exatamente como fazer Sera se sentir culpada e, como ela já estava instável por causa da Reminiscência, foi difícil pensar em uma boa resposta. Então optou por dizer:

— Aquilo foi diferente.

— Diferente como?

— Não havia trinta mil vikings nas proximidades, prontos para atacar! — O descontrole de Sera chamou a atenção das pessoas que trabalhavam ali perto novamente, e dessa vez várias olharam com reprovação.

Dak se aproximou e colocou a mão sobre o braço dela. Quando ele fez isso, Sera teve certeza de que havia perdido a discussão.

— Prometo que serei cuidadoso — ele disse. Seus olhos eram suplicantes e a voz, sincera. — Você sabe como isso é importante para mim. Eu sempre vivi e respirei história, e agora tenho a chance de realmente vivenciá-la, pessoalmente. Por favor, Sera.

Dak estava certo; ele a havia deixado mexer em tudo no laboratório de seus pais, embora soubesse que teria muitos problemas se eles descobrissem. Havia corrido o risco porque sabia o quanto aquilo significava para Sera. Ela soltou um suspiro dramático e Dak respondeu com um enorme sorriso.

— Um barco, e mais nada — ela disse a ele com seriedade. — Mas antes vamos descobrir como encontrar o Guardiã da História. É a prioridade.

A resposta de Dak foi um resmungo.

— Mas essas charadas são tão difíceis! E quando perguntamos sobre um desfile indiano, todo mundo encarou a gente como se fôssemos loucos!

Ela arqueou uma das sobrancelhas, habilidade que havia aperfeiçoado em várias horas gastas na frente do espelho do banheiro.

— Então acho que você não vai poder ver seu barco hoje à noite.

Dak enterrou a cabeça nas mãos e Riq deu um tapa em suas costas.

— Volte ao trabalho — ele disse, quase contente com o desespero de Dak.



No fim das contas, apesar de Sera ser um prodígio com cálculos e máquinas complicadas que exigiam instrumentos de precisão minúsculos, ela não era tão habilidosa para construir muros em fortalezas. Finalmente, depois de mais atrapalhar do que ajudar, o bispo sugeriu uma tarefa melhor para ela: enviar mensagens entre as duas torres de defesa, que protegiam as pontes em lados opostos da ilha.

Ela estava cruzando o centro da cidade, voltando para o norte, quando alguém tropeçou ao seu lado. Ela se virou e viu que se tratava de um adolescente, provavelmente não muito mais velho do que ela, com cabelos cortados bem rentes e rosto anguloso. Ela o reconheceu e imediatamente levantou a guarda — ele estivera rondando Riq, Dak e ela mesma durante grande parte do dia, sempre a uma distância em que pudesse escutar a conversa deles.

— Que noite adorável — ele disse, e ela resmungou em resposta. Mas isso não o impediu de tentar puxar conversa. — Acho que não nos conhecemos. Está há muito tempo em Paris? De onde você é?

Eram muitas perguntas para um estranho fazer a outro, e Sera acenou com a mão no ar.

— Sou de lá... — ela respondeu de forma evasiva e apertou o passo.

O garoto também acelerou.

— Eu nasci aqui, mas minha família é da Nortúmbria, na Grã-Bretanha. Lindisfarne, na verdade. Já ouviu falar?

Sera olhou feio para ele. Ela não queria saber de onde ele era, e não sabia por que ele continuava tentando conversar.

Mesmo assim, ele insistiu.

— Meu tio-tataravô era monge lá, no Monastério de Lindisfarne. Eu tenho o mesmo nome que ele. Ah, eu não me apresentei direito. Meu nome é Billfrith. — Ele fez uma pausa, certamente esperando que Sera se apresentasse, mas ela continuou caminhando em silêncio. Ainda assim, o garoto não se tocou.

— Acho que não tem muita gente que conheça o Monastério de Lindisfarne hoje em dia, o que é realmente uma pena. Teve uma época em que era um grande centro de conhecimento. Os monges se especializaram em história, e tinham um ávido interesse por Aristóteles e seu pupilo, Alexandre.

Isso chamou a atenção de Sera, e ela parou de forma abrupta. Repassou na cabeça o enigma do Square. “Deve a pista remexer... Desfile indiano ver”. Ela começou a brincar com as palavras, “remexendo” a ordem das letras, até encontrar uma nova disposição. De repente “desfile indiano ver” transformou-se em “veio de Lindisfarne”.

Ela respirou fundo.

— Espere, o que você acabou de dizer?

Billfrith teve que repetir.

— Meus ancestrais eram monges do Monastério de Lindisfarne, que já foi a maior biblioteca do mundo. Eles reuniram mais informações sobre Aristóteles do que qualquer um. O monastério foi destruído em um ataque dos dinamarqueses há mais de um século, e meu tio-tataravô foi o único que sobreviveu. Ele transmitiu tudo o que sabia. Todos da minha família são como, hum, *guardas da história*. — Ele sorriu. — Inclusive eu.

Uma violação secreta

DAK SABIA QUE SERA FICARIA FURIOSA, mas isso não o impediu de escapular da torre norte e correr para a escuridão da área continental. Fazia séculos que Sera tinha saído para levar uma mensagem à torre sul, e Dak não sabia até quando a escuridão iria durar — eles tiveram que se livrar dos relógios depois da primeira viagem no tempo, para não parecerem suspeitos. Ele não sabia direito como ver as horas pelo movimento das estrelas ou do sol, e não estava disposto a perder a chance de ver os barcos vikings de perto.

Além disso, Sera havia deixado o SQuare com ele, que havia enfiado o aparelho em uma bolsa pendurada no ombro. Então, tecnicamente, ainda estava tentando decifrar o código que haviam visto mais cedo. Só não estava, digamos, concentrado nisso naquele exato momento.

Escapar sem que Riq percebesse foi fácil, já que o garoto mais velho começou a cochilar assim que caiu a noite. E como a torre ficava do lado continental, ele não precisava arriscar cruzar a ponte e ser notado. Na verdade, tudo o que precisava fazer era não parecer suspeito. Ele havia aprendido há muito tempo que, se demonstrasse pertencer ao local, as pessoas provavelmente o ignorariam. Funcionava tão bem no século IX quanto no XXI.

Novembro em Paris acabou se revelando bem frio quando ele se afastou da luz e do calor da torre, e as roupas que Riq havia encontrado não eram muito quentes. Dak tremia enquanto tentava caminhar pela vala profunda que circundava a torre. Atrás dele, no meio do rio, sombras iam de um lado para o outro ao longo da muralha que cercava Paris. Eram os soldados vigiando os acampamentos vikings.

Dak arrastou-se rio acima, com uma longa extensão escura de água se movendo calmamente pelas margens lamacentas à sua esquerda. Uma fina camada de gelo estalava sob seus pés enquanto ele escorregava pelos campos e entre as poucas casas e cemitérios construídos do outro lado da ilha.

Mesmo daquela distância, era possível sentir o medo da manhã iminente irradiando da cidade, e isso fez com que parasse. Ele se lembrou de ter espiado dentro de uma das casas de Paris, mais no início da noite. Havia visto um pai pegar um menino pequeno no colo, secando as lágrimas assustadas dos olhos do filho. Ao se lembrar disso, sentiu um aperto e uma falta de ar conforme pensava em seu próprio pai, agora perdido no tempo. Sera acreditava na teoria de que os pais dele haviam sido atraídos para as Fraturas e que, em algum momento, eles se reencontrariam, mas Dak não tinha tanta certeza.

Em um instante, Dak sentiu o peso da tarefa que os Guardiões da História haviam dado a eles três, e como seria fácil tudo dar errado. Durante toda a vida, as suas únicas certezas foram o amor de seus pais e seu conhecimento de história.

Agora seus pais estavam desaparecidos e a história estava mudando.

Dak olhou para a torre norte e pensou em dar meia-volta. Sera ficaria preocupada. Mas logo sentiu a inevitável atração pelos barcos vikings atracados no rio. Só levaria um minuto ou dois para ele descer e dar uma olhada. Com os vikings acampados mais para o interior, era sua melhor oportunidade.

O conhecimento concreto sobre os artefatos vikings era raro no futuro, e a possibilidade de voltar para casa e ser capaz de corrigir os registros era tentadora demais para deixar passar.

Dak esperava que Sera tivesse cochilado como Riq, mas, só por desencargo de consciência, ele olhou para trás e se desculpou em silêncio, apressando-se na direção dos barcos. Eles se agigantavam sobre ele. O barco que tinham visto (e que quase os esmagara) durante o passeio com a escola no Smithsonian não era nada em comparação aos verdadeiros. Dak esticou o braço e colocou a mão sobre um dos cascos. A madeira era lisa, pintada com azuis e vermelhos vivos, sem nenhuma mancha ou defeito. Buracos pontuavam as laterais, onde os remos podiam ser encaixados, e a proa curvava-se na forma de uma cabeça de dragão sinistra.

Dak havia prometido a si mesmo que daria apenas uma olhada rápida e iria embora, mas era impossível. Olhar para o casco não era suficiente; ele tinha que subir a bordo, sentar nos bancos, e colocar as mãos em um par de remos. Acima dele, as velas estavam amarradas firmes nas vergas que se ligavam a uma floresta de mastros, e ele ficou imaginando as cores que teriam quando abertas: vermelho, amarelo, branco, azul, verde.

Ele estava tão distraído sonhando acordado que não ouviu o barulho de passos se aproximando pela margem congelada. Ele estava parado de pé na proa do barco viking, imaginando altas aventuras marítimas, e no segundo seguinte viu-se deitado de costas no chão.

Esmagando-o contra o convés estava a maior fera que ele já havia visto em toda sua vida. Tinha patas do tamanho de blocos de cimento, posicionadas de cada lado das costelas de Dak. Mas ele só conseguia focar na cabeça do monstro — mais especificamente em sua boca, uma caverna de dentes afiados. De dentro dela saía um bafo quente que fedia a algo verdadeiramente repugnante. Para completar, seu rosnado aterrorizante fazia todo o barco vibrar.

Não era bem dessa forma que Dak imaginava que sua vida acabaria, mas ele não podia fazer quase nada para se defender. Só

Ihe restava tentar um pouco de diplomacia.

— Cachorrinho bonzinho — ele murmurou. — Quem é um bom menino? — Isso só fez com que a fera passasse a língua sobre os dentes, na expectativa.

— Senta! — Dak tentou novamente. O cachorro inclinou a cabeça para o lado e um longo fio de baba escorreu de sua boca, parando a milímetros da bochecha de Dak.

O que Dak ouviu em seguida quase o assustou mais do que a fera prensando-o contra o deque: um estrondo grave, que parecia mais um trovão do que a risada de um homem. O maior ser humano que Dak já havia visto apoiou-se para entrar no barco, fazendo com que ele quase virasse.

Quando o homem falou, o aparelho no ouvido de Dak mudou imediatamente o idioma para traduzir. Ao ouvir as palavras, Dak achou que talvez tivesse sido melhor permanecer na ignorância.

— Bem, Vígi — disse o gigante, analisando a situação. — Parece que você finalmente encontrou seu jantar.



Sera não conseguia parar de andar de um lado para o outro.

— Onde ele está? — ela já havia perguntado um milhão de vezes e sabia que Riq não tinha a resposta, mas isso não a impediu de repetir para si mesma. Não conseguia *acreditar* que Dak tinha se escafedido sem avisar ninguém. Eles tinham um acordo: primeiro encontrariam o Guardiã da História, *depois* ele poderia ir ver um barco viking. (E embora ela, tecnicamente, já tivesse encontrado o Guardiã da História, Dak não sabia disso. O que significava que ele havia quebrado totalmente as regras.)

O céu já estava clareando, então os vikings atacariam a cidade a qualquer momento. Ela não era capaz de suportar a ideia de Dak sozinho por aí. Sera sentou e colocou a cabeça entre as mãos.

— Eu vou matar o Dak — ela resmungou, com desânimo.

O que faria se o perdesse para sempre?

Ela estremeceu e tentou pensar em outra coisa. Felizmente, tinha outro problema com que se preocupar.

— Certo, Billfirth — ela disse, virando-se para o Guardião da História.

— Billfrith — ele corrigiu.

Ela franziu a testa.

— Foi o que eu disse.

— Não — Riq corrigiu. — Você disse *firth*, não *frith*.

Ela respirou fundo e finalmente sugeriu:

— Que tal eu chamar você só de Bill?

Ele respondeu com um sorriso, que ela considerou como consentimento.

— Então — Sera continuou. — Agora que encontramos você, pode nos dizer o que devemos fazer aqui, não é?

Bill alternou um olhar nervoso entre os dois.

— Eu posso dizer, historicamente, o que nos trouxe a esse ponto, mas não posso dizer *o que é* a Fratura, nem como foi (ou será) causada. Isso é algo que só poderá ser determinado a partir do futuro, depois que ela acontecer.

Sera levantou o braço para enrolar uma mecha de cabelo, hábito que tinha para aliviar a frustração, mas logo lembrou que a maior parte dele tinha sido cortada durante a primeira viagem no tempo. Em vez disso, suspirou e colocou as mãos sobre o colo.

— Parece que trocamos um fanático por história inútil por outro — Riq lamentou.

Sera dirigiu a ele um olhar incisivo.

— Mari e Brint não mandariam procurar Guardiões da História se não achassem que precisaríamos de ajuda.

— Não estou questionando se precisamos mesmo de ajuda — Riq reagiu. — Estou questionando se esse menino poderá nos ajudar.

Sera viu Bill franzir a testa ao ser chamado de "menino", e seu rosto corou de constrangimento pelo mau jeito de Riq.

— Eu posso afirmar que há membros da SQ entre as fileiras de vikings — afirmou Bill. — Essa informação é útil.

— Nós já percebemos isso — Riq rebateu.

Sera já estava cheia.

— Ei, nós temos o mesmo objetivo aqui. Que tal trabalharmos juntos?

A única resposta de Riq foi franzir a testa e caminhar até uma abertura estreita no muro da torre. Todos estavam tensos. Já haviam se precipitado e interferido no curso da história, e nenhum deles sabia que efeitos isso traria. Durante a noite, os parisienses haviam conseguido deixar a torre cinquenta por cento mais alta, mas não parecia suficiente para protelar o ataque viking iminente.

Ela tinha acabado de se virar para Bill para perguntar mais sobre o que ele sabia, quando ouviu Riq soltar um suspiro. Ao se virar para eles, seu rosto estava carrancudo.

— Bem, a boa notícia é que encontrei Dak. A má é que os vikings também.

Rollo, o Caminhante

O CÃO ENORME PASSOU A LÍNGUA por todo o rosto de Dak, como se o estivesse experimentando. Se Dak achou o bafo da criatura ruim, a baba era ainda pior. Ele tentou prender a respiração para não sentir o fedor.

— Por favor, não me coma! — ele gritou.

O gigante que se inclinava sobre a borda do barco deu risada.

— Chega, Vígi — ele ordenou. — Esse aí é muito mirrado para uma refeição. — O cachorro bufou antes de sair de cima de Dak e parar ao lado de seu mestre.

Dak se sentou, secando o rosto.

— Argh, o que você dá pra essa coisa comer? Queijo mofado? E não estou falando dos bons, como um belo roquefort.

O homem olhou para Dak de maneira expressiva.

— Às vezes. Quando não conseguimos encontrar francos suficientes para satisfazer o apetite dela.

A resposta fez Dak engolir em seco. Será que o viking achava que Dak era um espião inimigo? Melhor se fazer de bobo.

— Hum, também não sou parisiense. Talvez a gente possa encontrar um para ela. — Ele se levantou e começou a seguir em direção à popa, para descer do barco, ficando o mais longe possível do viking — e de seu cão.

Aparentemente, o viking não estava querendo que Dak fosse embora, porque enfiou a ponta do barco na água, fazendo o convés se inclinar e Dak cair sobre um dos bancos.

— E ainda assim você fala francês tão bem quanto fala a língua do meu povo. — Quando Dak começou a negar, o homem continuou. — Ouvi você falando com Vígi quando me aproximei.

Dak se lembrou da desculpa que Riq havia usado anteriormente e fez uma tentativa.

— Eu gosto de idiomas. Sou uma espécie de colecionador deles, por assim dizer.

Mas aparentemente aquele viking não era tão ingênuo quanto os outros. Ele franziu os lábios.

— Igual ao tradutor do bispo, não é? Tem mais algum estudioso de línguas nas redondezas que eu deva conhecer?

Dak negou com a cabeça. Quanto menos falasse, melhor. Até onde ele sabia, o viking diante dele poderia ser da SQ. Talvez até um Guardiã do Tempo, e nesse caso Dak estaria em grandes apuros. Ele precisava voltar para a torre ou, melhor ainda, para dentro das muralhas da cidade.

— Olha, a conversa foi boa, mas acho que já está na hora de ir...

Dak havia passado uma perna pela lateral do barco e estava escorregando para a margem quando o viking o pegou no ar. Com uma mão só. Os esforços de Dak eram inúteis — a mão do homem era tão gigante que quase dava a volta em sua cintura.

— Não precisa sair com tanta pressa — o homem rugiu. — Você me diverte. Acho que vou ficar mais um pouco com você. Além do mais, você parece útil. E se por acaso não for, pode ser o novo brinquedinho de Vígi. Acho que ela está começando a gostar de você.

Ao ouvir seu nome, Vígi mostrou os dentes. Dak não sabia se a cachorra estava sorrindo ou deixando claro o quão perto ele esteve de se tornar jantar (e que tal possibilidade ainda não estava totalmente descartada).

Alguma coisa pontuda apertou o quadril de Dak e ele se deu conta de que era uma das extremidades do SQuare. Se os vikings o tivessem nas mãos, ele estaria *realmente* em grandes apuros. Dak não teria como explicar aquele tipo de coisa.

Sua mente começou a girar freneticamente, tentando pensar no que fazer. O viking afrouxou a mão para colocá-lo sobre a borda do navio, e Dak aproveitou a oportunidade para soltar a bolsa no convés, atrás de um dos grandes escudos redondos dispostos ao longo do casco. A bolsa não ficou à vista, mas também não estava totalmente escondida.

Com uma sensação profunda de desconforto, Dak deixou-se cair no chão. Quando se viu cara a cara com o umbigo do viking, ele se deu conta de como o cara era gigantesco.

— Rollo, o Caminhante — disse o homem, batendo o punho enorme sobre o peito.

Dak franziu o rosto, confuso.

— Caminhante?

O viking abriu um grande sorriso.

— Por não existirem cavalos fortes o suficiente para carregar um homem do meu tamanho. Quem é você?

— Dak — ele respondeu. Parecia que Rollo esperava mais. — Hum, Dak, o... er... Comedor de Queijo?

Aquilo arrancou outra risada estrondosa do gigante.

— Veremos o que dá para arranjar lá no acampamento para você. Pode ser que tenha sobrado um pouco de queijo de cabeça, se tiver sorte.

O estômago de Dak roncou com a mera menção de seu alimento favorito.

— Nunca ouvi falar desse queijo — ele disse, já com água na boca. — É de cabra ou de vaca?

— Vaca. — Rollo começou a se afastar do rio e andar na direção das fogueiras espalhadas pelo campo.

Dak não pretendia deixá-lo se afastar muito, afinal, o assunto agora era queijo.

— Estamos falando de algo duro como parmesão, ou mais macio, como um belo e cremoso brie?

Rollo olhou para ele com uma expressão estranha.

— Eu descreveria como “borrachudo”, mas é porque gosto de colocar os olhos e o cérebro junto. Senão sobram apenas a carne, a língua e talvez um pedaço de coração... e qual a graça da textura disso?

— O quê? Por que você coloc... — Dak nem conseguiu finalizar o pensamento; seu estômago estava muito ocupado se revirando. — Olhos? Cérebro? Por que você estragaria um queijo desse jeito?

O sorriso de Rollo era largo e mostrava dentes demais para o gosto de Dak.

— *Queijo de cabeça*, eu disse. Não é feito de leite. É como uma gelatina de carne feita com a cabeça da vaca. Eu deixo você experimentar quando chegarmos ao acampamento.

Rollo fez sinal para Dak continuar andando.

— Espere! — disse Dak. Alarmado, ele virou para trás e olhou para a torre norte. Atrás dela, uma faixa de luz fraca começava a aparecer no horizonte. Não demoraria muito até o início da batalha. — Eu estava pensando em espionar as defesas parisienses, talvez ver se existe algum ponto fraco para vocês explorarem de manhã. É como eles dizem: um viking preparado está sempre... er... preparado.

Ele tentou sorrir, mas até Vígi bufou de desdém.

Rollo se curvou até ficar cara a cara com Dak.

— Vou ser sincero. Você me intriga, mas isso não quer dizer que eu confio em você. Ainda não me decidi se você é amigo ou inimigo, e eu gosto de manter ambos por perto. De qualquer modo, você não sairá das minhas vistas. Tente, e serei obrigado a mandar meu melhor guerreiro atrás de você. — Ele colocou a mão sobre a cabeça de Vígi, indicando de quem se tratava. — E ela não é conhecida pela piedade.

Máquinas de guerra

SERA OLHOU PELA JANELA e viu Dak agachado à sombra de um enorme viking. Seu coração batia com força no peito, e havia uma ponta de pânico em sua voz.

— Precisamos ir atrás dele.

Ela já estava seguindo a direção das escadas da torre quando Riq colocou a mão em seu ombro.

— Temos um trabalho a fazer, Sera — ele disse. — Se sairmos e formos capturados, como vamos corrigir a Fratura?

— Ele precisa da nossa ajuda — ela argumentou, mas nem assim Riq a soltou. Sera fechou os olhos, tentando encontrar paciência, mas não havia nenhuma. Ela não entendia como ele podia hesitar. Era *Dak* que estava do outro lado da muralha, e ele claramente precisava de ajuda.

— Acho que vocês dois estão se esquecendo de um problema maior — Bill sugeriu.

Sera olhou feio para ele.

— Eu *sei* o que deveríamos estar fazendo — ela rebateu. — Mas às vezes salvar seu melhor amigo é mais importante do que salvar o mundo!

— E quanto a salvar a si mesma? — ele perguntou.

Sera franziu a testa, sem entender. Bill apontou para a janela.

— Eu diria que temos uns cinco, talvez dez minutos antes de os vikings nos atacarem com força total. E eles têm muito mais homens do que nós.

Ela não queria, mas espiou pela janela que dava para a área continental. O que viu a deixou atordoada. Durante os poucos instantes que passou argumentando, os vikings haviam deslocado artefatos de madeira imensos que agora estavam à vista. Ela não tinha ideia do que eram, mas suspeitava que descobriria em breve.

Bill se juntou a ela perto da janela.

— Catapultas — ele disse. — Máquinas de guerra que eles usarão para atirar pedras imensas. E é apenas o começo do ataque.

— Temos que fazer alguma coisa — ela sussurrou.

Riq e Bill trocaram olhares.

— Só tem uma coisa que podemos fazer — Bill sugeriu.

Sera suspirou, já temendo a resposta.

— E o que é?

Riq entregou a ela um arco e uma aljava com flechas, como se ela tivesse alguma ideia de como usá-los.

— Temos que lutar.

Ao longe, Sera ouviu soar a primeira trompa de batalha dos vikings. A ela seguiu-se mais uma e outra, até o ar ficar repleto com o som delas.

— Mas e se fracassarmos? E se os vikings tomarem Paris, afinal?

Mais uma vez Bill olhou para Riq, e Sera teve certeza de que havia algum tipo de comunicação silenciosa entre eles, da qual ela não fazia parte.

— Vamos torcer para que não chegue a isso — ele finalmente disse quando os vikings soltaram a primeira catapulta com uma tempestade de pedras e flechas.



Rollo enfiou Dak em uma barraca, mandou Vígi ficar na entrada para vigiá-lo, e então saiu para o campo de batalha. Dak protestou o máximo que pôde — ele não só precisava voltar de qualquer jeito para onde estava Sera, mas também estava triste por perder completamente a batalha. Simplesmente não era justo!

Primeiro, Dak tentou passar escondido por Vígi, mas mesmo quando ela parecia dormir profundamente (como davam a entender seus roncos ensurdecedores), era só Dak encostar na aba da barraca que ela levantava num pulo e rosnava tão alto que ele sentia o ar tremer.

No final, ele elaborou um plano infalível. Vígi era exatamente como qualquer outro cão que ele conhecia: bastava passar uns dez minutos fazendo carinho atrás da orelha e ela entregaria sua vida a ele. Na realidade, o plano de conquistá-la funcionou bem até demais — ela tentou segui-lo até o campo de batalha várias vezes, até ele finalmente encontrar um pedaço de corda para amarrá-la a uma das estacas da barraca.

— Desculpe, menina — ele disse, afagando-a sob o queixo quando ela olhou para cima com cara de coitada. — Não quero que você se machuque — ele acrescentou. A expressão dela parecia perguntar “mas e você?”, uma pergunta que Dak preferia ignorar.

Ele encontrou uma calça e uma túnica de lã um pouco larga, que vestiu no lugar de suas roupas francas para se misturar melhor à horda viking. Parecia ter funcionado, pois enquanto caminhava pelo campo ninguém prestou atenção nele. Agora era apenas uma questão de seguir os sons da batalha.

Dak se deu conta de que havia lido mais sobre guerra do que qualquer outra pessoa que conhecia. Havia memorizado listas de baixas, estudado linhas cronológicas sobre o desenvolvimento de armas e aprendido estratégias de batalha, e até então se considerava um especialista.

Mas uma guerra de verdade não era nada parecida com os relatos que ele havia lido nos livros. Para começar, tinha o barulho: era muito mais alto do que ele esperava. Homens gritavam comandos,

trabucos lançavam pilhas de pedras e catapultas atiravam lanças no ar; trompas de batalha eram sopradas e sinos de igreja badalavam. Depois, os cheiros: fumaça gerada pelo fogo ateadado à muralha da cidade; sangue de feridas abertas, o fedor terroso de lama e suor.

Seus dedos estavam ávidos para registrar tudo em seu diário no Square. Em sua cabeça, ele se imaginava voltando para casa, compartilhando seu relato inédito, e se tornando um historiador famoso. Ele seria um especialista reconhecido mundialmente e, quando abrisse a boca para falar sobre acontecimentos aleatórios da história, as pessoas ouviriam sem rir ou revirar os olhos.

Quando seu delírio estava para terminar com sua subida ao palco para receber o Prêmio Nobel, Dak foi interrompido pela dura realidade.

— Você, menino! — alguém gritou com raiva. Dak olhou para trás, tentando parecer inocente. Ele reconheceu o viking que se aproximava. Era um dos homens que acompanhara Siegfried na capela na manhã anterior, aquele chamado Gorm, com a grande cicatriz vermelha que ia da sobrancelha até o queixo, e que pareceu desconfiar da capacidade de Riq de falar tanto língua nórdica antiga quanto francês.

— Não acha que está um pouco fora do tempo? — ele perguntou a Dak.

A pergunta parecia inofensiva, mas Dak captou seu duplo sentido. Gorm sabia que ele não deveria estar ali, que ele era de outro século.

O que significava que estaria em grandes apuros se Gorm colocasse as mãos nele.

Então Dak correu, bem para o meio do campo de batalha.

Sob ataque

SERA OBSERVOU MARAVILHADA o primeiro bombardeamento de pedras. Tantos projéteis preencheram o ar que era quase impossível ver o céu. Foi só quando Bill a arrancou da janela da torre e se debruçou sobre ela que Sera realmente entendeu o que estava prestes a acontecer.

Ou melhor, o que já havia começado. A torre estremeceu ante o massacre. As pedras destroçavam as muralhas. Flechas entravam pelas janelas abertas e cravavam o piso de madeira aos seus pés.

— Precisamos encontrar um lugar seguro! — Riq gritou, e eles seguiram abaixados para as escadas. Um mar de francos ia na direção contrária a eles, correndo para o alto da torre para assumir posições de defesa. Os homens usavam vestimentas de batalha: túnicas acolchoadas e capacetes de metal. Alguns carregavam espadas e escudos, e outros tinham arcos e flechas. Só de olhar para eles, Sera sentia-se vulnerável com sua túnica simples de lã.

— Por aqui — Bill insistiu, pegando no cotovelo dela e a levando por um corredor estreito e escuro. Sera deu apenas alguns passos quando ouviu Riq gemer atrás dela. Ao se virar, ela o viu sendo puxado na direção oposta por um grande soldado franco.

— Só temos duzentos soldados deste lado do rio para defender a torre — disse o soldado, dando uma espada de aparência perigosa

nas mãos de Riq. Ela era tão pesada que Riq por pouco não aguentou segurá-la. — Precisamos de todos os homens que conseguirmos. — Ele começou a arrastar Riq escadaria acima.

— Espere! — Sera gritou. Ela engoliu em seco e tentou impedir que sua voz tremesse. — Eu também vou ajudar. — Ela já havia sido separada de Dak, não podia perder Riq também. Atrás dela, Bill fez sinal para que ficasse quieta.

O soldado olhou para ela com os olhos semicerrados, como se estivesse considerando seriamente sua oferta, mas depois fez cara feia.

— Você deveria estar do outro lado do rio com as outras crianças. Não sei o que ainda está fazendo aqui, mas agora não dá mais tempo. — Ele empurrou Riq na direção da escadaria, onde ele foi engolido pela multidão de homens. — Quer ajudar? — o homem perguntou. — Então fique fora de nosso caminho. — E logo ele também desapareceu.

Sera tentou correr atrás deles, mas Bill manteve a mão apertada em volta de seu braço.

— Ele está certo, Sera — ele disse, mas ela não queria escutar. Sentia que estava perdendo completamente o controle sobre tudo. O papel de Dak era usar seu conhecimento histórico para descobrir as Fraturas e como corrigi-las. A função de Riq era garantir que eles sempre conseguissem se comunicar com aqueles à sua volta. E por fim tinha Sera, cuja única contribuição era assegurar que o Anel do Infinito os levaria para o lugar e época corretos. E mesmo isso não era tão complicado a ponto de Dak ou Riq não conseguirem se virar, caso precisassem.

O que significava que a verdadeira responsabilidade de Sera era manter os três juntos. Eles estavam em 885 havia menos de vinte e quatro horas, e ela já havia fracassado. Terrivelmente.

Como se sentisse o quanto Sera estava chateada, Bill afagou gentilmente seu braço.

— Ele vai ficar bem — ele disse. — Os dois vão.
Sera sacudiu a cabeça.

— Como você sabe? Graças a nós, a história está sendo totalmente alterada, e não sabemos se para melhor ou pior.

Ele segurou a mão dela, o que foi um pouco estranho a princípio, até encaixarem os dedos.

— Do meu ponto de vista, posso dizer que mudou para melhor — ele disse suavemente, fazendo Sera corar.

Ela não sabia muito bem como responder. Desde que saíram de casa, Sera ficou tão concentrada em corrigir as Fraturas que nunca lhe ocorreu como essa manipulação da história afetaria quem eles conhecessem pelo caminho. Ela pensou na primeira Guardiã da História que encontraram — Gloria, a açougueira — e em como ela havia arregalado os olhos quando lhe contaram sobre aviões e homens na Lua. Será que ela passou o resto da vida sonhando com essas coisas, ou seguiu com suas tarefas de sempre, como se nunca tivesse conhecido garotos do futuro?

Naquele exato momento, houve um tremendo barulho de explosão. Algumas pedras caíram do teto e estilhaçaram-se a seus pés. Uma grande fenda sacudiu a muralha, deixando entrar um feixe de luz do sol e o som de homens gritando e espadas se chocando. Outro golpe abalou a torre, e Sera e Bill tropeçaram enquanto tentavam se equilibrar.

— Não é seguro ficar aqui — Bill gritou para ela, tentando ultrapassar o ruído da batalha. — Siga-me. — E logo ele a estava conduzindo por um corredor escuro, ainda segurando sua mão com força.

Eles passaram por algumas fendas estreitas na muralha, que, segundo Bill explicou, eram aberturas por onde os arqueiros disparavam flechas em quem estivesse atacando. Ao passarem por elas, Sera deu algumas olhadas para fora, tentando espiar o desenvolvimento da batalha. Centenas de barcos se enfileiravam no rio, todos repletos de homens usando cota de malha e capacetes, balançando espadas ou atirando na torre com arco e flecha. Todos seguiam na direção da ponte, descarregando sua leva de soldados na margem mais próxima. Então eles se juntavam aos que cavavam

na fundação da torre com picaretas e pás, tentando abrir um túnel por baixo do largo muro.

Ao longo da margem norte, mais vikings preparavam trabucos e catapultas, arremessando pedras e recipientes com óleo em chamas sobre as muralhas da cidade fortificada. O céu estava tomado por projéteis, o ar escurecido com a fumaça e repleto de gritos e berros. Os sinos da igreja badalavam e as trompas de batalha eram sopradas como se os dois lados pudessem guerrear apenas com o som.

Bill a puxou por uma passagem apertada que dava para um pequeno cômodo circular, com teto alto e abobadado.

— É uma antiga torreta — ele disse. — Eles mudaram o projeto da torre depois que esse cômodo foi construído, então a maioria das pessoas se esquece dele. Ficaremos a salvo aqui por um tempo. Pelo menos até a ponte esvaziar o suficiente para voltarmos à cidade.

Havia vãos estreitos espalhados pela parede na altura dos joelhos, e Sera enfiou a cara em um deles.

— Buracos da morte — Bill explicou. Ele mostrou como as laterais dos buracos formavam ângulos fechados, estreitando a visão. — Os homens podem se ajoelhar aqui e atirar flechas, acertando soldados do lado de fora, mas é quase impossível uma flecha entrar.

Ele se apoiou em uma das paredes e escorregou até sentar. Suas pernas ocuparam grande parte do espaço no chão, de modo que Sera teve de se sentar com os joelhos dobrados. Ela ainda sentia o chão tremer conforme as pedras acertavam a torre. Mesmo que significasse assistir às forças devastadoras os atacando, não conseguia deixar de olhar para fora, tentando encontrar Dak.

Ela esperava que ele fosse esperto o bastante para ficar bem longe do front de batalha. Mas também o conhecia bem o suficiente para ter certeza de que ele jamais ficaria longe do centro dos acontecimentos.

— Por favor, não seja estúpido — ela murmurou para si mesma.

Milagrosamente, logo seu olhar encontrou uma pequena figura correndo no meio da multidão de vikings. Sera já havia frequentado muitas aulas de educação física com Dak, e reconheceu seu trote esquisito enquanto ele se abaixava atrás de uma pilha de escudos ensanguentados que haviam sido descartados.

— Dak! — ela gritou, batendo a mãos na parede. Mas tudo o que podia fazer era observar, e esperar que nenhum dos estilhaços, de ambos os lados, atingisse seu amigo.

Não era como um jogo de queimada (em que, por sinal, Dak nunca fora muito bom): aquelas bolas voadoras podiam matar!

Um único escudo se destacou da pilha e começou a se mover intermitentemente através do campo de batalha. O círculo de madeira era enorme — tinha no mínimo a altura de Dak, que tentava se equilibrar embaixo do peso. Um bando de vikings estava ao redor dele, correndo na direção da torre com gritos e urros horripilantes, mas um deles deve ter esbarrado em Dak, porque ele tropeçou e se estatelou no chão.

Assim que ele começou a se levantar, uma flecha poderosa foi lançada da torre e rasgou o ar. Ela passou raspando pela cabeça de Dak antes de atingir sete vikings que corriam logo atrás dele.

Sera ouviu o barulho de homens comemorando logo acima. Um deles gritou:

— Diga aos cozinheiros que temos um espetinho humano para eles prepararem!

Sera gritou quando os vikings cambalearam e depois caíram. O rosto de Dak ficou branco de choque e ele se abaixou, aparentemente paralisado, completamente exposto no campo aberto, onde qualquer um poderia acertá-lo.

Ela escutou alguém gritando, e só então percebeu que os gritos vinham da sua própria garganta, chamando Dak pelo nome e dizendo para ele sair dali.

Carregando o estandarte

DAK NÃO CONSEGUIA SE MEXER. A flecha tinha passado tão perto de sua cabeça que ele podia jurar que havia criado uma nova divisão em seu cabelo. Ele ouviu o som terrível da ponta afiada de metal acertando os vikings que corriam atrás dele, e depois o gemido quando eles desmoronaram. Sangue vermelho escuro escorria do peito deles, transformando o solo ao redor em uma lama escarlate.

Um choque de realidade sobre onde ele estava e o que estava fazendo bateu tão forte quanto um aríete colidindo contra o portão de uma fortaleza. Ele estava sem armas e sem armadura, no meio de um campo de batalha caótico. Mas pelo menos havia *um* ponto positivo naquilo tudo: ele estava bem longe de Gorm. Mas ser morto àquela altura do campeonato não ajudaria ninguém, muito menos ele próprio.

Por um breve momento, a violência ao seu redor parou e ele teve a impressão de ouvir alguém gritando seu nome. Olhou para o alto da torre, a menos de cem metros de distância, tentando encontrar um rosto conhecido. Era inútil, e ele sabia disso. Riq e Sera já deviam estar em segurança dentro da fortaleza que ficava na ilha — bem longe dos perigos da batalha.

Mas então ele teve a impressão de ouvir a mesma voz gritando para ele sair dali. Dak nem questionou de onde a ordem vinha:

simplesmente obedeceu, agachando-se e saindo rapidamente pela esquerda.

Uma flecha passou zunindo pelo ar, como um lamento agudo, acertando o escudo debaixo de Dak com um baque forte. Mais cinco centímetros para a esquerda e teria perfurado seu ombro.

Foi o suficiente para Dak se levantar e voltar correndo na direção do acampamento viking — enfrentar Gorm parecia a melhor opção no momento. Ao correr, ia da direita para a esquerda tentando se transformar em um alvo mais difícil. Havia acabado de subir uma pequena colina quando viu uma fileira de vikings — centenas deles — correndo para o campo de batalha com os escudos acima da cabeça, para se protegerem da chuva de pedras e flechas.

Logo ficou bem claro que Dak morreria pisoteado se continuasse em frente. Ele não tinha outra opção além de dar meia-volta e correr junto com eles, deixando-se contagiar por aquela energia vibrante. Enfiado entre corpos enormes e escudos redondos imensos, Dak sentia-se quase seguro.

Era quase como se fosse um deles.

Quando se aproximaram da torre, o som de pedras batendo nos escudos tornou-se tão ensurdecido quanto os gritos ao seu redor. Um garoto magro como uma vareta, segurando um mastro alto com uma bandeira tremulando no topo, sorriu para Dak enquanto corriam lado a lado. Dak estava começando a retribuir o sorriso quando os olhos do menino se arregalaram e os dentes ganharam uma tonalidade vermelho-rosada. Quando ele caiu de joelhos, Dak viu uma lança enfiada no meio de suas escápulas.

Horrorizado, Dak deu um passo à frente — seu instinto era o de oferecer ajuda, mesmo sabendo que não poderia fazer nada. O garoto não disse uma palavra, apenas esticou o mastro, colocando-o nas mãos de Dak antes de cair. Dak ficou ali parado, segurando o mastro, sem a mínima ideia do que fazer em seguida.

Um dos vikings deve ter notado o olhar de terror e confusão no rosto de Dak, pois deu um tapa em suas costas — provavelmente

em um gesto de incentivo, mas que acabou por espalhar uma onda de dor por todo o corpo de Dak.

— Agora você é o porta-estandarte, menino — ele disse, apontando para a bandeira. — Aquele é o símbolo de Siegfried. Você não pode deixá-la cair, deve cuidar dela como se fosse a sua própria vida. E é melhor tomar cuidado: segurar isso o transforma automaticamente em alvo. Os francos farão de tudo para pegar a bandeira como prova de vitória.

Então o homem desapareceu, e Dak foi deixado no meio da batalha, olhando para o pedaço de tecido pendurado frouxamente no alto do mastro. Uma brisa preguiçosa passou por ele, esticando a bandeira até que pudesse vê-la claramente. Se o seu coração já não estivesse congelado de medo, teria virado uma pedra de gelo naquele momento.

Ele reconheceu o emblema que Siegfried usava em sua bandeira. Já havia visto antes na lapela de Tilda, a Dama de Vermelho, gravado na fivela do cinto dos irmãos Amâncio e arranhado em um muro da Paris de 1792. Era o símbolo da SQ, e agora aparentemente era responsabilidade de Dak protegê-lo.



— Pelo amor, o que Dak tem na cabeça? — Sera resmungou. Ela e Bill ajoelharam-se lado a lado, olhando pelo buraco da morte na direção de onde Dak estava, segurando uma bandeira que tremulava com a brisa fraca. — Ele acabou de se transformar em alvo!

Ao lado dela, Bill ficou tenso e xingou baixinho, usando uma palavra que o dispositivo no ouvido de Sera se recusou a traduzir.

— O que foi? — ela perguntou, o medo já espalhado pelo estômago.

— Reconheço o emblema naquele estandarte — ele disse. — É o símbolo dos homens que atacaram Lindisfarne.

Sera franziu a testa.

— O símbolo da SQ. É por isso que estamos aqui: Siegfried é da SQ e temos que impedir que ele acumule poder.

Bill pressionou o rosto contra o buraco novamente e falou enquanto ela fazia o mesmo:

— Não estou preocupado só com aquela insígnia, mas sim com todas as outras.

Sera deixou os olhos percorrerem o campo de batalha. Agora que ela estava procurando outra coisa além de Dak, percebeu que metade dos homens levava o símbolo da SQ em algum lugar — gravado em capacetes, pintado em cascos de navios, e até mesmo bordado nos mantos sobre os ombros dos vikings.

— Eles estão por toda parte — ela disse, em choque.

Bill se virou até ficar de frente para Sera; ela podia sentir sua respiração quente no rosto.

— Existe alguma chance de saberem que vocês estão aqui?

Sera negou com a cabeça.

— Não, a não ser... — Ela se segurou quando estava prestes a mencionar Dak. Sabia que ele não teria dito nada que os entregasse. Então ela se lembrou do viking que acompanhou Siegfried na catedral, aquele com a cicatriz no rosto.

— Um dos homens de Siegfried pareceu suspeitar. Por quê?

Bill se encostou na parede, passando a mão ao longo da lâmina de sua adaga.

— Vocês representam uma ameaça ao poder que a SQ levou onze séculos para reunir. Se suspeitarem que existe alguém do futuro atrás dessas paredes, farão de tudo para chegar até vocês.

Sera voltou a olhar para o campo de batalha. Havia soldados até onde a vista alcançava. Individualmente, eram como gotas d'água que, combinados, criavam um enorme oceano.

— Como poderemos combater tantos deles?

Bill hesitou antes de responder, e Sera estava começando a perceber que aquilo nunca era um bom sinal.

— Acho que vocês precisam encarar a possibilidade de que Paris seja tomada — ele finalmente disse. — E, se isso acontecer, vocês não terão escolha além de ir embora daqui e impedir que o Anel do Infinito caia nas mãos da SQ.

Dando um mergulho

DAK PASSOU A MAIOR PARTE DAS HORAS SEGUINTEs tentando evitar ser morto, o que não era tão fácil quanto parecia. Mesmo que os francos estivessem em número muito menor, tinham os benefícios dos muros largos entre eles e os vikings. Além disso, eles lutavam para defender suas casas, o que os tornava especialmente temíveis.

Para tornar a tarefa de continuar vivo (e inteiro) ainda mais difícil, Dak não usava armadura nem levava armas. Tinha apenas aquela bandeira estúpida, o que significava que também não poderia sair de fininho. Sempre que tentava entregá-la a alguém, recebia fortes tapas nas costas e parabéns por ter aguentado tanto tempo. Aparentemente, porta-estandarte era um trabalho de curto prazo e com alta taxa de mortalidade.

O único benefício de sua função era ter bastante tempo para correr em volta das fortificações, procurando um modo de entrar. Ele sabia que tentar usar a força seria inútil. Se trinta mil vikings não conseguiam derrubar a muralha, que esperança teria um menino de onze anos?

Sua única chance seria usar a cabeça, que estava transbordando com histórias de fortalezas que haviam sido derrubadas de várias maneiras. Sua favorita sempre foi a do Château Gaillard, um castelo medieval supostamente impenetrável. Entre suas várias características havia um banheiro extra construído na capela.

Seguindo as ordens do rei João I, da Inglaterra, o pequeno cômodo fora construído de modo a ficar anexo à lateral do prédio, com um buraco no chão. Era um artigo de luxo naquela época.

Quando o rei francês Filipe II atacou o Château Gaillard, as pessoas que estavam do lado de dentro sentiram-se seguras o bastante para aguardar até o fim do cerco. Mas então um soldado chamado Ralph Nariz Arrebitado notou uma mancha sob um buraco na lateral de uma das paredes e, usando o nariz que lhe rendera o apelido, descobriu para que o buraco servia.

Aquele soldado infeliz teve que escalar a calha da latrina e passar pelo buraco para chegar até o castelo (eca!). Funcionou: o cara surpreendeu todo mundo lá dentro e abriu o portão para deixar seu exército entrar.

Se fosse preciso fazer isso para reencontrar Sera e Riq, Dak estava disposto a tentar — e foi por isso que ele se pegou olhando para o alto da torre enquanto os homens lá de dentro rolavam uma enorme roda de pedra até a beirada. Qualquer batidinha e aquela coisa cairia com tudo.

Dak ficou ao lado de um grupo de vikings que batia com picaretas contra a base da muralha. Eles estavam tão concentrados na tarefa que não tinham ideia do perigo iminente acima. Dak nem parou para pensar no fato de que alguns daqueles vikings eram membros da SQ... o que, tecnicamente, os transformava em vilões.

— Saiam daí! — ele gritou. Usou o mastro para tirar dois dos homens do caminho e depois mergulhou sobre um terceiro, derrubando-o no chão e rolando.

A roda de pedra parecia cair em câmera lenta, como numa cena de filme de ação. Dak poderia jurar que sentiu o ar se comprimindo ao seu redor conforme uma sombra circular ia aumentando até quase o engolir.

Ele tinha certeza de que seria esmagado como um inseto.

No último minuto, encostou os joelhos no queixo no exato momento em que a roda atingiu o chão, quase acertando seus

dedos do pé. O impacto fez seus dentes se chocarem e o corpo todo ser suspenso no ar.

Homens gritavam de dor. Um deles estava com as duas pernas presas, e Dak viu de relance uma mão saindo de baixo — a mão de outro soldado que havia sido esmagado e morto.

Ao redor dele, os vikings entraram em ação, esforçando-se para puxar e libertar os feridos conforme pedras menores e flechas caíam à sua volta. Dak tentou controlar sua respiração e não vomitar sobre si mesmo enquanto cavava na lama para ajudar. Sentia o queixo tremer e a garganta queimar com a promessa de lágrimas.

Com grande esforço, ele as engoliu. Olhou para o alto da torre, onde soldados francos apoiavam-se na beirada, zombando dos mortos e feridos que estavam lá embaixo.

De repente, as distinções que pareciam tão claras quando eles chegaram ali tornaram-se difusas. Ele sabia que muitos vikings eram da SQ e, conseqüentemente, seus inimigos. Ao mesmo tempo, havia passado a tarde com aqueles homens, ouvindo seus gritos enquanto trabalhavam e lutavam juntos, às vezes até fazendo brincadeiras. Eles o haviam protegido com seus escudos e permitido que carregasse a bandeira.

Não podiam ser todos maus, podiam? E mesmo se fossem... mereciam morrer daquela forma?

Dak ainda estava tentando entender tudo aquilo quando viu o que parecia um anel de fumaça saindo do alto da torre. Então Riq apareceu, inclinando-se e gritando algo para Dak, mas o barulho era tanto que ele não conseguia ouvir o que o garoto mais velho estava dizendo. Que diabos ele estava fazendo lá em cima, para início de conversa?

Riq começou a acenar freneticamente com os braços, mas foi só quando Dak viu a borda de um caldeirão fervente que entendeu o que ele estava tentando dizer. Riq estava alertando Dak, dizendo para ele sair do caminho. Gotas de um líquido viscoso e flamejante

já caíam como chuva, atingindo o chão em volta dele com estalos e chiados.

Dak olhou para os soldados vikings agrupados ao redor dos homens feridos, com escudos sobre a cabeça para manter os camaradas caídos em segurança. Eles não tinham ideia do que estava para acontecer. Ele queria salvá-los, mas já era tarde demais.



Riq parecia desolado quando deu de cara com Sera e Bill. Assim que bateu os olhos nele, Sera sentiu vários nós de pavor no estômago.

— Tem alguma coisa errada?

Riq disse apenas uma palavra, quase sussurrando.

— Dak.

Ela se levantou em um pulo, ignorando suas mãos que começavam a tremer.

Ele está bem, ela pensou. Ele tinha de estar. Mas quanto mais Riq desviava o olhar, mais ela começava a temer o que vinha a seguir.

Bill se levantou e se aproximou dela, tocando seu ombro de leve com o braço. A mão dele escorregou até a dela, que a apertou, e então Sera se deu conta da importância de ter alguém ao seu lado para ouvir o que Riq estava prestes a contar.

— O que aconteceu? — ela sussurrou.

Riq sacudiu a cabeça.

— Foi um caos. — Ele respirou fundo como se estivesse se preparando para dizer as palavras em voz alta. — Dak estava com um bando de vikings, tentando cavar por baixo da torre. Eles... — Ele engoliu em seco algumas vezes. — Os francos viraram caldeirões de piche quente e cera em cima deles.

Sera sentiu o chão se abrir sob seus pés. A sensação foi similar ao efeito pós-Reminiscência: náusea, tontura e uma confusão em

relação ao tempo e espaço.

Riq passou a mão no rosto.

— Eu não me dei conta do que estava acontecendo até ser tarde demais, senão teria impedido.

— Você viu o... — Por mais que tentasse, Sera não conseguia dizer a palavra *corpo*.

Mas era óbvio que Riq sabia o que ela estava perguntando.

— Alguns pularam no rio...

Um fio de esperança começou a ser tecido em Sera.

— Então ele pode ter escapado? Ainda pode estar vivo.

Riq hesitou antes de responder, e a pausa fez crescer um breve otimismo dentro dela, antes de tudo desmoronar.

— Sera, os que pularam no Sena estavam pegando fogo, por isso estavam tão desesperados por água. — Sua voz falhou quando ele completou: — Eu vi o corpo de Dak boiando rio abaixo. Seu rosto estava virado para baixo, e ele não se mexia.

Um corpo boiando

DAK LUTOU PARA CHEGAR À SUPERFÍCIE DO RIO. Seus pulmões queimavam. Apenas alguns dias antes, ele havia sido arremessado da nau *Santa María*, e conseguira escapar de ser engolido pelo mar. Não seria agora que ele morreria afogado.

Finalmente conseguiu emergir e chegar a uma das margens. Sua primeira respiração foi ofegante e engasgada, e se transformou em tosse. Em volta dele, a batalha ainda era travada, embora o método tivesse mudado. Pequenas labaredas pontuavam o solo na base da torre, mas a maioria dos vikings que lutavam ali antes já não estava presente.

Dak não suportava olhar para nenhum dos corpos próximos dali. Era demais para ele: os homens que lutavam a seu lado agora estavam mortos, e isso era assustador. Seu estômago revirou, e ele botou para fora um bocado da água que havia engolido.

Não demorou muito para ele perceber que seria um alvo fácil enquanto permanecesse ali, mas suas opções eram extremamente limitadas. A muralha impedia que ele entrasse na ilha, e os homens que cambaleavam até a outra margem eram rapidamente abatidos por flechas e dardos. Aqueles pareciam ser os afortunados — outros vikings lutavam para tirar suas pesadas armaduras, pois elas estavam arrastando-os para as profundezas do rio.

Por toda a parte, os francos insultavam seus inimigos, gritando:

— Vocês estão bem queimados, não estão? Corram para o rio para salvar suas crinas compridas!

Dak estava começando a odiar de verdade aqueles caras, e não só por estarem tentando matá-lo. Foi então que teve uma ideia: já que o queriam morto, era isso que iam ter.

Ele caiu na água, deixando o corpo mole. Suas costas boiavam na superfície e as pernas arrastavam-se por baixo. A corrente o carregou, levando-o para longe da torre e da ponte até um local seguro.

De vez em quando ele levantava a cabeça, só um pouquinho, para respirar um pouco de ar. Quando o ensinaram a boiar na piscina durante a aula de educação física, ele pensou que aquilo seria inútil (mesmo sendo a única coisa em que era bom naquela aula), e não resistiu ao ímpeto de contar ao professor como se sentia.

Enquanto Dak boiava até um lugar seguro, fez uma anotação mental para procurar o sr. Folts e agradecê-lo, quando voltasse para sua própria época.



Algo gelado cutucou a mão de Dak. Ele havia sido levado para terra firme há tempos, mas mesmo encharcado de água suja do rio e congelando, não quis arriscar. Por isso, havia passado as últimas horas se fingindo de morto, e não pretendia sair dali até escurecer. Mas a curiosidade o venceu. Ele abriu um olho e deu de cara com uma fileira de dentes afiados e brilhantes.

Dak nunca foi um grande ator, e se esqueceu completamente do personagem naquele momento — ninguém acreditaria que ele estava morto depois de ouvir o grito que ele deu e vê-lo recuar. Mas Dak não conseguiu ir muito longe, e uma língua bem fedida lambeu seu rosto do queixo ao cabelo.

Ele reconheceu o fedor imediatamente.

— Eca, Vígi — resmungou ao limpar a baba do rosto. — Precisamos encontrar uma escova de dente para você!

Em resposta, a cadela o cutucou, batendo o nariz na mão dele até ele se comover e fazer carinho nas orelhas dela. Ela se sentou de uma vez e depois escorregou para o chão, rolando na direção dele com as quatro patas para cima.

— Acho que ela gosta de você — uma voz afirmou. — Mas é a primeira vez que isso acontece.

Dak olhou para cima e viu Rollo agigantando-se sobre ele. O viking segurava uma espada enorme com o imenso punho, e Dak não conseguia parar de encará-la. A lâmina dupla provavelmente tinha a altura dele.

A sorte só podia estar de brincadeira: ele tinha escapado de ser esmagado, furado, queimado e afogado, para simplesmente morrer pela espada de um gigante, justamente quando achou que as coisas estavam começando a melhorar.

Pelo menos a lâmina parecia afiada, então sua morte seria rápida.

Rollo devia ter sentido o rumo que os pensamentos de Dak haviam tomado, porque olhou para a espada e começou a rir, fazendo um som semelhante ao de um trovão.

— Desculpe — ele disse, guardando a arma em uma bainha de couro pendurada do lado esquerdo do quadril. — Não queria que a *Kettlingr* assustasse você.

Quando o dispositivo no ouvido de Dak traduziu *Kettlingr*, ele não conseguiu conter a risada.

— Espera aí, você deu o nome de *Gatinho* para a sua espada? Tipo... "miau"?

Rollo fez cara feia, o que era uma visão um tanto quanto terrível, que fez Dak se engasgar com o riso.

— Se você já tivesse dado de cara com um gato irritado, saberia o quanto pode ser feroz.

Dak simulou um ataque de tosse para esconder o quanto estava achando graça, e então Rollo deu um tapão em suas costas

tentando ajudar, fazendo-o ficar sem ar de verdade. Enquanto ele se esforçava para recuperar o fôlego, o viking o colocava de pé.

— Vamos voltar para o acampamento — ele disse, apontando rio abaixo, na direção de uma luz no horizonte. — A batalha está encerrada por hoje e é hora do jantar. Eu já estaria comendo se não fosse por Vígi e seus uivos. Ela não parou quieta até eu deixá-la vir procurar por você.

Vígi sentou-se ao lado de Dak, a boca aberta como se sorrisse, arfando de alegria. Ele puxou suas orelhas e ela se encostou nele, quase o derrubando.

— Eu preciso muito, er... — Ele olhou para a lateral de um barco próximo, desesperado por uma desculpa. Ele sabia que enquanto alguém o estivesse vigiando, não havia como recuperar o Square e voltar à cidade fortificada. — Seria melhor eu verificar e garantir que nenhum dos escudos esteja com farpas. Sabe como é lá no campo de batalha. Não tem nada pior.

Isso provocou uma risada sincera.

— Bobagem — Rollo rebateu. — Você se destacou hoje, carregou o estandarte bem alto, e salvou muitas vidas. Os homens no acampamento querem cumprimentá-lo e dividir a comida com você. — Então ele franziu a testa. — Acredite, não são homens que você gostaria de deixar esperando.

Dak se lembrou de como os soldados haviam sido ferozes no campo de batalha, e imaginá-los dirigindo sua ira para ele foi suficiente para impulsioná-lo pela margem do rio com Rollo.

Além disso, a ideia de guerreiros vikings de verdade, querendo agradecer Dak por sua coragem... era uma experiência que ele não perderia nunca!

Descobrimo um segredo

SERA TENTOU EVITAR OLHAR nos rostos das pessoas por quem passava ao caminhar com Riq sobre a ponte e de volta à cidade fortificada. A noite estava escura, o que ajudava, mas ainda assim ela não conseguia deixar de notar o vazio nos olhos de todo mundo, os ombros caídos. Apesar de todo o dano que tinham causado, ainda não havia sequer um buraco na força viking. Um grupo de homens estava reparando a torre e tentando reconstruí-la, mas por quanto tempo a cidade realmente aguentaria tamanho massacre?

Por mais deprimentes que fossem as perspectivas, era melhor do que pensar em Dak. Sera sabia que Riq estava convencido de que algo terrível havia acontecido ao melhor amigo — e que ele podia até estar morto —, mas se recusava a acreditar. Se algo realmente terrível tivesse acontecido com ele, ela teria sentido.

Não fazia nenhum sentido cientificamente, e ela sabia disso. Sera normalmente era a primeira a rechaçar o que chamava de “baboseira sobrenatural”. Uma vez, no terceiro ano, uma garota da turma havia afirmado que certas linhas na palma da mão de uma pessoa revelavam quanto tempo ela iria viver, quanto teria de sucesso e até mesmo se iria se casar. Sera foi quem explicou que aquelas ideias não tinham base científica alguma. Toda sua vida havia sido conduzida por fatos e dados, e não emoção.

Mas agora ela estava se apoiando puramente na emoção — em sua crença de que Dak ainda estava vivo, em algum lugar no acampamento viking —, e aquilo a assustou.

— Bill me contou que sugeriu que a gente deixasse Dak e fizesse nossa viagem no tempo — Riq disse, interrompendo os pensamentos dela e quebrando o silêncio. Bill tinha dado a eles algum tipo de desculpa, dizendo que ia procurar comida e abrigo, mas na verdade Sera sabia que ele estava deixando os dois sozinhos para que decidissem o que fazer em seguida.

— Dak está com o SQuare. — Sera lembrou a Riq. — Sem ele, não temos ideia de qual é a próxima Fratura.

Riq parou e colocou a mão sobre o braço dela.

— Mas, se soubéssemos para onde ir, você partiria?

Ela abriu a boca, mas nenhuma resposta saiu.

— E se fosse eu em vez dele? — ele perguntou. A resposta veio à cabeça dela imediatamente: provavelmente o deixaria para trás. Embora não tivesse dito em voz alta, suas bochechas coraram de vergonha, revelando a resposta a Riq.

Ele resmungou e desviou o olhar.

— Eu sei qual é a resposta certa — ele finalmente disse. — Corrigir as Fraturas é mais importante do que qualquer um de nós. E se algum dia eu estiver desaparecido, espero que tome a decisão de me deixar para trás. Não tenho mesmo muito motivo para voltar. — Ele cruzou os braços diante do peito.

Sera ficou surpresa.

— Você tem os seus pais. É mais do que eu tenho.

Ele ergueu um ombro.

— Já se perguntou por que sou capaz de falar tantas línguas? Claro, sou um prodígio. — Ele deu o sorriso convencido com o qual ela já estava acostumada, mas desapareceu rapidamente. — Mas também passo muito tempo sozinho. Meus pais são Guardiões da História... esse tipo de coisa exige muito das pessoas, caso não tenha notado.

Ela franziu a testa.

— Não precisa ser assim.

Em resposta, Riq riu.

— É o que diz a menina que está mais de um milênio distante de casa.

Justamente quando Sera achava que veria um novo lado de Riq, que não fosse metido e irritante, ele tinha que estragar tudo. Sera estava cansada disso.

— Por que você sempre precisa ser tão chato? — ela perguntou.

Riq pareceu realmente surpreso com a pergunta, o que a estimulou a continuar.

— Você está sempre discutindo, ou melhor, brigando. Por que não consegue simplesmente se dar bem com as pessoas?

Ele abriu a boca para responder e logo a fechou, antes de se virar. Sera viu seus ombros ficarem tensos.

— Você tem Reminiscências, não tem? — ele perguntou.

Sera foi pega desprevenida. Ele já sabia a resposta, mas ainda assim parecia algo tão pessoal... Ela só costumava falar sobre esse assunto com Dak, mesmo que ele não entendesse como era.

Sera confirmou com a cabeça. Ela sentiu o peso dos acontecimentos dos últimos dias de uma só vez, e se permitiu escorregar por uma cerca de madeira até sentar sobre a terra batida. Ela puxou os joelhos na direção do peito e abraçou as pernas.

— Elas costumavam ser raras — Sera explicou. — Às vezes eu ia para um celeiro velho nos fundos do terreno do meu tio e simplesmente *sabia* que a qualquer instante a porta se abriria e duas pessoas viriam andando na minha direção. Parecia que eles... — ela se interrompeu, sentindo vergonha. Pressionou os dedos na terra, desenhando as voltas eternas do símbolo do infinito.

Riq sentou ao lado dela, perto o suficiente para ela sentir um pouco do calor de seu corpo.

— Parecia o quê?

Ela se virou e deu de ombros, sentindo-se desconfortável ao compartilhar algo tão pessoal.

— Parecia que eu deveria conhecer os dois — ela disse calmamente. — Que eles me amavam mais do que tudo no mundo.

Pronto, ela tinha dito. O único segredo que não havia compartilhado nem com Dak. Ele tinha pais que o adoravam e apoiavam, enquanto ela nunca havia conhecido os seus. Era uma ausência para a qual sua vida sempre pendia.

Riq não falou que ela era idiota; simplesmente aceitou tudo o que ela disse, como se entendesse.

— Suas Reminiscências... elas estão ficando piores, não estão? — ele perguntou.

Sera suspirou.

— Começou quando estávamos na *Santa María* e eu me vi de relance no espelho. Agora, às vezes tenho Reminiscências quando simplesmente digo alguma coisa. Geralmente quando fico dando ordens para o Dak. — Ela tentou rir um pouco para amenizar a severidade da discussão.

Riq sorriu, mas foi um sorriso desanimado. Ele parecia distraído.

Ela decidiu fazer a ele a pergunta que estava em sua cabeça havia dias.

— Quando estávamos na *Santa María*, você mencionou que se consertássemos as Fraturas, não teríamos mais que lidar com as Reminiscências. Disse que estaríamos salvando o mundo, mas também salvando a nós mesmos. — Sera respirou fundo. — Então você tem também? As Reminiscências?

Riq fez que sim lentamente com a cabeça, e ela ficou esperando ele dizer mais alguma coisa.

— Tudo bem se... — Ele limpou a garganta e ficou se ajeitando, como se estivesse desconfortável. — Se eu não falar sobre isso?

Sera tentou não ficar magoada e decepcionada, mas deve ter deixado transparecer, pois ele se inclinou na direção dela até seus ombros se baterem, e acrescentou:

— Ainda. Não estou pronto para falar sobre isso ainda.

Ela bateu nele com o ombro novamente. Se Riq ainda não estava pronto, ela esperaria.

— Mas tem uma coisa que está me assustando de verdade — ele disse. — As minhas estão piorando. Piorando muito. Não consigo ficar mais de algumas horas sem ter uma. Estou preocupado, achando que alguma coisa que a gente está fazendo aqui esteja causando isso, ou então que a gente tenha cometido um grande erro. — Ele se virou, finalmente olhando nos olhos dela. — E se pioramos os efeitos da Fratura em vez de melhorá-los?

Um sentimento profundo

DAK NÃO SABIA MAIS QUANTO TEMPO AGUENTARIA. Tinha planejado começar o dia bem cedo: escaparia do acampamento enquanto ainda estivesse escuro, pegaria o SQuare e encontraria o caminho de volta para onde estavam Sera e Riq.

Mas não tinha dado certo. Aparentemente, o que Dak considerava “bem cedo” os vikings consideravam bem depois da hora do dia começar. Ele foi acordado pelo barulho das cotas de malha e armaduras, e pelo tumulto e agitação geral dos homens se preparando para a batalha.

Tentou escapar, mas tudo o que conseguiu foi se juntar a um bando de soldados que ia na direção do Sena. A princípio, ele tinha esperanças de que eles usariam os barcos para atacar a ponte e a torre, e então seria fácil recuperar o SQuare.

Mas é claro que Dak não teve essa sorte. Em vez disso, ele se viu preso quase o dia todo na tarefa de recolher escombros do campo de batalha: armas de cerco quebradas, vestígios, e até corpos de prisioneiros executados — tudo e qualquer coisa que pudesse carregar. Tudo porque alguém teve a brilhante ideia de represar a parte rasa do rio, para que a infantaria viking pudesse dar a volta na torre.

Era o trabalho mais terrível que Dak poderia imaginar — muito, muito pior do que esfregar o convés da *Santa María* ou andar pelos esgotos parisienses durante a Revolução Francesa —, e ele estava infeliz. A todo momento procurava uma oportunidade para fugir, mas nada se apresentava.

Até que ele escutou alguns homens discutindo seu próximo plano brilhante: botar fogo em alguns navios e conduzi-los rio abaixo, na direção da ponte. E um dos barcos que eles pretendiam usar era exatamente aquele em que Dak havia escondido o SQuare.

O coração de Dak acelerou. O SQuare era a única ligação que tinham com sua própria época. Se perdessem o SQuare, podiam desistir de corrigir as outras Fraturas.

E também podiam desistir de procurar os pais dele.

— Eu posso ajudar — Dak se voluntariou, quase tropeçando nos próprios pés ao correr para alcançar os soldados que seguiam na direção dos barcos. Ele ficou esperando que o expulsassem, mas logo se deu conta de que havia salvado dois deles no dia anterior. Eles não o mandaram embora e, pelo contrário, o receberam com fortes tapas nas costas.

Dak ficou surpreso por ter se sentido tão bem ao ser aceito tão facilmente para alguma coisa. Ele sempre foi uma espécie de pária na escola, porque as pessoas zombavam de seu hábito de começar a citar partes aleatórias da história. Era um dos motivos de ele e Sera serem tão amigos: o fato de serem párias lhes deu algo em comum.

Ele nunca imaginou que se sentiria em casa com um bando de guerreiros vikings. Enquanto seguiam para os barcos, recolhendo grama e galhos secos, Dak observava os companheiros. Eles não eram muito mais velhos do que Riq, mas seu olhar dizia que tiveram uma vida bem diferente.

Para eles, não existia escola ou passeios a museus, nem visitas a palestras de físicos mundialmente conhecidos. Mas a vida dos vikings também não se resumia a guerra, como Dak pensava. A maioria daqueles homens estava apenas procurando um lugar para

se estabelecer — terra para trabalhar e mulheres para casar. Mas por transmitirem sua história oralmente, muita informação sobre os vikings se perdeu no tempo. Os detalhes escritos que sobreviveram normalmente eram registros feitos por quem havia perdido batalhas para os homens do Norte, então era fácil entender por que os retratos eram predominantemente negativos. Claro, alguns vikings eram mesmo sanguinários, interessados apenas em pilhagem e matança, mas não eram a maioria.

Dak admirou-se com o fato de que quase poderia chamar alguns daqueles homens de amigos. Por isso era muito mais difícil dividir comida e acampamento com eles, e ao mesmo tempo tentar frustrar suas tentativas de entrar na cidade.

Quanto mais dificuldades os vikings enfrentassem, maior seria a chance de os Guardiões da História impedirem que Siegfried acumulasse poder, e de corrigirem a Fratura. O que significava que Dak teria que sabotar aquelas pessoas que o aceitaram como um dos seus.

Eles se dividiram em vários grupos e se espalharam entre os barcos escolhidos, para enchê-los com os galhos e folhas secas e prepará-los para serem incendiados. Dak garantiu que fosse para o barco onde havia escondido o SQuare.

Seu coração acelerou. E se outra pessoa tivesse achado o aparelho antes dele? E se, de algum modo, ele tivesse se soltado e agora estivesse no fundo do rio, quebrado e sem chance de conserto? Ele subiu a bordo e checkou o escudo onde achava que tinha escondido o aparelho.

Não estava lá.

Alguém tinha tirado do lugar? Estaria ele procurando no lugar errado? Quando Dak começou a vasculhar o barco, alguém atirou uma tocha em chamas na popa. O fogo produziu fagulhas instantaneamente, consumindo o convés e os bancos transversais. No alto, o tecido da vela pegava fogo rapidamente.

O tempo de Dak estava se esgotando depressa. Ondas de calor o atingiam e suor escorria por sua testa e pescoço. Ele se esquivou

duas vezes do crepitar ávido do fogo, mas não podia desistir da busca pelo SQuare.

O barco começou a descer o rio, se distanciando cada vez mais do grupo de vikings, na direção da ponte. Dak estava preso a bordo, ainda procurando freneticamente atrás de todos os escudos. Eram vinte e cinco de cada lado, e até então ele só havia checado metade.

Da margem, os homens gritavam para Dak pular, mas ele não podia desistir. Se o SQuare fosse destruído, não adiantaria nada ele sobreviver ao fogo — eles nunca conseguiriam corrigir as Grandes Fraturas e evitar o Cataclismo.

O vento soprava forte ao redor dele, alimentando as chamas e mandando espirais de fumaça para o céu. Os navios ardentes estavam chegando perigosamente perto da ponte. Se os vikings conseguissem incendiá-la, ela ruiria e eles dominariam livremente o Sena e as cidades e vilas que ficavam depois dele.

Aquela ponte não estava protegendo apenas Paris, mas também o resto da França — e o futuro da Europa. Era a única coisa que impediria que Siegfried e o resto da SQ acumulassem ainda mais poder.

De repente, as prioridades de Dak se dividiram. Ele precisava encontrar o SQuare, mas também precisava se certificar de que o barco em chamas não chegasse até a ponte. O que era mais importante?

Com o estômago embrulhado, ele abandonou a busca pelo SQuare e pegou um machado que havia encontrado entre os escombros no campo de batalha. Ele começou a batê-lo entre duas tábuas do casco, tentando abrir um buraco. A madeira era grossa e sólida, e Dak estava desesperado para fazer qualquer progresso, mas o calor do fogo já devia ter enfraquecido a estrutura, pois uma rachadura começou a se formar.

A fumaça crescente preencheu o ar que o cercava, fazendo seus olhos se encherem de água e os pulmões arderem. O fogo

queimava com ferocidade, consumindo tudo no caminho para a proa, onde Dak batia furiosamente no casco.

A madeira chiou em protesto e logo um jato de água jorrou por um pequeno buraco no fundo do barco. Foram necessários apenas mais três golpes do machado para uma boa quantidade de água começar a encher o barco, desacelerando seu progresso na direção da ponte.

O tempo de Dak estava quase se esgotando. O fogo já havia passado do mastro, destruindo mais da metade dos escudos pelo caminho. O mais rápido possível, Dak verificou o resto do barco em busca do SQuare. A água se acumulava aos seus pés, subindo pelas panturrilhas.

Ele encontrou o SQuare no último lugar que havia sobrado para procurar. A bolsa onde estava guardado já estava encharcada. Ele tirou o SQuare e o enfiou no cinto das calças, sob a túnica.

Com um gritinho de êxito, ele pulou do barco, caindo na parte rasa do rio com água até os joelhos. Enquanto se esforçava para vencer a corrente e chegar até a margem, ele viu o barco se encher de água e começar a tombar para o lado, até virar e afundar quando a proa bateu numa aglomeração de rochas usada para sustentar a ponte.

As demais embarcações não se deram muito melhor, batendo no barco que afundava pouco antes da ponte. Para Dak, era uma cena linda, e ele sentiu uma onda de orgulho por ter conseguido realizar suas duas tarefas. Havia resgatado o SQuare e impedido que os vikings atingissem Paris. De modo geral, Dak era praticamente um herói, pelo seu ponto de vista.

Antes que pudesse comemorar mais, alguém o agarrou violentamente. Gorm, o viking da cicatriz, segurava Dak pela túnica, quase levantando-o do chão.

— Você se acha esperto, não é? — Seu rosto estava tão próximo que espirrava saliva de sua boca a cada palavra, atingindo o rosto de Dak.

— Eu... — Ele tentou encontrar algum tipo de desculpa, mas não conseguiu. — Eu não sei do que você está falando.

O viking arrancou o machado da mão de Dak e o jogou no rio. Dak começou a protestar, mas logo desistiu.

Ele havia sido pego. Lutou para se livrar das mãos do homem, mas era inútil. Sem uma arma ele não tinha chances contra alguém tão grande e forte.

O viking deu um sorriso desagradável, com as feições distorcidas pela cicatriz em seu rosto.

— Conheço alguém que ficaria *muito* interessado em falar com você.

Uma ligação do futuro

COMEÇOU A CHOVER QUANDO O SOL SE PÔS, e Sera estava encharcada. Ela batia os dentes e se encolhia sob o abrigo de um velho celeiro vazio.

— Pelo menos o clima colocou fim na maior parte das lutas — Bill disse, tentando encontrar algum lado positivo. Sera resmungou em resposta. Ela não conseguia parar de pensar em sua cama quentinha, na sua casa quentinha, numa época em que aquecedor a gás já existia.

— Eu daria tudo por uma ducha quente agora — ela lamentou.

— Uma hidromassagem seria ainda melhor — concordou Riq.

Bill olhou para eles, confuso.

— O que é uma “ducha”?

Sera olhou para ele sem descruzar os braços diante do peito, tentando manter o máximo de calor possível próximo ao corpo. Antes de conhecer os Guardiões da História, nunca lhe havia ocorrido que houvesse períodos no tempo em que coisas tão básicas quanto uma ducha não existiam.

— É como uma banheira, mas a água quente cai de um chuveiro, que é uma instalação na parede ou no teto, como uma cachoeira — ela explicou.

Bill ainda parecia confuso.

— Os criados devem ter muito trabalho para esquentar tanta água. Quantos baldes são necessários?

Sera abriu a boca e logo a fechou, olhando para Riq em busca de ajuda.

— A água já vem quente, e não tem necessidade de baldes — Riq explicou. — A maioria das casas da nossa época tem aquecedor interno, então sempre tem água quente quando abrimos a torneira.

— Ah. — Ficou claro que Bill não tinha entendido muito bem. Mas ele estava tentando. — O que mais tem no futuro?

Sera fechou os olhos, sem nem saber por onde começar. Seu mundo era muito diferente do mundo de Bill, em todos os aspectos concebíveis. Mas havia uma coisa que ela desejava mais do que um chuveiro quente: um celular para ligar para Dak e ver se ele estava bem.

Ela tentou explicar para Bill.

— Bem, para começar, temos aparelhos chamados de celulares. É uma maneira de falar com alguém que pode estar bem longe.

Os olhos de Bill ficaram arregalados.

— Como funciona?

Quando tinha seis anos, Sera havia construído seu próprio *smartphone* codificado, para que pudesse falar com Dak sempre que quisesse. Ela começou a explicar o básico do sistema avançado de telefones celulares e amostragem de sinal digital, mas Riq a interrompeu.

— Ignore a maníaca por tecnologia aí. Basicamente, todo mundo tem um número de telefone, uma sequência de números que você digita em um telado e, *tcharam*, você consegue falar com aquela pessoa. Eu sou um cara mais chegado em línguas do que em números, porém. Então como os números podem ser associados a letras, eu as uso para memorizá-los. Meu telefone, por exemplo, tem as oito primeiras letras da palavra *sesquipedal*. — Ele fez uma pausa antes de continuar. — Isso quer dizer que eu gosto de palavras grandes.

Bill estava com a testa franzida e parecia prestes a fazer uma pergunta, quando Sera deu um salto.

— É isso! — disse, empolgada. Ela pressionou as duas mãos na testa e resmungou. — Não acredito que não pensei nisso antes. Pelo amor! Era tão simples!

Riq e Bill trocaram olhares.

— Hum, Sera? — Riq perguntou. — Do que você está falando?

Ela ajoelhou, usando o dedo para desenhar uma série de números na terra. Não demorou muito pra Riq entender o que ela estava fazendo. Quando ela hesitou, tentando se lembrar do que vinha em seguida, ele ajudou a preencher as lacunas.

— É a série de números do Square — ela disse. — Pensamos que era algum tipo de cifra bifendida, mas não conseguíamos descobrir qual era a chave. — Ela começou a desenhar linhas verticais para separar os números em pares.

Embaixo, ela esboçou a superfície do teclado de um telefone, e foi quando Riq suspirou.

— *Ahh*, agora estou entendendo. O primeiro número indica qual é o número do teclado, e o segundo, a posição da letra. Então, como as letras *A*, *B* e *C* estão todas no botão do número dois, 21 equivale à letra *A*. Como não percebemos isso antes?

Sera estava tão animada que não conseguiu evitar rir da expressão de profunda confusão no rosto de Bill.

— Brint e Mari quiseram garantir que ninguém do passado descobriria a chave do código. E o que seria melhor do que usar um aparelho que apenas alguém do nosso período poderia conhecer?

Riq já estava combinando as letras a cada par de números, de modo que 32 virava *E* e 62 virava *N*.

Enquanto ele trabalhava, Bill estendeu o braço e passou o nó dos dedos de sua mão no queixo de Sera. Ela perdeu o fôlego e suas bochechas queimaram com o calor.

— Você se sujou de terra — ele disse suavemente.

Ela não sabia o que responder, então disse apenas:

— Ah.

Isso arrancou um sorriso dele. Aquilo só fez o pescoço de Sera pegar fogo também, e ela ficou se perguntando se Bill conseguia enxergar sob a luz fraca o quanto ela estava corada. Esperava que não.

Por sua vez, Riq parecia alheio a tudo, sua testa franzida de concentração para desvendar a mensagem.

4121732162812161 728232 744332413373433231 81636132

7121734374 71212343334323216132628132

Garantam que Siegfried tome Paris pacificamente

Todo o sangue que aquecia o rosto de Sera se exauriu quando a mensagem começou a rodar na sua cabeça.

— Se for verdade... — Ela não conseguiu nem terminar a afirmação. Não queria dizer em voz alta, como se aquilo de algum modo tornasse tudo real.

Riq não teve tal hesitação. Ele olhou para ela, seu próprio rosto denunciando o medo que estava sentindo.

— Então nós definitivamente pioramos as coisas.



Dak estava começando a entender o tamanho da confusão em que havia se metido. Seus braços estavam presos atrás do corpo por Gorm, o viking da cicatriz, que parecia satisfeito até demais por ter Dak em suas garras.

Mesmo tendo uma boa ideia de para onde estava sendo levado, seu estômago revirava conforme se aproximavam da grande estrutura que dominava a extremidade do acampamento. Enquanto a maioria dos outros vikings dormia a céu aberto ou em barracas simples, aparentemente Siegfried ocupava nada menos do que uma cabana de madeira.

Gorm deu um soco forte nas costas de Dak, empurrando-o com tanta força que ele tropeçou na cabana. Toda conversa que ocorria

lá dentro silenciou, embora alguns homens tenham abafado o riso quando Dak tropeçou e caiu de quatro.

Dak fez uma careta quando o chão de terra arranhou a palma de suas mãos. Ele sentiu o SQuare se mover em suas costas, onde estava preso, e ficou paralisado, esperando que ele não se soltasse.

Se Siegfried ou qualquer um dos outros homens visse o SQuare, seria o fim de Dak, e talvez até mesmo de Sera e Riq. Ele não podia correr esse risco.

Lenta e cuidadosamente, ele ergueu a cabeça e olhou à sua volta, usando o movimento para mascarar como retorcia o corpo tentando manter o SQuare no lugar. A estrutura havia sido construída rapidamente, o que dava para perceber pelas janelas tortas e pela inclinação irregular do batente da porta.

No centro, uma fogueira queimava. A fumaça criava uma camada densa de sujeira no teto conforme tentava encontrar a saída pelo buraco no telhado. Plataformas feitas de barro, cobertas com tábuas de madeira e tapetes encardidos, foram construídas diante das paredes.

Mas o que realmente chamava a atenção de Dak eram os homens agachados em volta do fogo, com a luz tremeluzente criando sombras sob seus olhos. No centro estava Siegfried, sentado no único banco do cômodo. Atrás de seu ombro, um enorme escudo de madeira pendurado na parede levava o símbolo da SQ gravado.

Ele olhou sobre a cabeça de Dak para onde Gorm, o Guardião do Tempo, estava parado diante da porta.

— Isso não me parece o jantar — ele disse, erguendo uma sobrancelha.

Dak não deixou de notar que era a segunda vez em dois dias que alguém discutia a possibilidade de comê-lo. Ele estava realmente começando a odiar o século IX.

A águia de sangue

DAK TENTOU CHAMAR O MÍNIMO DE ATENÇÃO POSSÍVEL para si mesmo, o que não era muito fácil quando todos os olhares do recinto estavam voltados para ele.

— Eu o encontrei sabotando um dos barcos. — Gorm andou até o meio da cabana, ficando quase sobre Dak. — Se não fosse por esse garoto, nosso plano de incendiar a ponte teria funcionado e já estaríamos dentro da cidade.

Aquilo pareceu suscitar interesse em Siegfried. Ele se inclinou para a frente, fazendo o banco ranger e estalar em protesto. O líder viking examinou Dak por vários instantes, até o menino não aguentar mais e começar a se contorcer.

— Eu só tropecei. — Dak ficou consternado com o tom agudo e assustado de sua voz. Ele fez uma careta, tentando reaver um pouco do controle da situação. — Se esse cara — ele apontou para trás com o polegar, na direção do Guardiã do Tempo — tivesse um controle melhor sobre seu barco, tudo teria funcionado bem.

Siegfried franziu a testa e lançou um olhar questionador para Gorm, que rapidamente respondeu.

— Ele pode ter tropeçado, mas também abriu um buraco no casco com um machado.

Dak soltou um longo suspiro. Realmente não havia nenhuma explicação que pudesse dar para isso, mas ele ainda assim tentou.

— Achei que o fogo precisasse de ventilação.

Um dos homens em volta do fogo riu, e rapidamente disfarçou com um ataque de tosse.

— Você me parece familiar — Siegfried pressionou.

Dak engoliu em seco, e o som foi tão alto que ele teve certeza de que todos escutaram.

— Eu fui seu porta-estandarte ontem, na muralha — ele respondeu.

Siegfried negou com a cabeça.

— De outro lugar. — Ele olhou para Dak com os olhos semicerrados, tentando lembrar.

— Ele estava com o intérprete, na catedral — afirmou Gorm. — Aquele garoto que falava língua dinamarquesa tão bem quanto latim e francês.

O sorriso que se espalhou pelo rosto de Siegfried não acalmou em nada os temores de Dak. Na verdade, fez seu sangue gelar. Não havia nada agradável na expressão daquele homem. Apenas pura maldade.

O que Gorm disse em seguida só piorou as coisas.

— Ele está trabalhando para sabotar nossas empreitadas. Quem sabe quantos de nossos homens sucumbiram por causa dele?

Aquilo estava indo longe demais. Dak deu um salto e se pôs de pé.

— Não é verdade — ele gritou. — Se não fosse por mim, mais homens teriam sido esmagados ou queimados. Eu os salvei! — Houve um burburinho em volta do fogo, mas ninguém saiu em defesa de Dak, mesmo que ele reconhecesse alguns dos homens como aqueles que na noite anterior lhe deram tapinhas nas costas em agradecimento.

Siegfried também se levantou, e deu a volta na fogueira até ficar quase em cima de Dak. Ele tinha cheiro de queijo coalho velho e suas mãos estavam fechadas em punhos.

— De onde você é, garoto?

Dak abriu a boca para responder, mas logo se deu conta de que não podia — a Pensilvânia ainda nem existia. Foi a leve hesitação que fez os olhos de Siegfried brilharem.

— Quantos anos você tem? — Siegfried continuou.

Dak respondeu com facilidade.

— Onze.

— Quando você nasceu?

O cômodo ficou em silêncio enquanto Dak fazia o cálculo na cabeça, em pânico. Ele nunca tinha sido bom com números, e pelo tempo que levou para subtrair onze de 885, confirmou as suspeitas de Siegfried e do Guardião do Tempo.

— E-eu não sou bom em matemática — afirmou, mas ele mesmo sabia que a desculpa era esfarrapada.

Siegfried se aproximou tanto de Dak que ele era capaz de sentir o azedume de seu hálito. Era ainda pior do que o de Vígi, se aquilo fosse possível.

— Nós dois sabemos quem você é de verdade — Siegfried rosnou. Os outros vikings na cabana se esforçavam para escutar, mas Siegfried manteve a voz baixa, para que apenas Dak conseguisse escutar sobre o crepitar do fogo.

O pânico no estômago de Dak crescia, e a adrenalina que corria por suas veias gritava para que ele corresse. Ele estava totalmente fora de si. O viking colocou a mão pesada sobre o ombro de Dak, como se adivinhasse seus pensamentos.

— Vocês Guardiões da História tentaram nos impedir antes, mas subestimam nossa força e dedicação à causa.

Dak tentou protestar e fingir ignorância; era sua única opção.

— Não sei do que você está falando.

Siegfried apertou os dedos sobre o ombro de Dak, até ele sentir que o viking poderia arrancar seu braço do resto do corpo. Escorria suor pelas costas do garoto, e ele teve a sensação de que estava formando uma poça perto do SQuare, fazendo com que ele escorregasse.

Agora não, ele pensou com toda a força. É claro que isso fez com que suasse ainda mais, o que não ajudava em nada.

— Vocês Guardiões da História são fáceis demais de passar a perna. — Os olhos de Siegfried brilhavam. — Estão sempre tão obcecados em seguir as regras. Isso sempre os levará à ruína.

Dak tentou parecer corajoso.

— Pelo menos temos honra — ele retrucou.

Isso só fez com que o viking inclinasse a cabeça para trás, com uma risada aterrorizante, interrompida abruptamente. Ele agarrou o queixo de Dak entre o indicador e o polegar com tanta força que os olhos do garoto se encheram de lágrimas.

— Quero que entregue aquilo que está permitindo que você viaje no tempo — ele resmungou. — Nada servirá de obstáculo para o meu poder. — Como se precisasse enfatizar seus argumentos, ele chacoalhou Dak com força.

O SQuare escorregou mais um pouco, agora descendo lentamente pela perna de sua calça. Dak dobrou o joelho e apertou, tentando desesperadamente impedir que o dispositivo caísse no chão.

— Eu não sei... — Dak começou a falar, mas foi interrompido quando Siegfried o chacoalhou ainda mais. O SQuare parou atrás de seu joelho, e ele tinha certeza de que, se alguém reparasse, veria o contorno do dispositivo na perna da calça dele.

Dak mudou rapidamente de tática.

— Não está comigo — ele revelou.

Aquilo interrompeu as sacudidas.

— Vá buscar — Siegfried gritou.

— Não posso — Dak explicou. — Está dentro das muralhas da cidade.

Siegfried empurrou Dak com um grunhido. Dak se encolheu no chão, aproveitando a posição para arrancar o SQuare das calças e recolocá-lo sob o cinto. Quando ele levantou a cabeça, todos os olhares ainda estavam em Siegfried, exceto um par de olhos no canto do cômodo. Era Rollo, observando Dak atentamente.

O garoto soube imediatamente que o viking havia visto o SQuare. Ele esperou o gigante disparar algum tipo de alarme ou contar para Siegfried, mas Rollo permaneceu em silêncio, concentrado em cada movimento de Dak.

Siegfried agachou, puxando Dak pela túnica.

— Você vai conseguir esse dispositivo para mim e eu garantirei que tenha uma morte rápida. Se desobedecer, você e seus amigos serão submetidos à águia de sangue, assim como Ivar Sem-Ossos fez com o rei Ælla II da Nortúmbria.

Dak franziu a testa, claramente confuso.

— Águia de sangue?

Gorm riu. Seus dentes brilhavam com a expectativa.

— Nós vamos abrir suas costas. Cortar suas costelas, uma a uma, e depois abri-las para parecerem as asas sangrentas de uma águia. Depois tiraremos seus pulmões para fora e observaremos a palpitação. Quando ficarmos entediados, arrancaremos os pulmões e jogaremos sal em todas as feridas. Não se preocupe em perder alguma coisa: você estará vivo e gritando durante a maior parte do processo.

Conexões de muito tempo atrás

DAK AGARROU NOVAMENTE AS BARRAS de sua pequena jaula, esperando que nos últimos cinco minutos elas pudessem ter se soltado, mas nada saiu do lugar. Era como estar na cela da *Santa María* novamente, só que dessa vez ele estava sozinho e morrendo de frio.

Dak estava começando a aceitar que a história podia ser uma porcaria.

Tivera tanta certeza de que seu conhecimento os manteria a salvo... E agora, lá estava ele: esperando em uma cela até um líder viking se encher dele e jogá-lo aos lobos.

Como se pensar na palavra *lobo* bastasse para um se materializar ali, Dak ouviu um uivo fraco e depois o roçar de um focinho gelado contra os seus dedos. Ele apertou os olhos na escuridão e encontrou Vígi perto de sua jaula, com as orelhas para trás de tanta preocupação.

Ela ficou agitada, dando voltas ao redor da jaula, parando de tempos em tempos para cutucar a mão dele. Dak tentou acariciá-la, mas só conseguiu passar dois dedos sobre seu focinho.

— Está tudo bem, menina — sussurrou. Ele ficou surpreso ao ouvir sua voz vacilar um pouco. Estava feliz porque pelo menos um ser vivo se preocupava com o que acontecia com ele.

Uma forma grande apareceu na escuridão, a chuva escorrendo de seu capacete de metal e fazendo seu grosso manto ficar escorrido e pesado em seus ombros. Dak apertou os olhos, tentando descobrir quem era.

— Bem — o viking disse, andando na direção da jaula. O rabo de Vígi batia no chão enquanto ele se aproximava. — Você não para de me surpreender.

Dak reconheceu a voz antes de distinguir o rosto: Rollo. O gigante agarrou as barras da jaula, afastando-as como se fossem tiras de queijo, e enfiou a cabeça lá dentro.

— Agora, vai me dizer o que é esse negócio enfiado na sua calça?

Dak estava totalmente encurralado. Ele se encolheu dentro da jaula, mas aquilo não deteve Rollo, que simplesmente estendeu o braço e arrancou o SQuare das costas de Dak. Seu dedo deve ter encostado no botão de ligar, porque ele se acendeu com uma luz brilhante.

Rollo gritou de surpresa, segurando o SQuare longe do corpo como se fosse algum tipo de inseto venenoso que rastejava pelo seu braço.

— Cuidado! — Dak berrou. — Err, por favor.

— O que é essa coisa? — Rollo perguntou, com os olhos iluminados de admiração e pela luz da tela. Vígi rangeu os dentes e os pelos que ficam no meio de suas escápulas se arrepiaram, fazendo-a parecer um filhote de bisão.

Já era hora de Dak admitir que tinha estragado tudo. Seu disfarce estava arruinado; nenhuma mentira poderia tirá-lo daquele buraco. E ele também não podia lutar contra aquele homem. Rollo era capaz de derrubar Dak com um peteleco. Além disso, ele tinha certeza de que, apesar de Vígi gostar dele, no momento em que Dak ameaçasse o mestre dela, seria o seu fim.

— Lá em volta da fogueira — Rollo disse, com o olhar ainda pregado na tela brilhante —, você não conseguiu dizer em que ano nasceu.

Dak sentiu suas bochechas esquentarem. Ele era um gênio em história e datas; não conseguir responder uma simples questão como aquela lhe causava um grande constrangimento.

Ele tentou encontrar uma desculpa.

— Eu fico nervoso na frente de, hum, líderes.

Rollo desprezou suas palavras.

— Não é comigo que você deve se preocupar — ele disse. — Eu sigo Siegfried quando me convém, mas isso não significa que eu o apoie em todas as empreitadas, se é que me entende.

Dak não tinha muita certeza se entendia, então ficou quieto. A tela do SQuare escureceu e Rollo suspirou com desalento. Vígi relaxou, apoiando todo seu peso na jaula de Dak. Ele começou a coçar distraidamente suas orelhas, e ela grunhiu de satisfação.

— Meu bisavô foi um dos homens que saqueou o Monastério de Lindisfarne há quase um século. É verdade que os nórdicos podem ser um grupo perigoso, que se lança em viagens simplesmente para lutar e pilhar, mas meu bisavô não era um homem violento. Ele estava apenas procurando um lugar para se estabelecer e construir uma fazenda com sua esposa.

Ele passou a palma da mão sobre a tela do SQuare várias vezes, mas parecia perdido em seus pensamentos.

— Ele disse ao meu pai que ficou surpreso com a sede de sangue dos homens naquele dia, maior do que jamais tinha visto. Ele tinha ouvido rumores sobre uma nova liderança entre eles, que buscava poder e fez com que incendiassem o monastério e matassem todos na ilha.

Dak pensou em Siegfried e Gorm, e na frieza calculada em seus olhos. Ele não tinha dúvidas de que eles e seus ancestrais estavam entre os vikings impiedosos.

— Meu bisavô tentou evitar a maior parte das pilhagens, mas quando estava explorando as passagens inferiores do monastério, deu de cara com um jovem monge, que tentava esconder alguns livros. Assim que viu meu bisavô, o monge caiu de joelhos e implorou por misericórdia.

Vígi se mexeu, enfiando a cabeça mais para dentro da jaula, e Dak se deu conta de que tinha parado de acariciá-la. Ele estava prendendo a respiração, com medo do que Rollo diria em seguida. Ocorreu-lhe que gostava do gigante, e não queria que nada estragasse esse sentimento.

Rollo continuou a história.

— O líder à frente da incursão havia deixado claro que todos na ilha deveriam morrer. Mas quando meu bisavô desembainhou a espada, ele hesitou. O monge começou a contar a ele sobre um grupo de estudiosos chamados Guardiões da História, cujo trabalho era proteger o passado, o presente e o futuro. Ele disse que, se morresse, homens cruéis reuniriam poderes ilimitados que, mais cedo ou mais tarde, destruiriam o mundo.

Dak engoliu em seco quando Rollo hesitou.

— E o que ele fez?

Rollo entregou o SQuare a Dak.

— Ele deixou o monge livre. E contou ao meu avô, que contou ao meu pai, que me contou o que ele aprendeu no monastério aquele dia: que no mundo há forças maiores do que podemos compreender, e se algum dia tivéssemos a oportunidade de ter misericórdia diante de algo que parecesse justificado, deveríamos fazê-lo sem hesitação.

Com um grunhido, Rollo se levantou em toda sua altura e estendeu a mão na direção de Dak.

— Ele me ensinou a ficar atento ao extraordinário e protegê-lo. Tenho quase certeza de que estava falando sobre você.



Havia chovido durante a noite, e Sera ficara observando por horas. Ela não teve mais notícias de Bill, e agora sentia o medo infundado de que, se pegasse no sono, Riq também desapareceria.

Uma luz fraca começou a aparecer no horizonte, esforçando-se para aparecer entre as nuvens, e os sinos da igreja soaram não muito longe. Ela tinha ficado acordada a noite toda. E não demoraria muito para a batalha recomeçar.

Riq olhou pela janela, seu rosto contorcido de indignação com a melancolia da manhã. Ele se virou para Sera, encostando-se na parede de pedra áspera e cruzando um pé sobre o outro.

— E então, qual é o plano?

Sera nunca tinha se considerado algum tipo de líder antes. Mas agora parecia que Riq olhava para ela em busca de orientação. E por que não? A missão inteira tinha saído dos trilhos, e cada movimento deles piorava tudo ainda mais. Ela temia só de imaginar o impacto de suas ações que já poderia ser sentido no futuro.

— Bem, nós estragamos a negociação. Se pudéssemos ter feito os parisienses e os vikings entrarem em um acordo, talvez tivéssemos convencido Siegfried a não saquear a cidade, e então ele teria se estabelecido aqui em vez de ir para a Normandia, e seu tataraneto, Bill Helm, poderia ter sido um fazendeiro, e não um conquistador.

— Sinto muito. — Riq fez uma careta, já que tinha sido ele quem traduzira errado a discussão entre os vikings e o bispo Gauzelin, na manhã em que os vikings chegaram a Paris. Se tivessem conseguido decifrar a mensagem no SQuare antes de entrarem em ação, já podiam ter corrigido a Fratura e partido para a próxima. E Dak poderia ainda estar...

Sera espantou o pensamento balançando a mão no ar.

— O que está feito, está feito, e não pode ser desfeito. — Ela fez uma pausa. — Quero dizer, *tecnicamente* poderia ser desfeito, já que poderíamos voltar no tempo de novo, mas não pode ser desfeito sem causar mais problemas. Só a radiação wellsiana poderia...

Riq estava olhando para ela com um ponto de interrogação estampado na cara. Ela limpou a garganta.

— Bem, nós já bagunçamos tudo, mas isso não significa que não dá para consertar. Ainda acho bom nosso plano de manter os

vikings acuados pelo maior tempo possível. No fim das contas, precisamos limitar o poder de Siegfried de algum jeito. E se os francos ganharem, teremos conseguido. Segundo Bill, o bispo Gauzelin e o conde Odo pediram reforços para o rei Carlos, o Gordo. Agora é apenas uma questão de aguentar firme e esperar ajuda.

— E o que fazemos enquanto isso? — Riç perguntou.

Sera tentou esboçar um sorriso, mas tinha quase certeza de que mais parecia uma careta.

— Nós ajudamos. Impedimos que Paris sucumba aos vikings. E se Dak não voltar — ela respirou fundo —, nós iremos atrás dele.

Berserkergang

DE TODAS AS EXPERIÊNCIAS que Dak imaginou que teria em suas viagens, aquela não era uma delas. Sob a supervisão de Rollo, ele tirou a camisa, e só pôde ficar com a calça para esconder o SQuare.

A maioria dos homens que os cercavam, preparando-se para as batalhas da manhã, estavam completamente nus, com lama espalhada pelo corpo. Se tinham algo em comum era o fato de serem terrivelmente feios — narizes quebrados tantas vezes a ponto de não ter sobrado cartilagem ou osso, e sobancelhas grossas que se juntavam na testa.

Um pouco de pânico fazia o estômago de Dak revirar. Por mais que Rollo insistisse, não tinha como ele se passar por um daqueles homens. Seu corpo inteiro era do tamanho de uma única perna deles!

— Isso não vai funcionar — ele sussurrou para Rollo. O gigante apenas grunhiu, fazendo sinal para Dak espalhar mais lama sobre o peito descoberto. Dak continuava a olhar de soslaio para aqueles que o cercavam.

— Então quer dizer que não vou ganhar nenhum tipo de armadura? — Dak perguntou, enquanto Rollo jogava uma pele de lobo sobre seus ombros, de modo que a cabeça do animal ficasse sobre a do garoto.

— O espírito desse animal vai proteger você — Rollo respondeu, totalmente sério.

Dak quis dizer: “Pois é, funcionou muito bem para o próprio animal, inclusive”, mas guardou o pensamento para si. Em vez disso, perguntou:

— Você sabe que é louco, não é?

Rollo suspirou.

— Eu já falei. Os homens de Siegfried já estão procurando por você no acampamento. Se tem alguma chance de voltar para dentro da cidade e encontrar seus amigos, é indo com a primeira onda da batalha. E isso significa se tornar *berserkr*.

Um homem pesado, completamente nu, exceto por uma pele de urso pendurada nos ombros, passou pelo grupo, oferecendo a todos um frasco do que parecia vinho ou outro tipo de fruta fermentada.

Dak se preparou quando chegou a sua vez, esperando que o homem tivesse um ataque de riso ou ficasse nervoso e arrancasse seus membros com as próprias mãos. Mas o bruto mal notou Dak, apenas lhe entregou um frasco e continuou.

Curioso, Dak levou o líquido aos lábios, mas logo viu suas mãos vazias. Rollo fez cara feia para ele enquanto despejava o conteúdo do frasco no chão.

— Isso não é para garotos — ele disse, o que deixou Dak irritado... até perceber o que a bebida estava fazendo com os outros homens.

Um a um, eles começaram a tremer, batendo os dentes (aqueles que ainda os tinham) de forma barulhenta. Certo, estava frio e quase todos os homens estavam nus e molhados por causa da chuva, mas eles eram homens tão brutos que Dak imaginou que seriam imunes ao clima gelado.

Rollo se aproximou e sussurrou no ouvido de Dak.

— Assim que a *berserker gang* começar, fique à esquerda e no fundo. Haja o que houver, não fique entre um *berserkr* e o inimigo.

Dak fez um sinal positivo com a cabeça. Seu estômago ardia com expectativa e preocupação. Quanto mais ele pensava no plano de

Rollo, menos confiante se sentia. Não tinha como aquilo funcionar.

— Talvez devêssemos apenas arriscar e...

Rollo o ignorou e entregou a Dak um machado igual ao que ele tinha antes.

— Deixe que eles lutem. Quando eles abrirem passagem na muralha da fortaleza, você entra em ação.

— Como sabe que eles vão conseguir abrir uma brecha para dentro da cidade? — Dak perguntou, cada vez mais em pânico ao pensar em Sera e Riq, sem contar a missão de manter Siegfried fora de Paris.

Rollo sorriu, deixando Dak entrever por um breve instante o viking que havia dentro dele — aquela parte que o havia tirado de casa e o levado a uma batalha após a outra. Os pelos dos braços do garoto se arrepiaram.

— Ninguém resiste ao *berserker gang* — Rollo afirmou.

Sinos de igreja soaram ao longe, acordando a cidade fortificada para um novo dia de batalha. Dak olhou para a extensão de terra até o rio. Ele já conseguia ver homens patrulhando a muralha. Aqui e ali, vikings tentavam empurrar pelo solo acidentado armas de cerco para perto da torre.

— Esse é o problema — ele murmurou. O único jeito de voltar para Sera e Riq era com a queda de Paris. Mas se Paris caísse, eles não teriam conseguido corrigir a Fratura.

Ele não sabia o que fazer. Tudo o que sabia sobre a história já tinha mudado. Não havia nenhum livro mental que pudesse consultar, nenhum conjunto de fatos em que pudesse se apoiar para descobrir a melhor saída.

— Talvez... — ele começou a falar, mas sua voz foi engolida pelas trompas de batalha do acampamento viking. Seu tempo estava se esgotando. Sua mente corria. Tinha que haver um jeito de corrigir aquela Fratura, algum detalhe que ele estava deixando passar. Ele repassou vários acontecimentos históricos na cabeça, revirando e procurando qualquer ponto fraco.

Algo lhe ocorreu. Enquanto cada vez mais trompas de batalha eram sopradas, ele agarrou no braço de Rollo.

— Tem outra coisa que podemos fazer para ajudar — ele gritou. Rollo franziu a testa; estava claro que ele não conseguia escutar.

Como se motivados pelos sons, os *berserks* à sua volta pararam de conversar conforme seus rostos ficavam arroxeados e as bochechas inchadas, como se tivessem engolido algum tipo de veneno. Os rostos que já eram horríveis transformaram-se em verdadeiras máscaras de monstros.

Dak fez gestos enérgicos para que Rollo se aproximasse e então berrou instruções em seu ouvido. Quando terminou, Rollo se endireitou e confirmou com a cabeça.

Então, com um grande urro de raiva, o *berserker gang* começou. Rollo deu um tapinha nas costas de Dak, jogando-o na direção do grupo.

— Adeus, amigo — ele disse. Vígi uivou, esticando a guia que a mantinha ao lado de Rollo.

Dak agradeceu com um gesto e começou a correr.



A situação era muito pior do que haviam imaginado, Sera percebeu quando se pôs ao lado de Riq nas plataformas da muralha que contornava a Île de la Cité. As chuvas durante a noite causaram inundações, que foram agravadas pelos escombros que os vikings passaram o dia anterior jogando no rio. Somando isso aos barcos vikings meio afundados e meio queimados, o resultado era que muita força estava sendo colocada sobre a ponte já danificada. E se a ponte caísse, os vikings finalmente poderiam cercar Paris.

Ela já conseguia ouvir a estrutura da ponte rangendo. Parisienses estavam tentando aliviar a pressão tirando os obstáculos maiores, mas a ponte tinha sido construída a uma altura tão baixa que nada parecia funcionar.

Para piorar, a chuva ainda caía, transformando tudo em uma confusão encharcada. Ela podia ver no rosto dos francos à sua volta que eles estavam prontos para desistir.

Mas ela não podia deixar isso acontecer.

Sera ouviu o som de trompas de batalha e homens gritando furiosamente, vindo do outro lado da ponte. Ela se lembrou do primeiro dia deles ali, logo após a viagem no tempo, quando o chão estremeceu com a debandada do enorme exército viking.

Naquele dia, Siegfried havia retido a maior parte de seus homens no último minuto, mostrando aos francos apenas o potencial de seu poder.

Hoje os parisienses não teriam tanta sorte.

— Talvez você devesse usar o Anel para ir a algum lugar mais seguro — Riq sugeriu.

Sera negou.

— Estamos nisso juntos — ela disse a ele, mas assim que as palavras saíram de sua boca, foi tomada por uma onda de tontura. Seu estômago revirou e ela cambaleou. Se Riq não a tivesse segurado, ela teria caído.

Ela fechou os olhos bem apertados, mas isso não eliminou a sensação de que havia algo terrivelmente errado com o mundo. As palavras que havia acabado de proferir — “Estamos nisso juntos” — ecoavam em sua cabeça repetidas vezes, apertando seu coração cada vez mais.

Mãos invisíveis seguravam suas bochechas; um rosto igual ao dela a encarava com olhos repletos de amor. Ela se sentiu aquecida, segura, amada e querida.

E então a sensação desapareceu, mas Sera não queria abrir os olhos e voltar à dureza da realidade. Ela queria viver dentro da Reminiscência.

— Está tudo bem — Riq murmurava, mas ela não acreditava nele. Nunca estivera tudo bem.

Riq a amparou até que ela sentasse e se encostasse a uma ameia da muralha, e então colocou a cabeça dela entre os joelhos, para

que pudesse retomar o fôlego e fazer o mundo parar de girar.

Ele não precisou perguntar o que tinha acontecido. Dava para perceber, pela sua expressão, que ele havia entendido tudo.

— Temos que corrigir essa Fratura — ela finalmente disse, quando recobrou o fôlego. — É o único jeito de acabar com as Reminiscências. Não sei se vou suportar por muito tempo.

— Nós vamos corrigi-la — Riq prometeu, com a mão quente nas costas dela. Sera ficou admirada: há pouco tempo, ela via Riq apenas como uma pessoa irritante que não fazia mais nada além de causar problemas. Agora ela se dava conta de que quase podia chamá-lo de amigo.

— Obrigada — ela murmurou.

Ele fez um gesto positivo com a cabeça, e depois olhou para trás, na direção do rio e dos campos. Seus olhos se arregalaram e uma expressão de horror tomou conta de seu rosto.

— O que foi? — Sera perguntou. Ela se virou, ajoelhada. Riq tentou impedir que ela olhasse, mas ela finalmente conseguiu se esquivar e ver o que lhe causara tanto terror.

Um bando de homens nus estava correndo pelo campo, com peles de animais penduradas nos ombros e armas reluzentes erguidas sobre a cabeça. Eles gritavam e rosnavam, com o rosto arroxeados. Horrorizada, ela desviou o olhar... e viu Dak na extremidade do bando, machado no alto, correndo a toda velocidade na direção da muralha fortificada.

Convocando os soldados

SERA DESCEU AS ESCADAS CORRENDO, até chegar à ponte. Ondas quebravam dos dois lados, tornando a superfície de pedra perigosamente escorregadia. A torre norte parecia muito distante, mas isso não a impediu. Riq chamou seu nome, mas ela não esperou até que ele a alcançasse. Escorregou e caiu várias vezes, contorcendo-se ao arranhar as mãos e ralar os joelhos.

Por sobre o estrondo do rio, ela ouvia o som da batalha começando. Pelas frestas no portão de metal da torre norte, ela vislumbrava os homens lutando. Fechou as mãos em punhos, recusando-se até mesmo a considerar que pudesse ser tarde demais.

Ela precisava chegar até a torre. Precisava impedir que os arqueiros mirassem em seu melhor amigo. Precisava dar um jeito de trazer Dak de volta em segurança.

Ela não queria pensar nas consequências, caso falhasse.

Pedras caíam do céu, fazendo barulho à sua volta: era a primeira onda de ataque das armas de cerco vikings. Algumas pedrinhas acertaram seu ombro e uma rocha enorme caiu cinco centímetros à sua esquerda, quase esmagando seus dedos do pé.

Ela estava se aproximando da entrada da torre quando Riq a alcançou, empurrando-a para um lugar seguro. Atrás, flechas passavam zunindo e recipientes de óleo flamejante explodiam.

Algumas chamas foram parar perto deles, e Riq saltou para apagá-las.

Eles se encararam por um instante, tentando recuperar o fôlego, ambos cientes de que, se tivessem ido um pouco mais devagar, provavelmente teriam sido queimados ou atingidos pelas flechas. Naquele momento, a ponte já estava começando a se desfazer sob a força do rio caudaloso e dos golpes de destroços que chegavam pelo ar.

— Se a ponte cair, ficaremos presos do lado errado do rio! — Riq gritou.

— Nós precisamos — Sera respondeu. — Por Dak.

Riq concordou com a cabeça e colocou Sera de pé. Juntos, eles correram pela torre. Ouviam gritos de soldados vindos lá de cima, tentando lutar em meio à chuva violenta.

Eles tinham começado a subir uma escadaria de pedra quando o muro à sua direita começou a tremer. A princípio, Sera sentiu apenas uma série de vibrações, mas logo se tornaram fortes o bastante para desequilibrá-la. Rochas se soltavam, pedras caíam do teto.

Homens começaram a correr escada abaixo, as espadas desembainhadas e o rosto cheio de pânico.

— Corram! — gritou o soldado que estava liderando. — Eles estão prestes a abrir uma rachadura! — Eles corriam de volta para a ilha fortificada.

Riq agarrou Sera pelo pulso e começou a arrastá-la pela ponte. Ela fincou os pés.

— O que você está fazendo? — Riq questionou, perplexo.

— Se eles entrarem, nós falhamos — ela disse calmamente.

— Se morrermos, qualquer esperança de evitar o Cataclismo desaparece.

Eles se entreolharam enquanto os soldados passavam por eles. Um homem conseguiu dar apenas três passos ao longo da ponte antes de ser atingido por uma flecha. Ele caiu de joelhos e sucumbiu, batendo com a espada no chão.

Houve outro ruído alto e o chão balançou sob seus pés, fazendo Sera cambalear. Um tremendo estalo retumbou conforme fissuras se abriam no muro externo da torre. Raios da luz rala da manhã começaram a entrar, acompanhados pelo som da fúria viking.

O muro da torre estava se despedaçando.

Sera olhou para a ilha fortificada através da chuva. Soldados circundavam as plataformas com arcos a postos, lançando uma flecha atrás da outra, tão rápido que seus movimentos eram um borrão.

Ela enfiou a mão no saco pendurado em seu cinto. Apertou os dedos em volta do Anel do Infinito, escondido lá dentro. Ela sabia que Riq estava certo. Que a coisa mais esperta a fazer era recuar.

Mas Sera estava cansada de sempre ter que fazer as escolhas mais espertas. Só dessa vez, queria fazer a escolha mais ousada e seguir seus instintos.

Tudo à sua volta balançava e estremecia. A torre rangia sob o ataque furioso das armas de cerco. Assim que o primeiro pedaço caiu, Sera lançou-se na direção do soldado caído sobre a ponte e pegou sua espada.

Riq ficou tão perplexo que não fez nada para impedi-la. Com um estrondo, um buraco se abriu no muro. A última defesa entre os vikings e os francos desmoronava. Mesmo com o coração batendo loucamente e com as mãos tremendo, ela se recusou a deixar o medo fazê-la hesitar.

Assim que a poeira da muralha derrubada baixou, Sera passou pela fenda empunhando a espada no alto. Seus olhos percorreram a massa de guerreiros vikings que corriam em sua direção, cobertos apenas com peles de animais, até que avistou Dak.

— Vai! — ela gritou para ele. — Vai!



Assim que viu Sera sair dos escombros do muro derrubado, balançando uma espada enorme sobre a cabeça, Dak pensou: *ela enlouqueceu completamente*. E então começou a correr mais rápido.

À sua volta, *berserkrs* gritavam e urravam; seus rostos eram máscaras monstruosas de fúria. Alguns estavam claramente feridos, com flechas perfurando braços ou peitos, mas pareciam não notar, nem diminuir o ritmo. Não havia bom senso, ninguém os chamaria de volta. E estavam todos correndo diretamente para Sera e a fenda na torre.

Ela permaneceu sobre a pilha de escombros, segurando a espada no alto, que brilhava na manhã úmida. Ela parecia destemida e brutal, diferente da nerd de ciências que fora sua melhor amiga durante anos.

Ela parece prestes a ser morta. O sangue pulsava nos ouvidos de Dak ao pensar naquilo, fazendo seus pés correrem mais rápido do que ele pensou que fosse capaz.

Ele tentou balançar os braços, pedindo para ela voltar, mas sua voz se perdeu no meio do campo de batalha.

Então aconteceu uma coisa curiosa. Soldados começaram a brotar da fenda atrás de Sera — homens de armadura, com espadas, machados, lanças e flechas. Eles se espalharam ao redor de Sera como se ela os estivesse convocando com um brado de guerra.

— Por Lutécia! — eles gritavam, em homenagem ao antigo nome romano de Paris, enquanto corriam para o combate.

Por um instante, os *berserkrs* hesitaram diante desse novo exército que se aproximava. O próprio Dak estava tão distraído com a visão de Sera que não notou o garoto que corria em sua direção. Quando o viu, era tarde demais. Ele interceptou Dak, jogando-o no chão. Dak rolou, lutando para segurar melhor o machado, enquanto os dois brigavam pelo controle da arma.

Dak não era exatamente um guerreiro experiente, mas ainda assim conseguiu obter vantagem sobre seu oponente, retorcendo-se até ficar ajoelhado sobre seu peito. Dak estava prestes a bater

na cabeça do garoto com cabo do machado quando ele levantou as mãos vazias e disse, arfando:

— Espere! Estou com Sera!

O machado parou a centímetros da cabeça do garoto. A adrenalina que corria no corpo de Dak o incitava a acertá-lo rápido e com força, mas seu cérebro gritava para ele parar e escutar.

Com muito esforço, ele ficou parado, as mãos tremendo por causa do tumulto da batalha.

— Prove — ele rosnou, surpreso com sua voz, que soava bruta e furiosa.

— Meu nome é Billfrith — ele disse. — Eu sou um... um... — Ele parecia hesitar sobre as palavras que usaria, e então se aproximou e sussurrou: — Guardiã da História.

Dak piscou os olhos de tanta surpresa e depois saiu de cima do garoto, dando-lhe a chance de respirar.

— Achei que você seria mais velho.

Billfrith torceu os lábios.

— Bem, imagine a *minha* surpresa quando percebi que o destino do mundo estava na mão de crianças.

— Ei — Dak rebateu. — Ainda não estragamos tudo, estragamos?

O outro menino preferiu não responder e, em vez disso, se levantou, puxando Dak atrás de si.

— Eu adoraria ficar aqui sentado conversando sobre a efetividade dos seus esforços, mas se ainda não notou, estamos no meio de um campo de batalha. Talvez seja melhor encontrarmos um lugar menos letal para colocar o papo em dia. — Uma flecha atingiu o chão entre eles. — Agora seria uma boa hora para começar a correr.

O reencontro

SERA FICOU ESPANTADA QUANDO OS soldados francos começaram a passar por ela, correndo na direção do campo de batalha com armas em punho e brados de vitória nos lábios. Vários acenaram para ela no caminho, como se ela fosse, de algum modo, responsável por essa virada nos acontecimentos.

Cercada pela multidão de soldados, ela perdeu Dak de vista. A onda de adrenalina dos últimos instantes começou a diminuir e foi rapidamente substituída por uma onda crescente de pânico. Riq apareceu ao seu lado e ela agarrou o braço dele.

— Cadê o Dak?! — ela perguntou.

— Por aqui — ele respondeu, e saiu correndo no meio do campo de batalha. Sera o acompanhou. Naquele momento, os dois lados já tinham cessado o fluxo de flechas. Os exércitos estavam tão misturados que era impossível lançar qualquer coisa sem colocar em risco os próprios homens.

Sera e Riq aproveitaram o embalo, desviando de grupos de guerreiros que lutavam. Ela se encolhia cada vez que lâminas se chocavam ou metal cortava couro. Os *berserkrs* vikings faziam jus ao nome, e um resplendor de loucura reluzia em seus olhos enquanto lutavam com uma fúria que parecia incompreensível.

Riq a conduziu na direção de uma grande igreja de pedra no fim do campo de batalha, fora do alcance da guerra. Sera vislumbrou duas torres altas demarcando as extremidades do muro com janelas em arco, antes de correrem para dentro.

Foi o odor que a surpreendeu. Ela estava esperando uma igreja normal, com o cheiro de pó das pedras misturado com uma pitada de incenso. Mas foi recebida com o cheiro forte de um curral: pelos molhados, feno úmido e pequenos cercados de animais.

A Reminiscência a atingiu, fazendo-a cambalear. Ela se lembrou do celeiro abandonado no fundo do terreno de seu tio, e teve a sensação de que era aquele cheiro que ele deveria ter.

Ela jurava que podia sentir alguém pegando em sua mão e deslizando pelo flanco de um cavalo, pacientemente lhe ensinando como cuidar do animal depois de uma cavalgada pela grama fresca.

Ela respirou fundo, sentindo muita tontura. Mãos fortes agarraram seus ombros, ajudando-a a se sentar no chão.

Quando conseguiu abrir os olhos, encontrou Riq ajoelhado diante dela.

— Sera? — ele sussurrou.

Ela piscou, tentando organizar os pensamentos e interromper a queimação em seu estômago.

— Eu... eu estou bem.

Pela cara de Riq, ele claramente sabia que ela estava mentindo. Mesmo assim, não a pressionou. Em vez disso, ajudou-a a se levantar e a acompanhou do vestíbulo até a sacristia.

Todos os bancos haviam sido arrancados ou reorganizados para virarem cercados para a enorme quantidade de animais abrigados lá dentro. Mas não foi isso que chamou a atenção de Sera.

— Dak! — ela gritou, e logo correu na direção de seu melhor amigo.



Dak não admitiu em voz alta, mas não podia estar mais feliz em ver Sera, e até mesmo Riq, entrarem correndo na igreja. Ele deixou Sera abraçá-lo, aliviado por ver sua melhor amiga novamente.

Todos começaram a falar juntos, trocando histórias sobre o que haviam passado nos últimos dias, mas o reencontro foi interrompido por Billfrith. Ele apareceu, saindo da torre do sino, de onde vigiava.

— Sinto muito, mas não temos tempo para um reencontro feliz — ele disse, sem fôlego. — Um bando de vikings está vindo nessa direção, e não parecem muito satisfeitos.

— Bill! — Sera exclamou, surpresa. Dak observou com interesse quando as bochechas dela coraram. — Você está a salvo!

O Guardiã da História sorriu timidamente para ela e Dak deu uma risadinha, que foi interrompida instantaneamente quando Sera olhou feio para ele. Ele limpou a garganta, mas seus ombros ainda se movimentaram um pouco com um riso contido.

— Não era você que deveria estar rindo, menino lobo — Riq murmurou baixinho, e agora era a vez de Dak corar, lembrando que estava praticamente seminu, com uma pele de lobo pendurada nos ombros.

— Não temos tempo — Bill insistiu. Assim que disse aquelas palavras, um barulho alto veio da frente da igreja. — Eu bloqueei a porta, mas ela não vai aguentar muito.

Ele se virou para Dak.

— Está com o SQuare?

Dak confirmou, tirando-o da cintura.

— E você está com o Anel? — Bill perguntou a Sera.

Ela o pegou, mas não fez menção de começar a programá-lo.

— Ainda não corrigimos a Fratura — ela protestou.

Bill deu um passo à frente e colocou a mão sobre seu ombro.

— A segurança de vocês é mais importante — ele disse calmamente.

Sera sacudiu a cabeça e se virou para Dak.

— Desvendamos o código depois que você saiu. Ele dizia que deveríamos deixar Siegfried tomar a cidade pacificamente. Riq e eu

imaginamos que os Guardiões da História tenham especulado que Siegfried se estabelecerá aqui, em vez de aumentar seu poder e seguir para a Normandia.

Riq complementou a conclusão que Sera havia omitido.

— Então estragamos tudo estimulando os francos a lutar.

Dak pensou nas implicações daquilo. Imaginou diversas situações possíveis, interpretando os efeitos de suas ações pela história como um jogo complicado de xadrez.

— Mas contanto que afastemos os vikings da Normandia, tudo dará certo, não é? — ele concluiu.

Riq e Sera trocaram olhares e deram de ombros.

— Quero dizer... na verdade tudo o que precisamos fazer é evitar que a SQ estabeleça bases na Normandia. Então se os vikings nunca forem para lá, teremos conseguido.

— Acho que sim — Sera concordou. — Mas como vamos fazer isso?

Dak sorriu.

— Tenho tudo sob controle.

Eles ouviram outro estrondo e o som de madeira quebrando. Uma cadela familiar veio trotando dos fundos da igreja. Quando ela chegou até Dak, ficou em pé nas duas patas traseiras e colocou as dianteiras sobre seus ombros. Vígi deu uma lambida bem molhada no rosto dele e Dak quase vomitou com o cheiro.

Atrás dela vinha Rollo, com passos tão sonoros quanto trovões. Sera, Riq e Bill empunharam suas armas, embora estivessem pálidos.

— O amigo de vocês está certo — Rollo falou. — Vou manter Siegfried e os outros longe da Normandia, se é isso que precisa acontecer. Ovi dizer que Borgonha é agradável nessa época do ano, e aquele rei Carlos, o Gordo, é conhecido por pagar recompensas altas àqueles que o ajudam a reprimir revoltas. Não há nada que um homem como Siegfried goste mais do que um grande saco de prata!

Sera olhou para Dak com os olhos arregalados.

— Ele está com você? — ela perguntou. Dak deu um sorrisinho.

— É realmente só isso que precisamos fazer? — Riq perguntou, claramente desconfiado.

Rollo olhou para trás, na direção da frente da igreja.

— Bem, isso e sair daqui o mais rápido possível. Em cerca de três minutos os homens de Siegfried vão entrar atrás de vocês. Eu posso tentar melhorar o bloqueio da porta, mas se ela não impediu que eu entrasse, podem apostar que em algum momento eles vão conseguir entrar também.

Dak se virou para Sera.

— Está pronta? — ele perguntou, segurando o SQuare. Ela olhou para Bill e engoliu em seco, finalmente concordando.

— Para onde?

Riq pegou o SQuare e leu em voz alta a informação sobre a terceira Fratura. Ele passou os dedos suavemente sobre um padrão de círculos, franzindo a testa.

Em volta deles, os animais se mexiam nos estábulos improvisados. Algumas ovelhas baliavam, agitadas.

Nunca havia demorado tanto para o garoto mais velho decifrar a charada da Arte da Memória. Antes, bastava ele dar uma olhada no padrão para determinar o ano e o lugar da próxima Fratura que precisava ser corrigida.

— Temos que nos apressar — Dak enfatizou. Ele estava prestes a falar mais, quando Sera colocou a mão em seu braço, interrompendo-o. A expressão em seu rosto dizia claramente para ele calar a boca e deixar Riq trabalhar.

Dak fez cara feia — desde quando Sera tomava partido de Riq?

Ele certamente havia perdido muita coisa nos últimos dias.

— Consegui! — Riq gritou. Ele inclinou a tela para mostrar aos dois, mas para Dak parecia apenas um padrão aleatório. Ele olhou para Sera, imaginando se ela conseguia ver algo que ele não via, mas ela parecia tão confusa quanto ele.

— Washington, antiga capital dos Estados Unidos, em 1814. Parece que vamos para a Guerra Anglo-Americana de 1812 — Riq

explicou.

Alguns dias atrás, Dak teria aplaudido com alegria a possibilidade de testemunhar pessoalmente outro campo de batalha. Ele havia passado tantas tardes sonhando acordado com a possibilidade de saber como aqueles locais realmente eram, no calor da batalha...

Mas ele apenas suspirou.

— Outra guerra — ele disse, desanimado. — Que ótimo.

Batendo em retirada

SERA SE CONCENTROU EM SEUS DEDOS, pairando sobre os controles do Anel do Infinito, porque dessa forma não teria que olhar para Bill. Sempre que dava uma olhada nele, sentia um frio na barriga. Para se acalmar, ela resolvia equações diferenciais de cabeça, mas parecia não funcionar dessa vez.

— Ah, pelo amor — ela resmungou, brava consigo mesma por passar os últimos momentos no ano de 885 evitando admitir que tivesse uma queda pelo Guardiã da História.

Como se soubesse que ela estava pensando nele, Bill deslizou as costas pela parede e sentou ao lado dela no canto silencioso que havia escolhido para programar o Anel. Os dedos dela se moviam atrapalhados pelos controles.

Não ajudava muito o fato de que Dak e Riq ficavam espiando sem parar, ansiosos, enquanto o viking gigante andava de um lado para o outro, balançando o machado no ar.

E ainda assim, sendo honesta consigo mesma, Sera não queria ir. Ainda não. Ela limpou a garganta, tentando pensar em algo para dizer.

— Isso parece complicado — Bill disse, olhando fixamente para o Anel. Ela fez que sim com a cabeça.

— Dak disse que é você quem faz isso funcionar. — Ele passou os dedos por seus cabelos escuros e Sera se perguntou se ele estaria

tão nervoso quanto ela. — É impressionante.

— Obrigada. — Os dedos de Sera pararam sobre os controles.

Bill encarou o Anel.

— Acho que isso significa que está tudo programado e que vocês estão prontos para ir?

Era impressão de Sera ou havia uma ponta de tristeza na voz dele? Ela arriscou uma resposta e contou a verdade.

— Já terminei de programar há alguns minutos.

— Então, por quê... — Bill franziu o rosto, confuso, e depois pareceu entender. Ela estava fingindo que continuava trabalhando no Anel do Infinito para ganhar mais tempo, porque não queria partir. — Ah!

Sera já havia encarado uma horda de *berserks*, mas ainda assim, virar-se para Bill naquele momento foi uma das coisas mais difíceis que fez.

— Queria que você pudesse ir conosco — ela murmurou. Sentiu suas bochechas queimando, mas estava tudo bem, porque tinha certeza de que Bill também estava envergonhado.

Ele segurou a mão dela.

— Eu também. Mas você sabe melhor do que ninguém o que significa ser um Guardiã da História: meu trabalho é ficar aqui e registrar o que sei para os futuros Guardiões. Se eu viajar no tempo com você, a verdade sobre o que aconteceu aqui se perderá.

Sera entendia o que ele estava dizendo, mas ainda assim não gostava nada daquilo. Ela se lembrou do que Riq havia dito antes sobre seus pais, sobre como ser Guardiã da História havia tomado conta da vida deles. Ela tentava não se ressentir disso. Sabia como a missão deles era importante e que o destino do mundo estava nas mãos deles, mas isso não impedia que às vezes fosse uma droga.

— E agora? — ela sussurrou.

Ele sorriu e começou a se aproximar dela, estendendo uma das mãos. O coração de Sera começou a bater tão alto que abafava o som dos vikings tentando forçar a porta.

— Aproveitamos o tempo que nos resta — ele afirmou.

Os pensamentos de Sera corriam em milhares de direções diferentes ao mesmo tempo enquanto Bill se aproximava, imaginando o que aconteceria em seguida. Mas, justo naquele instante, Dak apareceu, invadindo a bolha de privacidade deles.

— Ei, vocês sabiam que tem um santo de verdade enterrado aqui? Dizem que os ossos dos santos nunca apodrecem e exalam um odor doce, mas eu dei uma fungada e não senti nada, e com certeza não está ajudando a encobrir o fedor de todos esses animais... — A voz de Dak foi diminuindo quando ele se deu conta de que havia interrompido alguma coisa.

— Na verdade, acho que pode ser a mulher que liderou sozinha a luta dos parisienses contra Átila e os hunos em 451. Então — Dak continuou, como se pudesse salvar a situação — isso é bem legal. Sei que gosta de histórias sobre mulheres fortes do passado.

— Poupe-me das aulas de história — Sera resmungou.

Não fazia diferença, de qualquer forma. Eles foram interrompidos por um enorme abalo e uma série de gritos conforme Siegfried e seus homens invadiam a igreja.



O mundo de Dak virou um caos.

— Detenham eles! — Siegfried bradou para seus homens. Rollo se colocou no caminho deles, com sua espada, *Kettlingr*, erguida. Ao seu lado, Vígi rosnava, mostrando os dentes enquanto os pelos de suas costas se eriçavam.

— Rápido! — Rollo gritou para os garotos.

— Mas você não devia estar do lado dele? — Dak perguntou, apontando para o furioso Siegfried. Ele sabia que, para o plano funcionar, Rollo precisava convencer os vikings a deixar a Normandia em paz, então temia que aquilo fosse estragar tudo.

Rollo simplesmente sorriu.

— Vikings como Siegfried amam lutar. Amanhã ele estará me agradecendo por fazer seu sangue circular. Agora vá!

Ele não precisou falar duas vezes. Mas Dak sabia que seria muita burrice viajar no tempo diante de olhos abelhudos. Ele agarrou Sera e Riq e os puxou para o fundo da igreja, atrás de um curral de porcos barulhentos.

— Está programado? — Dak apontou para o Anel do Infinito, ainda preso nas mãos de Sera. Eles ouviam passos na nave da igreja, vikings jogavam vacas e ovelhas para longe de seu caminho enquanto procuravam os três viajantes do tempo.

— Es-está — ela gaguejou e olhou para Bill, seu rosto repleto de confusão e arrependimento.

— Vamos sair daqui! — Dak gritou. Ele esperou que Sera fizesse o que precisava ser feito para ir embora da França de 885. Nada aconteceu. O som dos vikings furiosos se aproximava cada vez mais. Ele viu de relance Rollo se defendendo de quatro homens de uma vez enquanto Vígi encurralava mais dois.

Foi só quando viu Bill segurando a mão de Sera que Dak percebeu o que estava provocando o atraso.

— Você vai ter que deixá-la partir — ele disse. — A menos que queria pegar uma carona até 1814.

— Sera — Riq insistiu, e Dak notou que a voz que ele usava com ela era muito mais suave do que a que usava com ele.

Por um instante, Sera e Bill trocaram olhares. Dak nem se deu ao trabalho de considerar a comunicação sem palavras que acontecia entre eles. Ele bufou, impaciente, e finalmente pegou o Anel.

— Se você não vai fazer, eu faço.

A expressão de Sera ficou feroz. Na verdade, foi bem legal — ele nunca a tinha visto tão brava assim (exceto naquela vez em que eles foram assistir a uma palestra sobre desintegração de prótons na física de partículas, e o cara se atrapalhou com os quarks). Mas ele preferiria que aquela ira recém-descoberta não fosse direcionada a ele.

Ela foi obrigada a soltar a mão de Bill para brigar pelo controle do Anel. Foi nesse momento, quando Dak e Sera estavam distraídos, que um rosto familiar surgiu das sombras no fundo da igreja, com o arco posicionado diante do peito e a corda esticada.

Gorm.

O tempo havia se esgotado. Dak arrancou o anel da mão de Sera e o colocou para funcionar. Mas já era tarde demais.

A cicatriz que ia da sobrancelha até o queixo de Gorm deformou seu rosto quando ele sorriu, soltando a flecha. Ela cortou o ar quase em câmera lenta, e estava apontada para Sera.

— Não! — Bill gritou. Ele se jogou na frente da flecha mortal.

O tempo e o espaço tremularam ao redor do trio. Uma sensação de aspiração tomou conta do estômago de Dak quando ele começou a ser puxado para fora da realidade. A última coisa que sentiu foi algo úmido e frio cutucando sua mão livre.

A última coisa que viu foi a flecha perfurando o peito de Bill.

E mesmo enquanto viajavam no tempo, ele conseguia ouvir o grito de pânico de Sera.

A carona

A PRIMEIRA COISA QUE SERA FEZ quando sentiu a terra firme sob seus pés foi vomitar. Ela caiu de joelhos, alheia à grama molhada agarrada sob seus dedos enquanto tentava acalmar seu coração acelerado e estabilizar sua respiração.

Bill. Ela fechou os olhos, mas ainda podia ver a flecha perfurando o peito dele. A última visão que teve dele foi seu corpo se dobrando, o olhar de descrença em seus olhos. O estômago dela revirou novamente. Eles tinham que voltar para ter certeza de que ele estava bem.

Eles *podiam* voltar. O Anel do Infinito possibilitava isso.

Algo úmido encostou em seu rosto. Ela virou a cabeça para o lado e deu de cara com a bocarra sorridente de uma fera enorme. Ela lambeu seu rosto novamente, a boca cheirando a repolho podre.

Ela choramingou e cutucou Sera com o focinho, quase a derrubando. Sera se perguntou se não podia estar desorientada por causa da viagem no tempo, delirando... mas logo se deu conta de que sua imaginação não seria capaz de criar um cheiro tão rançoso como o hálito daquela cadela.

Sera se levantou. Seu olhar se fixou em seus companheiros. Riq estava com os braços cruzados e uma sobrancelha erguida como se tivesse um segredo que mal podia esperar para compartilhar.

Dak estava completamente deslocado, com o peito descoberto cheio de lama e uma pele de lobo enrolada nos ombros. Uma das mãos segurava um perigoso machado e a outra estava na cabeça da fera enorme.

Ela conhecia muito bem aquela expressão no rosto dele. Ele havia feito algo errado e esperava que ela não notasse.

Ela olhou novamente para o cão e resmungou:

— Por favor, me diga que essa criatura não veio com a gente da França de 885!

Dak tentou parecer arrependido.

— O nome dela é Vígi.

Sera colocou a mão sobre o rosto enquanto Riq cantava “Alguém está em apuros”.

— Eu não queria que isso acontecesse! — Dak se defendeu. — Ela encostou o focinho na minha mão quando estávamos partindo, não pude fazer nada.

— Está bem — Sera finalmente disse. — A gente leva ela de volta quando voltarmos para salvar o Bill. — Ela começou a programar o Anel.

Riq arrancou o dispositivo da mão dela antes mesmo que ela conseguisse colocar a primeira coordenada.

— Ei! — ela gritou, esticando o braço para pegá-lo, mas ele tirou de seu alcance.

— Nós não vamos voltar — o garoto mais velho disse. Todos os rastros de sua complacência de antes haviam desaparecido e sua expressão estava completamente séria.

— Mas você viu o que aconteceu! — Sera gritou. — Bill está ferido. Ele pode estar morrendo.

— Bem, tecnicamente ele já está morto, já que viajamos para um milênio adiante — Dak complementou.

Sera o silenciou com um olhar.

Ainda mantendo o Anel fora de alcance, Riq disse:

— Você mesma disse, Sera. Não podemos ir para a mesma época e lugar mais de uma vez ou poderíamos acabar desencadeando o

Cataclismo nós mesmos.

Sera odiava quando suas próprias palavras eram jogadas na sua cara.

— Eu *disse* que, cada vez que viajamos para uma época ou um lugar, causamos ondulações. Mas não disse que sempre seriam catastróficas.

— E qual é o seu critério? — Riq questionou. — Se podemos usar essa coisa para ir para qualquer lugar ou época por capricho, por que não voltamos ao ano em que Pol Pot nasceu? Por que salvar um cara quando poderíamos salvar seis milhões, detendo Adolf Hitler?

— Estamos falando do *Bill* — ela esbravejou. — O Guardião da História que salvou a sua vida!

A expressão de Riq não se alterou.

— Você sabe que estou certo, Sera.

Ela virou as costas e deu alguns passos, batendo o pé. Queria socar alguma coisa, gritar, ou ambos. Nada daquilo era justo. Brint e Mari não os tinha preparado para aquele tipo de desafio, e ela não sabia como lidar com a situação.

Ela sabia que Riq estava certo. Mas para que servia um dispositivo de viagem no tempo se ela não podia salvar as pessoas com quem se importava?

Efeitos prolongados da Reminiscência que ela vivenciara na igreja passaram pela sua cabeça, apertando seu coração. Em alguma outra época e lugar devia haver outras pessoas com quem ela se importava, perdidas por causa da SQ e sua busca incessante por poder. Lágrimas borraram sua visão e ela se agachou, colocando a mão sobre o rosto.

Ela odiava que as pessoas a vissem chorar. Felizmente, os dois garotos ficaram atrás dela, parados em silêncio, provavelmente sem ter a mínima ideia do que dizer ou fazer. Mas isso não impediu Vígi de se aproximar dela e encostar seu corpo quente ao lado de Sera. A enorme cadela choramingou — um som tão agudo que era

quase impossível de ouvir. Vígi também havia acabado de deixar para trás alguém importante para ela. As duas estavam tristes.

Naquele exato momento, Sera se deu conta do quanto odiava a SQ. Antes, era mais como uma oponente — alguém contra quem competia para salvar o futuro. Mas agora, depois do que os Guardiões do Tempo tinham feito com Bill, depois do que tinham tirado dela, a SQ tinha se tornado uma inimiga.

Ela afundou os dedos no solo, usando sua ira recém-descoberta para acalmar a dor em seu peito. Bill tinha morrido para protegê-la; quantos outros Guardiões da História também não haviam dado a vida por aquela causa? Eles três agora eram parte de um legado, e não tinham outra escolha além de corresponder a ele com o máximo de suas habilidades.

Como se sentisse a agitação nos pensamentos de Sera, Vígi se levantou e começou a caminhar, parando de tempo em tempo para farejar o ar. Suas orelhas rodavam, ouvindo os barulhos do início da manhã.

Dak estalou os dedos.

— Já sei!

Sera olhou para ele, incomodada. Dak estava com a mesma cara que fazia quando estava prestes a comunicar algum fato histórico “fundamental”. Ela amava a paixão de seu melhor amigo pela história, mas às vezes gostaria que ele percebesse que nem sempre a hora era apropriada.

— Err, gente? — Riq chamou.

Dak o ignorou, os olhos brilhando de empolgação.

— Rollo me parecia familiar, e estive pensando sobre isso...

— Acho que talvez... — Riq arriscou, mas Dak o interrompeu.

— Ele me disse que seu apelido era Caminhante, mas por causa do aparelho de tradução eu não ouvi a palavra em língua nórdica antiga, que poderia ser *Ganger*. Não acredito que não percebi isso antes, mas tem um guerreiro viking bem famoso que se chama Ganger Hrolf.

Ao ouvir o nome, o rabo de Vígi começou a balançar furiosamente no ar. Dak pareceu tomar aquilo como um bom sinal e continuou.

— Primeiro achei que fosse coincidência, mas o problema é que os registros sobre os vikings são péssimos. Vários historiadores se referem a eles com nomes diferentes.

Sera não acompanhou o que Dak estava dizendo e fez sinal com a mão para que ele fosse direto ao ponto.

— E?

Ao lado dela, Vígi voltou a andar de um lado para o outro, parando de vez em quando para cutucar a mão de Dak com o focinho, mas ele não parecia notar.

— Gente, é sério... — Riq tentou chamá-los mais uma vez.

Dak olhou para Riq e depois para Sera.

— Não entenderam?

Eles não tinham entendido. Dak revirou os olhos.

— São o mesmo cara. Rollo e Hrolf. E já ouvi falar sobre Hrolf. Sei exatamente quando e onde ele estará no verão de 911. Podemos voltar e devolver Vígi.

— Mas a história estava seguindo outro fluxo temporal — Sera disse. — Podemos ter mudado tudo.

Dak deu de ombros.

— Mas vale uma tentativa, não vale?

A ideia fez os batimentos de Sera acelerarem. Ela poderia descobrir o que havia acontecido com Bill. Só de pensar nele, seu peito ficava apertado.

— Nós realmente não devíamos ficar pulando muito na corrente do tempo — ela afirmou, desanimada, esperando que Dak pudesse refutar suas preocupações. — Mesmo se voltarmos por apenas alguns minutos, podemos causar ondulações.

— Ei! — Riq gritou, entrando no meio dos dois. Sera finalmente percebeu o olhar de pânico em seu rosto. — Seja o que for, sugiro que façamos rápido — ele disse, apontando sobre o ombro de Sera. Ela se virou e viu um contingente de soldados correndo na direção deles com armas em punho.

Como sempre, Dak parecia extremamente despreocupado, sua mente completamente fascinada com aquela nova época.

— O que será que eles querem?

Riq revirou os olhos.

— Imagino que estejam se perguntando o que um menino negro, um selvagem, um lobo e uma menina vestindo uma túnica medieval estão fazendo no gramado da Casa Branca.

Velhos amigos

DAK NÃO OUSOU INTERROMPER SERA ENQUANTO seus dedos voavam pelo Anel do Infinito, digitando a data (20 de julho de 911) e a localização (a *colline de Lèves*) que ele tinha passado para ela. Ele ainda estava com o machado da Paris de 885, mas a arma seria inútil contra os homens que vinham naquela direção. Eles carregavam rifles com baionetas.

Vígi se plantou diante de Dak, mostrando os dentes e vibrando o corpo com um rosnado. Ele continuou segurando no cangote dela, com medo que pudesse sair correndo atrás dos soldados. Se isso acontecesse, eles nunca conseguiriam levá-la de volta ao seu mestre.

Finalmente, Sera gritou:

— Consegui.

Ela agarrou Riq com uma mão, e Riq segurou em Dak e então o mundo ao redor deles começou a brilhar e girar. Dak ainda não estava acostumado com a sensação de viajar no tempo: seu estômago revirava e sua pele parecia repuxar.

Era como se seu corpo soubesse que eles estavam fazendo algo antinatural e protestasse. Para completar, ele não tinha ideia de como era o lugar para onde estavam indo. Segundo a história que havia lido, eles estariam viajando para o meio de um acampamento

viking. Quando chegassem lá, Rollo estaria comemorando a derrota da cidade de Chartres.

Só que ele não conseguia parar de pensar no que Sera havia dito, o que o deixou agitado. É claro que o envolvimento deles no cerco de Paris havia mudado a história — era por isso que eles voltavam no tempo, para corrigir as Fraturas.

E se, depois da correção, a Batalha de Chartres nunca tivesse acontecido? E se Rollo não estivesse lá? Dar-se conta de que a história que ele conhecia e entendia intimamente não existia mais era ainda mais desnorteante do que a sensação de viajar rapidamente pelo tempo.

Esses pensamentos ainda passavam pela cabeça de Dak quando tudo à sua volta parou. Eles estavam no alto de uma colina, no meio da escuridão, com apenas um pedaço da lua e as estrelas do céu para iluminar as redondezas. Sera soltou um longo suspiro.

— Parece estar certo — ela sussurrou.

Dak escutou o murmúrio de vozes vindo de algum lugar colina acima e sentiu Vígi tensa sobre seus dedos. Ela levantou a cabeça, farejando o ar. Curioso, Dak farejou também. Sentia cheiro de fumaça de madeira, cobre, terra e suor.

Antes de conseguir segurar a cadela direito, ela escapou. Dak não pensou duas vezes e saiu correndo atrás dela. Enquanto corria, ouviu Sera e Riq os seguindo, passando por cima da vegetação rasteira.

A cadela desacelerou ao chegar na beirada da clareira, dando passos silenciosos na noite, e Dak fez o possível para silenciar seus próprios passos também. Mas Sera e Riq não eram tão sutis enquanto tentavam alcançá-lo, e não foi uma surpresa quando um grupo de robustos guerreiros vikings os interceptou e começou a fazer perguntas.

Instintivamente, Dak sentiu seus dedos se apertarem ao redor de seu machado, para defender a si mesmo e seus amigos — então ele se deu conta de que os vikings não pareciam estar prestando atenção alguma nele. Só então ele se lembrou de que ainda estava

vestido como um *berserkr* da batalha de Paris; assim, estava passando despercebido.

Vígi parou e choramingou, e por um instante Dak se sentiu dividido entre seus amigos e a cadela. Ele se decidiu quando Vígi apertou o focinho contra a parte de trás do joelho de Dak, insistindo que ele fosse em frente.

— Eles estão comigo — ele gritou, olhando para trás enquanto continuavam a correr.

O centro do acampamento estava calmo — nada parecido com o que Dak esperava depois de uma vitória tão grandiosa quanto a da Batalha de Chartres. Um nó começou a se apertar em seu estômago.

Um viking gigante estava sentado diante dos restos de uma fogueira. As brasas ardentes lançavam sombras em seu rosto. Seus ombros estavam caídos, as mãos vazias largadas ao lado do corpo, e o cabelo já grisalho, quase branco. Dak sabia que devia ser Rollo — quem mais teria aquele tamanho? —, mas aquele homem tinha poucas semelhanças com o guerreiro sorridente e espirituoso que Dak conhecera.

O que quer que os três tivessem feito para mudar a história, não havia feito bem a Rollo, Dak percebeu.

Ele se aproximou devagar, mas Vígi não hesitou nem um pouco. Ela atravessou a clareira correndo, com a língua pendurada para fora da boca, e então saltou no ar, caindo sobre o peito do viking e o derrubando de seu banco.

O homem caiu no chão com tudo, e a cadela ficou sentada sobre ele. Ela inclinou a cabeça e soltou um uivo de alegria antes de lambeu seu rosto.

— Argh, eca! — ele resmungou, e Dak riu da inversão de papéis.

O gigante se apoiou nos cotovelos, tarefa nada fácil quando se tem uma cadela de quase setenta quilos sobre o peito.

— Vígi? — ele sussurrou, quase perdendo a voz. Dak não tinha certeza, mas achou que os olhos do guerreiro estavam brilhando.

O rabo da fera batia com entusiasmo, e havia um sorriso em seu rosto que mostrava todos os dentes. Ela lambeu o viking novamente.

— Só conheço um cão com um bafo tão ruim assim — ele murmurou, coçando a orelha da cadela. — Mas como?

Ele olhou para a frente e viu Dak. O rosto de Rollo se iluminou.

— Meu amigo viajante do tempo! — ele exclamou, ficando em pé. Ele deu um abraço em Dak que pareceu ter estalado várias costelas.

— Venha! Junte-se a mim perto da fogueira e me conte sobre as suas viagens — Rollo disse com sua voz grossa. Ele apontou sobre a cabeça de Dak, o garoto se virou e viu Sera e Riq sendo acompanhados até o acampamento. Eles pareceram relaxar ao ver Vígi sentada alegremente ao lado de Rollo.

— Só precisávamos dar essa passada rápida aqui, realmente não temos tempo para sentar e conversar... — Dak começou a dizer.

Rollo soltou uma grande risada.

— Com seu Anel brilhante aí, tudo o que vocês têm é tempo.

Enquanto Riq e Dak riam, Sera deu um passo à frente, seu rosto fechado e sério. Ela torceu as mãos diante do corpo, ansiosa.

— Sei que já faz muito tempo para você — ela disse. — Mas quando nós partimos, um garoto de nome Billfrith estava lá na igreja e foi ferido. Sabe o que aconteceu com ele?

Rollo juntou as sobrancelhas, demonstrando curiosidade. Ele curvou a mão perto da boca e gritou:

— Bill! — Depois se voltou para Sera, dizendo: — Por que ele mesmo não te conta?

As trompas de batalha (de novo)

SERA TINHA CERTEZA de que seu coração havia parado de bater. As mãos estavam tão fechadas que as unhas penetravam nas palmas. O eco do grito de Rollo chamando o nome de Bill ressoava em seus ouvidos.

Não pode ser, ela pensou, enquanto seus batimentos se descontrolavam e começavam a galopar.

Atrás dela, ouviu alguém sussurrar:

— Sera? — A voz era exatamente como ela se lembrava, fazendo suas bochechas esquentarem e um sorriso se formar em seu rosto.

Ele não apenas estava vivo como ela poderia vê-lo novamente! Aquilo ia além de seus sonhos mais loucos!

Ela já estava chamando o nome dele quando se virou e deu de cara com um homem que parecia tão velho quanto seu tio. Os cabelos rareavam perto das têmporas e rugas se acumulavam no canto dos olhos.

Ela engasgou com o nome dele. É claro que ele estava mais velho, sua mente tentou racionalizar. Embora não o tivesse deixado há mais de vinte minutos, ele havia passado uma vida inteira separado dela.

Ela se escutou gritando enquanto seus olhos ficavam embaçados com lágrimas.

Apesar de um tanto hesitante, Bill estendeu a mão na direção dela, mas era do jeito que um pai faria para consolar uma criança.

Sera se virou e saiu correndo.

Ela não chegou a adentrar muito no bosque, pois a razão a fez parar. Estava escuro e ela estava perto de um campo de batalha. Seria estúpido continuar correndo. Ela se apoiou em uma árvore e desabou no chão. Ficou encarando as mãos sobre o colo, sem enxergar.

Menos de uma hora antes, Bill havia entrelaçado seus dedos nos dela. Ele havia se aproximado, e ela achou que estava prestes a dar seu primeiro beijo. Seu estômago revirou enquanto seu cérebro guerreava entre as duas linhas do tempo, tentando orientá-la.

Ela ouviu Bill chegando antes mesmo de ele chamar o nome dela, suavemente. Ela fechou os olhos — a voz era realmente igual à que se lembrava. Por um instante, estava convencida de que ele apareceria como era antes.

Mas quando ela abriu os olhos, lá estava ele, tão mais velho. Ele se sentou ao seu lado.

— Isso é estranho, não é? — ele perguntou.

Ela só conseguiu confirmar com a cabeça.

— Eu pensei em você depois... — Ele respirou fundo e passou a mão no cabelo quase grisalho, um gesto tão familiar. — Na minha cabeça, você estava envelhecendo, como eu. Ver você agora, exatamente como era quando partiu... — Sua voz foi sumindo.

Sera engoliu em seco. Ela não conseguia olhar nos olhos dele.

— O que aconteceu? A última coisa que vi foi você sendo atingido por uma flecha.

— Tive sorte. Foi um ferimento limpo, não atingiu nada importante. — Ele puxou a gola da túnica e Sera viu uma cicatriz enrugada sob o brilho da noite. — Rollo conseguiu se defender do resto dos homens de Siegfried. Ele esperou até escurecer para me levar de volta ao acampamento e cobrir o ferimento. Foi quando juntamos dois e dois e percebemos que foi o bisavô dele que salvou meu tio-tataravô. Quando nos demos conta de tudo que tínhamos

em comum, resolvi me juntar a ele. Achei que Siegfried ficaria nervoso depois de Rollo deixar vocês escaparem, mas quando Rollo disse a ele que havia muitas terras boas para saquear descendo o Sena, na Borgonha, e que deixaria Siegfried ficar com tudo, as coisas pareceram se acalmar. Então eles seguiram caminhos separados. Siegfried e seus homens levaram seus barcos por via terrestre Sena abaixo, e Rollo ficou do lado de fora de Paris por um tempo, até que finalmente o rei Carlos, o Gordo, pagou para ele sair.

Ele pegou um galho do chão e começou a quebrar em pedaços menores.

— Parece que foi há séculos. — Depois de uma pausa, ele perguntou: — Como está sendo salvar o futuro?

Sera ainda não havia levantado os olhos.

— Nós não fizemos mais nada. Quando percebemos que Vígi tinha pegado carona na viagem, voltamos aqui para devolvê-la. Eu... — Ela engoliu com esforço. — Achei que você tivesse morrido tentando salvar minha vida.

Ele estendeu o braço e ergueu o queixo dela com um dedo.

— Se eu tivesse morrido por você, teria valido a pena. A causa dos Guardiões da História significa tudo para mim.

Sera então se deu conta do que ela havia sido para ele. Não uma menina que ele gostava, mas parte de uma causa maior que precisava ser protegida. Ela se levantou abruptamente.

— Preciso voltar para os outros. Nem deveríamos ter vindo para essa época. É perigoso interferir.

— Espere. — Ele se levantou, mas a idade o deixava mais lento e ela já estava vários passos à frente. — Tem uma coisa que você precisa saber.

Os ombros dela ficaram tensos. Ela queria ir embora, queria que aquela noite terminasse. Queria se lembrar do Bill de antes, não daquele estranho.

— Você me disse que, para corrigir a Fratura, os vikings teriam que ficar longe da Normandia, certo? — ele perguntou.

Sera confirmou com a cabeça, sem se virar para ele:

— Se Siegfried foi para a Borgonha em vez disso, então fizemos nosso trabalho.

— Siegfried mudou de ideia recentemente — Bill disse. — É por isso que estamos aqui. Rollo está tentando entrar na Normandia por Chartres. Mas ele perdeu a batalha hoje...

Sera se virou para ele.

— Dak disse que Rollo havia ganhado Chartres. Por isso viemos para cá.

Bill negou com a cabeça.

— Nós perdemos hoje, Sera. E essa era a única chance de Rollo sair na frente de Siegfried.



— Temos um problema — Dak disse assim que viu Sera voltando para o acampamento. Ela não parecia feliz em vê-lo, mas isso nunca havia sido impedimento para Dak.

— Se estiver falando de queijo, então...

— Rollo perdeu a batalha hoje — ele disse, mantendo o tom de voz baixo. Dak ainda não tinha conseguido superar as mudanças na aparência de seu amigo viking. Enquanto antes ele andava pelo acampamento com os ombros para trás e o queixo erguido, agora ficava curvado sobre o banco, olhando para a fogueira. De vez em quando Vígi cutucava sua mão com o focinho e ele sorria para ela, mas Dak sabia que a derrota daquele dia havia sido um golpe avassalador.

E não deveria ter acontecido. Não teria acontecido, se Dak, Sera e Riq não estivessem bagunçando a história. Ao envolverem Rollo, praticamente arruinaram sua vida.

Dak olhou para a clareira e abaixou ainda mais a voz.

— Rollo disse que os francos cercaram a colina. Cortaram completamente o fornecimento de água dele... e de seus barcos. Se

atacarem, ele não tem esperança de conseguir se defender.

Riq chegou bem a tempo de escutar essa última parte.

— Então eu diria que agora é uma boa hora para acionarmos o Anel do Infinito e darmos o fora daqui.

— Não podemos — Sera disse, simplesmente. Pela primeira vez, Dak e Riq tinham a mesma opinião, e ambos ficaram olhando para ela, confusos.

— Como é? — Riq questionou, tirando as palavras da boca de Dak.

Dak notou que Sera olhava para trás, para onde Bill perambulava pelos cantos do acampamento.

— É pior do que vocês pensam — ela sussurrou.

— Pior do que ser presa fácil para um exército três vezes maior do que o nosso? — Dak perguntou.

Ela olhou nos olhos dele e o estômago de Dak revirou. Ele conhecia aquela cara. Era a mesma que ela tinha feito pouco antes da feira de ciências do quarto ano, quando descobrira que não era a única aluna a pensar em usar tecnologia popular para monitorar o gasto de energia de uma casa.

— Siegfried está a caminho da Normandia, e há outros vikings da SQ atrás dele para tomar seu lugar, caso ele sucumba — ela disse.

— Rollo seguia para lá na tentativa de detê-los. Mas os francos cercaram essa colina, e se ele não conseguir achar uma saída, não conseguirá enfrentar Siegfried. E não teremos conseguido corrigir a Fratura.

Velhos inimigos

SE TINHA UMA COISA QUE SEMPRE ACALMAVA Sera era se perder nas complicações da física. O mundo podia estar desabando (e com todos os terremotos, tornados e furacões assolando o século XXI, às vezes realmente estava) e ela nem notava. Sempre teve a capacidade de se concentrar nos problemas com uma precisão de laser, e o que mais odiava era não conseguir encontrar uma solução adequada.

Afinal, ela era a menina que ficou acordada por dois dias inteiros decifrando o até então insolúvel problema da Existência de Yang-Mills e intervalo de massa.

Mas agora ela não tinha dois dias inteiros para resolver aquela situação; teria sorte se ainda tivesse duas horas antes de o amanhecer chegar e os francos atacarem. Rollo e seus homens haviam discutido durante grande parte da noite, com algumas intromissões de Dak, que tentava entender como alguns milhares de guerreiros vikings poderiam combater dezenas de milhares de soldados francos e borgonheses.

Todos chegaram à mesma conclusão. Era impossível. Todas as vias de recuo haviam sido isoladas pelos francos. Apesar de a esquadra de barcos vikings estar a menos de uma légua de distância, daria na mesma se fosse a distância até a Lua.

Ainda assim, uma sensação no estômago de Sera lhe dizia que estava esquecendo algo óbvio. Ela se afastou da fogueira e caminhou lentamente pelo acampamento. Tudo estava tão silencioso e amortecido; não parecia em nada com suas experiências da batalha anterior, cheia de urgência e preparativos rápidos.

Parte dela sentia falta do barulho. Apesar de ter sido terrível na época, havia algo eletrizante no badalar dos sinos da igreja parisiense e no retumbar das trompas de batalha vikings assinalando o início do confronto.

Sera ficou paralisada, com um pé ainda suspenso no ar.

— É isso! — disse em voz alta sozinha. Riu ao pensar em como a solução era perfeita enquanto corria para contar a Dak e Rollo.

Já estava sem ar quando os encontrou diante do fogo.

— As trompas de batalha — ela disse, agitada. — Podemos não ter homens o suficiente para combater os francos, mas eles não precisam saber disso. Dak, Riq e eu vamos entrar escondidos no acampamento deles com trompas de batalha, e começar a soprá-las. Os francos vão presumir que estão sendo atacados e se espalhar. No meio da confusão, vocês correm para os barcos!

Ela estava radiante de orgulho.

Rollo fez cara feia.

— Não vou mandar crianças para o acampamento inimigo — ele resmungou.

Dak não gostou de ser chamado de criança, mas antes que tivesse tempo de reclamar, Sera subiu o tom de voz.

— Ninguém vai suspeitar de nós três — ela argumentou. — Se os francos virem um viking andando pelo bosque, ficarão desconfiados e tudo estará arruinado. Mas se formos apenas nós... — Ela deu de ombros. — Somos crianças, que problemas poderíamos causar?



Dak estava contente porque, antes de sair do acampamento viking, finalmente pôde se livrar da pele de lobo, substituindo-a por calças pretas justas e um manto grosso tirado de um soldado franco ferido. O machado de sempre ainda estava pendurado em sua cintura, e nas mãos ele levava uma grande trompa de batalha.

As nuvens haviam se fechado enquanto eles debatiam os detalhes do plano de Sera. Agora, mesmo com o amanhecer iminente, a noite estava totalmente escura, o que tornava a orientação um tanto quanto difícil. Dak nunca havia sido um indivíduo particularmente gracioso, e não conseguir ver para onde estava indo não ajudava muito. Cada passo que dava parecia vir acompanhado de uma sinfonia de galhos se quebrando, fazendo com que pulasse de susto (o que só fazia ainda mais barulho).

Depois de finalmente concordar com o plano (foi preciso muita discussão), Rollo alertou os três viajantes do tempo a não chegarem muito perto dos acampamentos francos. Provavelmente haveria guardas a postos, ele avisou, e os três não podiam correr o risco de serem pegos.

No início, Dak obedeceu essa ordem, mas quanto mais esperavam na beirada dos acampamentos, mais inquieto ele ficava. Afinal, ele era antes de tudo um historiador, e via como um dever registrar adequadamente aquilo que testemunhasse através do tempo. Ele já tinha até começado a esboçar sua grande obra, intitulada *O senhor do tempo*, que, tinha quase certeza, o estabeleceria como autoridade suprema em todas as questões históricas.

Além do mais, era entediante ficar sozinho no bosque. Convencido de que era a coisa certa a fazer (não que precisasse de muito esforço para isso), Dak seguiu na direção do acampamento franco. Quanto mais perto ele chegava sem ser descoberto, mais ousado ficava.

Ele se manteve abaixado enquanto avançava por uma série de barracões, parando de vez em quando para ouvir o ronco dos soldados. Seu coração batia com um misto de medo e empolgação.

Dak estava enfiando a cabeça dentro de uma cabana rústica quando ouviu o primeiro sopro: Sera. O som foi fraco no começo, mas depois cresceu em volume e insistência. Outra trompa de batalha se juntou à primeira: Riq.

Já começavam os sussurros e sons de surpresa entre os soldados espalhados pelas barracas e esteiras dispostas no acampamento. Alguns homens se levantaram, já de armas em punho.

Dak não tinha tempo para voltar ao bosque fechado, então fez a única coisa possível: agachou-se atrás da árvore mais próxima e soprou a trompa de batalha o mais alto possível.

Parecia mais fácil do que realmente era. A princípio, o instrumento produziu apenas um som sibilante e abafado. As bochechas de Dak começaram a ficar quentes e vermelhas com o esforço, e sua cabeça girava com a falta de ar enquanto ele recuperava o fôlego. Ele mudou a posição da boca e aquilo resolveu o problema: o instrumento soltou um brado terrível e penetrante.

Quem ainda não tinha acordado com os outros sopros certamente acordou naquele momento. Soldados saltavam de suas esteiras, alguns enfiando sapatos, outros buscando as armas, mas a maioria simplesmente fugia.

— Os nórdicos estão atacando! — Dak berrou, estimulando o pânico. — Recuem! — Seu alerta se espalhou como fogo, e Dak o ouviu sendo repetido diversas vezes. Soldados se dispersavam, deixando o acampamento tão rápido que Dak não conseguia conter o riso entre os sopros da trompa de batalha.

O truque tinha funcionado: o exército franco estava desordenado, situação ideal para que os vikings corressem até o rio. Ele mal podia esperar para encontrar Sera e a parabenizar pelo plano brilhante. Principalmente porque nunca esteve convencido de que funcionaria.

Com um sorriso no rosto, Dak se virou na direção do bosque — quando uma mão de repente segurou seu ombro. Dak tentou alcançar o machado, mas foi imediatamente desarmado e prensado contra o chão, virado para o céu tingido pelo amanhecer.

Uma figura pairava sobre ele, com os joelhos pontudos enterrados nas suas costelas.

— Veja só se não é meu antigo nêmesis — o homem disse. — Você não parece ter envelhecido um dia sequer.

Ele colocou Dak em pé e o arrastou na direção da fogueira. Quando a luz se espalhou sobre o rosto do homem, iluminando a cicatriz que ia da sobrancelha esquerda até o canto direito da boca, Dak sentiu suas entranhas se contorcerem.

Mesmo que os últimos vinte e cinco anos tivessem acrescentado rugas e manchas de idade ao rosto do soldado, Dak reconheceu Gorm imediatamente. O homem envelhecido colocou as mãos de Dak atrás das costas, amarrando-as com a corda que usava como cinto.

— Você não precisa fazer isso — Dak murmurou.

O Guardião do Tempo soltou uma risada alta.

— O homem e a mulher disseram a mesma coisa. E como eles eram mais velhos, acreditei. Foi a última vez que confiei em alguém do futuro.

O coração de Dak congelou. Ele engoliu em seco.

— Um homem e uma mulher? Do futuro?

Só podiam ser seus pais.

— Minha cabeça ainda dói no lugar onde a mulher me acertou com uma pedra — Gorm lamentou. Depois olhou para Dak com cara feia. — Não pretendo arriscar dessa vez.

Herança

DE REPENTE, NADA MAIS IMPORTAVA para Dak além de encontrar Sera e Riq. E se isso significasse conduzir o Guardião do Tempo para onde Rollo e seus homens subiam a bordo de seus navios, que fosse.

Ele tinha que contar a Sera sobre seus pais. Se o galo na cabeça de Gorm era tão recente quanto parecia, eles tinham passado por ali havia apenas uma ou duas horas. Eles podiam *ainda* estar ali, em algum lugar. Dak teve que se segurar para não começar a chamar por eles na madrugada escura.

Se o Guardião do Tempo desconfiou de alguma coisa quando Dak quase não opôs resistência antes de ceder às suas demandas de ser levado até os vikings, ele não demonstrou. Em vez disso, apenas se arrastou atrás de Dak, contando que ter perdido os três viajantes do tempo em 885 levou Siegfried a bani-lo, e que desde então sua vida com o exército franco estava sendo desprezível.

Dak não se importava e mal estava escutando.

— Siegfried pegou minha espada, *Leggbítr* — Gorm lamentou. — Sabe o que significa para um nórdico ficar sem sua arma?

Quando Dak não respondeu, Gorm cutucou suas costas para extrair uma resposta. Dak fez que não com a cabeça.

— É humilhante. *Leggbítr* era a espada de meu pai, e antes foi do pai dele. Agora, sabe o que eu tenho para passar para o meu

próprio filho?

Dak olhou para o Guardião do Tempo, imaginando se o filho dele teria herdado o nariz largo e as orelhas caídas. Em caso positivo, ele devia estar feliz por não ter herdado mais nada do pai.

Ele deu mais um cutucão nas costas de Dak, que resmungou:

— O quê? — Ele tentou não pensar no que Sera e Riq diriam quando ele chegasse até eles trazendo o inimigo. Ele estava sendo burro e tinha consciência disso, mas mesmo assim não voltou atrás.

— Nada — Gorm vociferou. — Isto é, até eu negociar aquele dispositivo mágico de metal com Siegfried. Você me leva ao acampamento, me dá aquele troço, e talvez eu o deixe vivo. Combinado?

Como se quisesse enfatizar seu argumento, Gorm balançou o machado no ar, cortando perfeitamente um galho grosso de uma árvore. Sua mensagem era clara: se as coisas não corressem bem, o pescoço de Dak já era. Ele estremeceu, tentando não pensar na ameaça incrivelmente real que Gorm representava.

Quando Sera se desse conta do que Dak estava fazendo, ficaria muito irritada. Mas, para Dak, aquilo não importava no momento. O que importava era descobrir como reencontrar seus pais.



— Ele já devia estar aqui — Sera sussurrou. Ela andava em pequenos círculos ao longo da margem enevoada do rio Eure enquanto Riq estava sentado na borda, jogando pedras na água. A manhã estava nublada e as pedras navegavam pelo cinza antes de afundar.

— Estamos falando de Dak — Riq respondeu. — Ficaria surpreso em vê-lo antes do meio-dia.

Sera se virou para ele, cruzando os braços diante do peito.

— O que isso quer dizer?

Uma das pedras de Riq afundou na água com um *splash* alto. Ele ergueu o ombro.

— Só estou dizendo que o Dak é assim. Nós o deixamos sozinho em um acampamento inimigo. Imaginei que a probabilidade de ele fazer algo idiota e ser pego seria de cinquenta por cento.

Sera sentiu o sangue ferver de indignação, e depois exaurir-se de seu rosto com a preocupação.

— Dak é mais esperto do que isso. Tenho certeza de que aprendeu a lição da última vez — ela afirmou.

— E quando foi que ele *não* se meteu em confusão? Sozinho ou com a gente? Olha, eu entendo o fascínio do cara pela história. Essa viagem toda deve ser uma oportunidade única para ele. Mas ele não é muito esperto quando se trata de evitar riscos e tomar precauções.

Sera queria argumentar. Ela até chegou a abrir a boca, pronta para defender Dak. Mas não saiu nada. A verdade é que Riq estava certo.

Bufando, Sera virou-se de costas e continuou a andar de um lado para o outro. Um pouco mais abaixo no rio, Rollo e seus homens empilhavam suprimentos nos barcos amarrados à costa e se preparavam para zarpar. Com tantos homens, seria um processo longo e complexo, mas se Sera, Riq e Dak quisessem estar com eles quando partissem, teriam de se aprontar logo.

Não demoraria muito para os francos se darem conta de que o ataque viking não passara de um truque e se reagruparem para ir atrás deles. Ela realmente não queria ficar lá para conhecer os francos furiosos daquele século.

Sera andou de um lado para o outro por mais um tempo, e depois parou diante de Riq. Perder Dak não era o único problema que ocupava sua mente.

— Acha que tirar Rollo daqui é suficiente para corrigir a Fratura? — ela perguntou.

Riq negou com a cabeça.

— E você acredita nisso porque...?

Riq encarou Sera e ela vislumbrou algo familiar em seus olhos.

— Minhas Reminiscências estão piorando — ele confessou.

Sera recuou.

— Tanto assim?

Riq tentou rir, mas o som saiu forçado e abafado. Sera se sentou ao lado dele, observando seu rosto atentamente.

— Você não chegou a me contar sobre o que são as suas Reminiscências — ela disse.

Riq olhou para o chão, procurando outra pedra.

— Não tenho nada para dizer sobre elas. Nada concreto que eu possa descrever.

— As minhas também eram assim, no começo — Sera afirmou. — Eram apenas sensações, mas depois de um tempo eu comecei a entender o que aquelas sensações significavam. — Ela hesitou antes de insistir. — O que sente durante as suas?

Riq se levantou e espreguiçou, jogando os braços para cima.

— Nada — ele disse quando terminou.

Sera odiava o tom na voz dele.

— Certo, se não quer compartilhar, não compartilhe. — Ela se levantou e saiu andando. — Eu vou atrás de Dak.

Capturados

DAK CERROU OS DENTES DE FRUSTRAÇÃO. Ele não se importava muito por estar com as mãos amarradas, ou por seu machado estar em posse do Guardiã do Tempo, ou mesmo pelo fato de que seus pais poderiam estar por perto sem que ele soubesse onde.

Era capaz de lidar com aquelas coisas. Estava irritado por ter acabado de ouvir uma voz familiar chamar seu nome. Sera, que nunca foi dada a sutilezas, andava pela floresta fazendo tanto barulho quanto seu tio Dick depois de comer o famoso ensopado de seis feijões da tia Lou.

Dak tentava tossir toda vez que ouvia a voz dela para distrair o Guardiã do Tempo, mas aquilo só servia para fazer Gorm olhar com estranheza em sua direção. Dak podia ouvir uma ponta de pânico na voz de Sera. Era um descuido da parte dela perambular pela floresta procurando por ele. O exército franco estava batendo em retirada — e se ela desse de cara com eles?

Por fim, Gorm percebeu. Ele puxou os braços de Dak, fazendo-o parar.

— Parece que sua amiga está preocupada com você — disse, cutucando Dak com o cotovelo.

Dak ficou possesso, mas quando o Guardiã do Tempo aproximou o machado de seu pescoço e ordenou que chamasse por Sera, não teve escolha a não ser obedecer.

— Sera Froste! — gritou, esperando que, ao usar seu nome completo, ela ficaria desconfiada e perceberia que alguma coisa estava acontecendo.

Eles realmente deviam ter combinado algum tipo de código para situações como aquela. Embora talvez a melhor solução fosse apenas evitar completamente aquele tipo de situação.

Sera era uma das pessoas mais espertas que Dak conhecia — além dele mesmo, é claro —, mas ela estava mais para “rata de biblioteca” do que para “rata de rua” (ou, nesse caso, de floresta). Então ele não deveria ter ficado surpreso quando ela saiu ruidosamente do meio dos arbustos, sem fôlego e desarmada.

O Guardiã do Tempo regozijou-se ao vê-la.

— Ora, agora isso está ficando interessante, não é?

Ela logo se levantou, arregalando os olhos cada vez mais ao ver Gorm, o machado e Dak com as mãos amarradas. Tudo o que disse foi:

— Oh-oh.

Oh-oh, mesmo, Dak pensou. Agora só faltava Riq juntar-se a eles para a festa ficar completa.

Como se tivesse sido convocado pelo pensamento de Dak, o garoto mais velho chegou aos tropeços na clareira, tão desarmado quanto Sera.

— Ah, pelo amor — Dak resmungou, usando a expressão favorita de Sera. Ela o encarou.

— Você não trouxe nenhuma arma, ou quem sabe um ou outro viking para ajudar, trouxe? — Dak perguntou, esperançoso.

Pelo menos Sera teve a decência de parecer constrangida ao dar de ombros e dizer:

— Todos os homens estavam ocupados.

Ótimo, Dak pensou. Agora Gorm sabia que ninguém viria resgatá-los. Aquela manhã só estava piorando.

E essa é uma frase que, obviamente, só é dita pouco antes de as coisas realmente piorarem. Gorm derrubou Dak e deu um passo adiante, repousando o machado contra a barriga de Sera. Usando

uma delicadeza que Dak nunca imaginou ser possível com uma arma tão pesada, o Guardiã do Tempo arrancou a bolsa de couro do cinto dela.

O Anel do Infinito era o último trunfo deles. Agora que estava nas mãos do Guardiã do Tempo, os três viajantes não tinham mais saída.



Por um momento, Sera imaginou se sua sorte já não teria se esgotado. Ela já havia bolado um plano que dera certo naquela noite, e não estava confiante de que conseguiria elaborar outro. Tinha certeza de que o medo transparecia em seu rosto, o que explicava em parte por que fora tão fácil convencer o Guardiã do Tempo de que ela e Riq eram as únicas pessoas na floresta procurando por Dak.

E, tecnicamente, aquela afirmação era verdadeira. Sera não gostava de mentir, mas era muito apegada à precisão e aos detalhes. Dak havia perguntado se eles haviam trazido algum homem viking para ajudar, e ela respondeu que não com segurança.

Mas isso não queria dizer que ela não tinha outros truques na manga. Era o que esperava.

Ainda assim, sentir a lâmina afiada do Guardiã do Tempo contra si e assistir enquanto ele tomava o Anel do Infinito foi muito preocupante.

E se ela tivesse calculado mal? Se os próximos segundos dessem errado, os três poderiam perder todos os laços com o futuro, falhar na missão de corrigir as Fraturas e até mesmo perder a vida.

O Guardiã do Tempo puxou o Anel do Infinito para fora da bolsa e o cheirou, depois pôs entre os dentes e mordeu. Todo mundo que estava na clareira se assustou com o som de um dente quebrando.

— Ossos reforçados com hidroxiapatita não são páreo para o titânio — Sera advertiu.

O Guardião do Tempo a encarou e ergueu o machado. Ela deu um passo apressado para trás, mas não foi rápida o bastante, e Gorm agarrou seu braço.

Ela olhou para Dak e o que viu fez com que perdesse o resto de confiança que tinha. Ele estava completamente aterrorizado e, com os braços amarrados para trás, não havia nada que pudesse fazer para se defender. Ou defendê-la.

Riq tentou dar um passo à frente e colocar-se entre Sera e o Guardião do Tempo, mas isso só deixou o velho ainda mais furioso e fez com que apertasse a lâmina contra a garganta dela. A cada engolida, Sera sentia a lâmina afiada, e não conseguia parar de pensar em quanta força e pressão seriam suficientes para que ele cortasse alguma coisa importante.

Ele estava claramente nervoso, e Sera sabia muito bem que um homem nervoso tende a tomar medidas desesperadas. Principalmente estando de posse do Anel do Infinito.

Algo se mexeu nos arbustos à sua esquerda, uma silhueta arrastando-se pela escuridão. Ao vê-la, o coração de Sera começou a bater desenfreadamente. Era sua chance, o momento que havia planejado. Precisava agir e tinha que ser imediatamente. Ela fechou os olhos, respirou fundo e cruzou os dedos, torcendo para que sua sorte não tivesse acabado, no final das contas.

Se Sera falhasse, não era apenas a vida deles que estava em jogo, mas o destino do mundo inteiro.

Admitindo a derrota

— VÍGI! — SERA GRITOU. Ela apontou para o Guardiã do Tempo e deu o comando: — Jantar!

Por um momento nada aconteceu, e Sera prendeu a respiração, já que seus pulmões pareciam absurdamente apertados.

O tio de Sera nunca havia permitido que ela tivesse um animal de estimação quando era mais nova, então ela sempre enxergou cães e gatos com um certo grau de perplexidade. Ela não entendia por que alguém convidaria uma criatura selvagem para entrar em seu lar e tentaria interagir com ela diariamente.

Mas ao longo do último dia, Sera havia começado a compreender o laço entre um cão e seu mestre, principalmente depois de ver como Vígi ficou desesperada e deprimida ao se separar de Rollo.

Sem mencionar como os olhos do líder viking ficaram iluminados quando ele viu sua amada fera novamente. Foi como assistir ao reencontro de um pai com seu filho há muito desaparecido.

No entanto, naquele instante, quando Vígi surgiu na clareira, Sera poderia ter beijado a cadela, apesar do hálito horroroso.

O Guardiã do Tempo nem teve chance de se preparar antes que a enorme fera pulasse pelo ar, derrubasse-o no chão e envolvesse seu pescoço com a mandíbula.

Ele ficou paralisado enquanto os dentes de Vígi apertavam gentilmente sua pele. Sera notou que Dak estremeceu — ele já havia contado a ela a história de como fora imobilizado por Vígi na primeira vez que a encontrou, e como aquela experiência tinha sido aterrorizante.

— Está com fome, menina? — Sera perguntou, apreciando o olhar de pânico no rosto de Gorm. Não sabia ao certo o que era pior para ele: os dentes da cadela em sua garganta ou aquele hálito tão perto do nariz.

Ela passou a mão nos pelos eriçados da cadela em agradecimento, enquanto se abaixava para tomar o machado das mãos do Guardiã do Tempo. Não demorou muito para cortar a corda que amarrava os braços de Dak.

Recém-libertado, Dak ajoelhou-se para dar uma boa coçada atrás das orelhas de Vígi. O rabo da cadela balançou alegremente em resposta.

— Você vai se comportar? — Sera perguntou, assomando-se sobre o viking caído. — Ou devo deixar esta bela cadela apreciar sua refeição?

Ele estava vermelho de raiva.

— Eu não sou o único, sabia? — disse, contrariado. — Pode me matar, se quiser, mas há outros como eu atrás de vocês, e nenhum deles tem motivo para mantê-los vivos. Você não tem ideia do erro que cometeu aqui hoje.

Sera começava a responder quando Dak se aproximou, a alegria se esvaindo de seu rosto.

— Onde estão meus pais? O casal que você viu mais cedo; para onde eles foram?

Foi uma pergunta tão inesperada que Sera engasgou.

Aparentemente, a reação dela era tudo de que o Guardiã do Tempo precisava. Um sorriso surgiu lentamente em seu rosto. Em resposta, Vígi apertou tanto as mandíbulas que fez o homem se encolher.

Sera olhou de soslaio para Dak, impelindo-o a olhar para ela. Normalmente eles tinham a habilidade de quase ler os pensamentos um do outro. Havia momentos em que a sintonia era tanta que pareciam compartilhar o mesmo cérebro (embora o dele tendesse a se concentrar mais nos detalhes esotéricos da história enquanto o dela estava firmemente amarrado aos fatos científicos).

Agora, eram quase como estranhos um para o outro. Sera não tinha ideia do que se passava na cabeça de Dak. Aquela expressão no rosto dele, uma mistura de desespero e raiva, ela nunca tinha visto antes.

Gorm riu.

— Então parece que o jovem viajante do tempo quer alguma coisa, afinal. — Mesmo com sua vida em risco, o Guardiã do Tempo deu um jeito de levantar uma sobancelha. — O que está disposto a dar em troca dessa informação?

Ao longe, Sera ouviu homens gritando ordens, o exército franco se reagrupando e partindo em direção ao acampamento viking às margens do rio. O tempo deles estava acabando.

— Dak — ela disse, puxando a ponta de seu manto. — Temos que ir.

Quando olhou para ela, seu rosto estava tomado pelo desespero.

— São meus pais, Sera. Sei que não entende, mas...

Dak deve ter percebido como suas palavras penetraram no coração dela, pois parou imediatamente. Riq então pigarreou, para que percebessem que estava ali. Ele sabia o suficiente sobre as Reminiscências de Sera para entender o quanto as palavras de Dak a machucaram.

Ela *sabia* como era sentir falta dos pais. Cada vez que seu estômago revirava e o mundo desmoronava em uma Reminiscência, era isso que sentia. Sera sempre esteve ciente do vazio deixado em sua vida pela morte de seus pais.

— Vamos — Riq murmurou.

Sera sabia que ele estava certo. Os francos estavam se aproximando e, se o Guardiã do Tempo dissera a verdade, mais

membros da SQ estavam infiltrados no exército que os perseguia.

Ela puxou Dak com mais força. Ele hesitou, mas então Sera sentiu que havia cedido. Vígi continuou em posição, mantendo o Guardião do Tempo imóvel para que eles pudessem fugir sem serem seguidos. Assim que os três viajantes do tempo adentraram a floresta, o homem gritou:

— Não vão conseguir escapar da SQ! Através do tempo e do espaço, sempre estaremos um passo à frente!



Os três não falaram muito enquanto fugiam rio acima em direção à esquadra de barcos vikings, o que Dak achou ótimo. Ele ficara muito impressionado com o raciocínio rápido de Sera — ele mesmo havia caído no truque dela —, mas aquilo não desviava o pensamento de seus pais.

Eles haviam chegado ao bando de vikings e estavam sendo acompanhados até um dos barcos quando Dak parou repentinamente, segurando Sera e Riq.

— E se Gorm soubesse mesmo onde estão meus pais? Podemos estar deixando para trás a única chance real que temos de encontrá-los.

Ao redor deles, homens corriam para carregar os barcos e posicionar os escudos ao longo do casco para proteção. Os primeiros raios de luz da manhã surgiam sobre o horizonte, e uma névoa suave pairava sobre a superfície do rio. O barco de Rollo já havia zarpado e levantado a vela, e o ar fresco do amanhecer fazia o tecido vermelho tremular. Ele soltou um assobio agudo, chamando por seu cachorro.

— O fato de ele ter visto seus pais só confirma nossa teoria sobre as Fraturas — Sera disse, sem fôlego de tanto correr. Dak percebeu que ela tentava ser paciente com ele, embora ainda houvesse uma aspereza em sua voz. — Eles estão sendo atraídos pelas Fraturas.

Se não os encontrarmos aqui e agora, teremos outra chance. Tenho certeza.

Dak queria acreditar nela, mas...

— Mas essa Fratura não deveria existir — ele disse. — Voltamos ao ano de 885 para corrigi-la. Nunca deveríamos ter vindo aqui. Na verdade, nem *estaríamos* aqui se não fosse por Vígi.

Em vez de responder, Sera caminhou em direção a um dos barcos e deixou um viking parrudo içá-la a bordo.

— Espere — Dak a chamou. O barco estava cheio de pessoas e suprimentos, e ele tinha que abrir caminho por entre os homens enormes que se preparavam para partir. Quando finalmente alcançou Sera na proa, ela não o olhava nos olhos. — O que está escondendo?

— Acho que os Guardiões da História nos mandaram para o momento errado do tempo, para começar — ela respondeu baixinho. — Acho que nunca deveríamos ter estado no cerco de Paris, no fim das contas.

Aprendendo com os cães

DAK PODIA PERCEBER o quanto desagradava Sera ter que admitir que eles tinham cometido um erro, e aparentemente Riq se sentia do mesmo jeito. Ele estava de cara amarrada.

— Decodifiquei aquela pista corretamente — disse. — Posso ser mais novo que Brint e Mari, mas conheço a Arte da Memória e sei como usá-la. É igual a qualquer outra linguagem — resmungou.

Sera suspirou.

— Não estou dizendo que você errou, é só que... — Ela passou a mão pelo cabelo e pareceu surpresa por estar tão curto. Franziu a sobrancelha e Dak se lembrou de como ela adorava ter o cabelo comprido. Seu tio uma vez lhe dissera que ficava parecida com sua mãe.

Dak não havia percebido o quanto ela estava sacrificando quando permitiu que a Guardiã da História Gloria o cortasse em sua primeira missão.

O barco se afastou da praia, com os homens encurvados sobre seus remos para impulsioná-lo contra a correnteza. O movimento sacudiu Dak, que buscou o banco mais próximo para se equilibrar. Ele já podia ouvir o som dos soldados francos se aproximando e enxergava os vultos de homens armados por entre as árvores que ladeavam o rio.

— Acho que Brint e Mari podem ter entendido errado — Sera disse a ele. — O que significa que não podemos confiar tanto no SQuare quanto pensávamos.

Dak sentiu-se completamente exposto e vulnerável, apesar de o rio que os cercava estar cheio de barcos, cada um deles transbordando de vikings com seus arcos e flechas apontados para a margem.

— Não sabemos exatamente o que estamos fazendo, não é?

Sera se encolheu com a pergunta. Dak sabia que ela odiava não saber alguma coisa, e era ainda pior quando alguém — principalmente um amigo — chamava atenção para isso.

Riq deu um passo à frente, de punhos cerrados.

— Estamos fazendo nosso melhor — disse. — Sera salvou sua pele mais vezes do que sou capaz de contar, mesmo que você não tenha percebido. Estávamos sob muita pressão para ir embora enquanto você estava lá, se divertindo com os vikings. Mas não fomos.

Dak tentou olhar nos olhos de Sera, imaginando se era verdade, mas ela evitou seu olhar.

— Tanto faz — ele por fim resmungou. — Vamos até a próxima Fratura e começamos a procurar pelos meus pais de novo. O Anel já está programado?

Sera e Riq trocaram olhares, o que já estava deixando Dak de saco cheio. Ele odiava se sentir excluído.

Ela respirou fundo.

— Há um problema — ela começou. — Minhas Reminiscências têm piorado. Riq e eu achamos que isso significa que ainda não corrigimos nada.

— Mas impedimos que Siegfried controlasse a Normandia — Dak afirmou. — Agora os descendentes dele não conquistarão a Grã-Bretanha nem estabelecerão seu domínio pela Europa. Não é o que devíamos fazer?

— Apenas adiamos o inevitável. Agora Siegfried está indo para a Normandia pela Borgonha, em vez de Paris. O resultado é o mesmo.

Sera começou a andar de um lado para o outro. Era o que sempre fazia quando ficava frustrada por não encontrar a solução para um problema.

— A SQ sabia o que estava fazendo quando se aliou aos vikings — Riq complementou. — São guerreiros muito bons. Se querem a Normandia, vão tomá-la. Mesmo que Rollo chegue lá primeiro, acabarão lutando com ele pelo controle. E já que nossas Reminiscências não melhoraram nem um pouco, dá para apostar que Siegfried e seus homens vencerão. Tivemos nossa chance de consertar as coisas antes e desperdiçamos. Até onde sei, não há nada que possamos fazer para impedir a SQ agora.



Desistir era um verbo que não fazia parte do vocabulário de Sera. Mas sua mente científica exigia que suas ações fossem baseadas nos fatos, e eles estavam começando a pesar contra ela.

Tudo deveria ter levado Sera à conclusão de que eles tinham falhado. Mas ela não conseguia acreditar naquilo. Ela havia identificado uma décima dimensão na teoria das cordas porque não quis desistir, então não pretendia começar a fazer isso agora.

Ainda assim, ela não tinha solução alguma para sua situação atual.

Sera viu Bill abrindo caminho por entre os homens no barco, tentando chegar a ela. Seu estômago revirava toda vez que olhava para ele, tentando comparar o Bill que conhecera antes à pessoa que era agora. Ele era um velho, e ela não conseguia descobrir uma forma de se relacionar com ele. Um dia antes, era um amigo e confidente. Agora... não sabia mais o que ele era.

Ela se virou e olhou para a água, para não ter de encará-lo.

— Temos notícias de que o exército do rei Carlos, o Simples, está posicionando suas tropas no alto do rio e que os francos estão se reagrupando logo atrás de nós — ele disse. — Ambos logo virão em

nosso encalço. Aqui não será um lugar seguro por muito mais tempo. Rollo pretende lutar, mas mesmo que tenhamos sucesso temo não haver muitas esperanças de que consigamos deter as forças de Siegfried. Talvez seja melhor vocês partirem antes que as coisas fiquem feias.

— É — disse Riq, sarcástico. — Porque a ideia de ir parar em mais uma zona de guerra é muito atraente.

Dak pareceu ignorá-lo, como de costume.

— O que o rei está fazendo nessa parte da França?

Sera revirou os olhos. Seu amigo transformava qualquer oportunidade em uma busca por mais conhecimentos históricos.

— Ele vem tentando traçar um tipo de acordo entre os nórdicos e os francos para evitar as lutas constantes, mas até agora não obteve sucesso...

Bill continuou sua lição de história e Dak prestou atenção a cada palavra, mas Sera estava distraída com a visão de Vígi trotando pela margem do rio ao lado deles, lambendo os beiços como se tivesse acabado de se deleitar com uma bela refeição.

O navio de Rollo encabeçava a esquadra de barcos, com a vela estufada e remos cortando a água. Do leme, o gigantesco líder viking soltou outro assobio cortante, que fez as orelhas da cadela levantarem e apontarem em sua direção.

Os músculos de Vígi se enrijeceram e ela correu para o rio, as patas cavando caminho pela lama. Ela nem hesitou ao chegar à beira da água — apenas mergulhou e começou a nadar furiosamente, com a ponta do rabo serpenteando pela água que ficava para trás.

Rollo gargalhava e gritava, encorajando Vígi enquanto ela se aproximava. Quando ela chegou na ponta da embarcação, Rollo se curvou e a puxou para fora da água, sem se importar em quase tombar o barco no processo.

Mesmo de onde estava, Sera podia ouvir como Rollo falava carinhosamente com Vígi, deixando o corpo ensopado da cadela se acomodar em seu colo enorme, enquanto ela lambia seu rosto

alegremente. Cada vez que o rabo dela balançava, um enorme arco de água era lançado no ar, molhando os homens encarregados dos remos, mas nem a cadela nem seu mestre perceberam ou se importaram com isso.

Sera não conseguia evitar um sorriso. Embora tivessem arriscado bagunçar a linha do tempo ao viajar para lá para devolver Vígi ao seu mestre, valia a pena ver como ela deixava o líder viking feliz. E ele merecia ter sua cadela de volta depois de ter feito tanta coisa para ajudar os três viajantes do tempo.

Assim que esse pensamento passou por sua cabeça, Sera engasgou. É claro! A solução era tão óbvia que ela começou a rir muito, a ponto de lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

Quando recobrou o fôlego, percebeu que Dak, Riq e Bill olhavam para ela com preocupação. Segurou mais algumas risadas e limpou a garganta para anunciar:

— Estávamos encarando tudo da maneira errada. Descobri como corrigir a Fratura.

Eles continuaram olhando para ela, com os olhos arregalados pela expectativa.

Ela se voltou para Bill. Precisariam da experiência dele para fazer aquilo dar certo.

— Em quanto tempo consegue nos levar até o rei?

Tão perto, tão longe

SERA NÃO CONSEGUIA PARAR DE SORRIR. Estavam encarando o problema da maneira errada. Riq estava certo: não havia nada que pudessem fazer para impedir que os vikings ocupassem a Normandia. Então a solução era óbvia: tinham que escolher o viking *certo* para assumir a liderança. E Rollo era o candidato perfeito.

Era um plano brilhante em sua simplicidade. E o melhor de tudo: envolvia fazer a paz em vez da guerra.

Embora tenha sido sua a ideia de abordar o rei Carlos, o Simples, com a intenção de conceder a Rollo as terras que um dia seriam a Normandia em troca da promessa dele de proteger a foz do Sena de futuros ataques vikings, foi Bill quem fez tudo acontecer. Eles sabiam que o rei nunca daria ouvidos a três crianças, então Bill sabia que o destino do mundo dependia de sua habilidade para selar esse acordo.

Ele hesitou em aceitar a tarefa a princípio. Explicou que sempre vira seu papel de Guardiã da História como alguém que mantinha registros e dava suporte a viajantes do tempo, não como alguém que assume um papel tão ativo. Mas como um parisiense nativo que havia passado décadas com os vikings, ele era o diplomata perfeito. Demorou a viagem inteira rio acima até o acampamento

do rei para convencê-lo, mas no fim foi Sera quem conseguiu fazer com que concordasse.

Depois disso, foi uma viagem longa e tensa. Os barcos estavam lotados e Sera passou o tempo todo ansiosa com o encontro iminente. Sabia que seu plano era um golpe de sorte. Por que o rei aceitaria ter uma audiência com eles? Mais do que isso, por que concordaria com sua proposta? Afinal de contas, segundo Dak, Carlos, o Simples, governava os francos — portanto era dono do rio em que viajavam, das terras ao longo das margens e de tudo que a vista alcançava.

Ao mesmo tempo, Sera não via outra forma de corrigir a Fratura. Eles tinham que proteger a Normandia e a linhagem que a governaria. Ela confiava em Rollo e confiava em Bill para convencer o rei do que precisavam.

Assim que chegaram ao acampamento do rei, passaram várias horas tensas esperando para descobrir se poderiam ao menos falar com alguém que pudesse dar ouvidos às suas ideias. Podiam facilmente ser feitos prisioneiros. Sera tentou não gritar de alegria quando alguns soldados mal-encarados levaram seu pequeno grupo a uma tenda grande e enfeitada, com fumaça saindo por uma ponta no topo.

— É a tenda do rei — Dak sussurrou com o canto da boca enquanto a tenda era aberta e o soldado fazia um gesto para que entrassem.

Foi basicamente nesse ponto que a mente de Sera deu um branco. Ela sabia que havia estado diante do rei, e se lembrava de ter ficado orgulhosa quando a voz de Bill não estremeceu. As mãos dela tremiam tanto que ela teve de escondê-las atrás das costas.

A princípio, o rei não gostou da ideia de ceder tantas terras a um nórdico, mas Bill explicou que Rollo juraria lealdade, tornando-se um súdito do rei e seguidor de suas leis — algo que os vikings raramente faziam —, e prometeria protegê-lo de futuras invasões vikings, impedindo que entrassem no rio Sena.

O rei estava cansado das invasões vikings, facilitando que Bill o persuadissem a selar o acordo.

Eles acharam que convencer Rollo seria outro problema, mas quando se aproximaram dele com a solução, ele mal deu de ombros.

— Estava mesmo ficando velho demais para pilhar — disse a eles. — Além disso, agora que tenho Vígi de volta, percebo que está na hora de dar a ela uma vida melhor e sossegar.

Enquanto todos começavam a celebrar o novo acordo, Sera achou um lugar silencioso e pegou o Anel do Infinito.

— Ei, ei, ei — Dak disse, segurando suas mãos e saindo do alcance. — Não tão rápido! Rollo se tornará duque amanhã, e nos convidou para a cerimônia. Isso é algo que eu não vou perder *de jeito nenhum*.

Sera revirou os olhos.

— Não estamos viajando pelo tempo só para participar de algumas festas. Há um Cataclismo que precisamos evitar, caso tenha esquecido.

— Não vejo o que nos impede de fazer as duas coisas — Dak propôs, levantando as sobrancelhas e dando a ela um sorriso esperançoso.

— Está esquecendo que há Guardiões do Tempo atrás de nós? Eles podem nos reconhecer — ela rebateu.

— Usaremos disfarces! — Dak sugeriu. — Esses dias foram duros. Pense nisso como um reforço moral!

Sera olhou de soslaio para Riq, que deu de ombros.

— Tudo bem — finalmente disse. — Ficamos para a cerimônia e depois vamos embora. Mas Dak está encarregado de encontrar disfarces para todos nós.

Dak começou a dançar pela clareira em comemoração. Não foi uma visão bonita.



Dak não conseguia parar de pular de um lado para o outro. Não ficava tão empolgado assim desde que descobrira um monte de moedas raras em uma gaveta oculta numa escrivaninha antiga (e não era culpa dele se a segurança do museu era ruim).

— Dá para acreditar que estamos mesmo aqui? — sussurrou para Sera pela vigésima milionésima vez.

Ela o encarou por baixo da aba do enorme chapéu que caía sobre sua cabeça e do emaranhado de crina de cavalo que deveria servir como uma peruca. Suas roupas eram largas e sujas, dando a ela uma aparência desleixada e deformada, que não era melhorada em nada pelo cheiro. Ela não parecia feliz, mas Dak concluía que, quanto pior fosse o cheiro deles, mais improvável seria que as pessoas ficassem muito tempo por perto e percebessem quem estava sob aqueles disfarces.

Ele lançou a ela um olhar inocente. Ela mesma o havia encarregado de procurar disfarces. Devia saber no que estava se metendo.

Nem mesmo o desconforto de Sera era capaz de diminuir a empolgação que tomava seu corpo. Tudo era tão... real! Os homens do rei haviam trabalhado o dia todo para construir um trono e um tablado onde aconteceria a cerimônia. Logo cedo, uma multidão começou a se formar, mas Dak já havia arrastado Sera e Riq para o local pouco além do rio antes mesmo de o sol nascer.

Ele não ia perder um minuto sequer daquilo!

O cortejo começou com o brado das trompas de batalha e a chegada de convidados importantes das vilas e cidades próximas. Os homens de Rollo estavam espalhados pela multidão, numa mistura estranha daqueles que, havia pouco tempo, lutavam uns contra os outros com unhas e dentes.

Discursos foram feitos, descrições das terras e suas fronteiras foram recitadas, e, enquanto a cerimônia prosseguia, algo parecia errado para Dak. Em alguns momentos ele sentia que alguém o

observava, mas quando olhava de relance pela multidão para descobrir quem era, não havia ninguém olhando em sua direção.

Aquela sensação desconfortável aumentava conforme o longo dia se arrastava, e logo parecia um peso sobre seus ombros. Ele se pegou divagando, e seu foco foi desviado do que acontecia ao seu redor.

No palco, o menestrel entoava uma balada, mas o que chamou a atenção de Dak foi um grupo de homens que se reunia do outro lado da multidão, perto do bosque. Eles ficavam cada vez mais barulhentos e algo naquilo despertou o interesse de Dak.

— Já volto — murmurou para Sera, e antes que ela pudesse fazer qualquer coisa para detê-lo, Dak escapuliu por entre a turba e desapareceu. Ele teve que enfrentar a multidão crescente, que seguia para a frente para ter uma visão do púlpito, pois a especulação de que a chegada do rei era iminente circulava de boca a boca.

Dak manteve o olhar fixo no grupo que se reunia ao redor da arruaça, abrindo caminho à força para chegar mais perto. Enquanto se aproximava do tumulto, seu coração começou a bater mais rápido e seu estômago se revirava com a expectativa, sem que ele soubesse por quê.

O grupo tinha os braços levantados e gritava xingamentos. Dak perguntou ao franco mais próximo o que estava acontecendo.

— A cria do demônio, isso é o que eles são — o homem zurrou, depois se virou e gritou que deveriam botar fogo nos dois.

Ele ouviu uma mulher gritar “Não!”, e então outra pessoa, um homem, gritou: “Deixe-a em paz. Para trás!”.

Seu sangue congelou. Ele conhecia aquelas vozes.

— Mãe! Pai! — Dak gritou, acotovelando as pessoas para abrir caminho enquanto lutava para avançar. Demorava, pois a multidão estava tão compacta que às vezes tinha que rastejar entre as pernas, sem se importar quando o pé de alguém esmagava seus dedos.

À sua volta as pessoas se agitavam, seus rostos cheios de raiva. Dak havia se esquecido de como a maioria das pessoas era supersticiosa naquela época. A ciência como a conhecemos ainda não existia, e qualquer coisa inexplicável era atribuída à magia.

Enquanto se aproximava, via lampejos de seus pais. Ambos empunhavam armas parecidas com rifles da Guerra da Independência dos Estados Unidos. E rifles não seriam inventados até o século XIX. Não era de se surpreender que a multidão estivesse enlouquecida!

— Aguentem aí! — ele gritou, empurrando duas pessoas para fora do caminho. — Estou chegando!

Assim que chegou ao centro do círculo, seus pais piscaram como a imagem de uma TV perdendo o sinal.

— Esperem! — Dak gritou.

Sua mãe estendeu a mão e Dak tentou segurá-la. Quando fechou os dedos, não havia nada além do ar.

Os pais de Dak haviam sido puxados para fora do tempo. Eles haviam desaparecido.

Perguntas em aberto

MAIS UMA VEZ, DAK HAVIA SUMIDO.

— Onde ele está? — Sera sussurrou para Riq. Ela sentia como se tivesse que gravar essa pergunta numa placa, para que pudesse simplesmente balançar por aí sempre que necessário.

Riq esquadrinhou a multidão com indiferença e depois voltou sua atenção novamente ao púlpito, onde um homem lia os termos do Tratado de Saint-Clair-sur-Epte. O rei Carlos e Rollo finalmente haviam tomado suas posições.

— Tenho certeza de que só foi procurar uma vista melhor.

— Mas não o vejo em lugar nenhum.

Ela apertou o Anel do Infinito, que estava enfiado por baixo de seu manto largo. Ao longo do dia, havia tido vislumbres de Gorm vagando pela multidão, e dessa vez ele não estava sozinho, o que a deixava ansiosa.

— A cerimônia já começou, e eu sei que o Dak não perderia esse momento por nada. Tenho que procurá-lo.

Ela tinha acabado de começar a abrir caminho pela multidão quando ouviu o burburinho de uma discussão, seguido de um “oh!” coletivo ao seu redor.

Ela se virou para Riq.

— O que aconteceu?

Ele parecia atordoado, o que não era típico dele.

— O bispo disse que Rollo deveria beijar os pés do rei como demonstração de sua lealdade e em agradecimento pelas terras concedidas. — Ele se virou para encarar Sera. — Rollo disse que nunca se ajoelhariam nem beijaria os pés de ninguém. Se ele se recusar, a cerimônia terminará sem que ele seja proclamado duque da Normandia.

Sera começou a se sentir levemente apavorada. Estavam tão perto de corrigir aquela Fratura... não podiam deixar tudo desmoronar àquela altura.

— Ainda podemos corrigir isso, não? — Riq disse.

Sera fez que sim com a cabeça, devagar.

— Acho que sim, se nos apressarmos. Mas como vamos fazer... — Riq já estava de pé e abrindo caminho pela multidão antes que Sera pudesse concluir seu raciocínio.

Ela se levantou, tentando segui-lo, mas os buracos que Riq abria entre as pessoas se fechavam muito rápido, e ela era obrigada a parar repetidas vezes. À sua esquerda ela ouviu alguém gritando, e um homem com a insígnia da SQ costurada em sua gola começou a forçar passagem. Ele apontou diretamente para Sera e chamou reforço.

Eles haviam sido flagrados. De novo.

Sera engoliu o desespero e concentrou seus esforços em alcançar Riq. Ela conseguiu chegar até a frente da multidão, mas já era tarde demais. Ele já havia subido os degraus até o púlpito e estava fora de seu alcance.

— Riq — Sera sussurrou, mas ele não ouviu e ela não podia arriscar chamar mais atenção para si. O Anel do Infinito já estava reprogramado para Washington. Tudo o que tinha de fazer era encontrar Dak e pegar Riq, e assim poderiam sumir dali antes de serem capturados pela SQ.

Moleza, ela pensou, revirando os olhos.

Riq nem parecia hesitar enquanto passava pelo púlpito e ia em direção ao lugar onde Rollo se avultava sobre o rei, ambos gesticulando acaloradamente. Sera captou fragmentos da

discussão: os bispos do rei exigiam que Rollo demonstrasse sua lealdade, mas ele se recusava sumariamente a se humilhar beijando a bota enlameada de outro homem.

Quando Riq falou, sua voz ressoou claramente pela multidão, silenciando todos.

— Todos concordamos que o rei deseja que Rollo ocupe dos arredores da cidade de Ruão até o mar, incluindo a foz do rio Sena, correto?

Gritos de aprovação vieram dos vikings no meio da multidão.

— E também podemos concordar que, em troca de tal generosidade, Rollo deve declarar lealdade ao rei e defender as fronteiras da França, não podemos?

Dessa vez, foram os francos presentes que aplaudiram em aprovação.

Riq sabia o que estava fazendo. Aquela multidão não ficaria feliz se o tratado desse errado — e agora tanto Rollo quanto o rei Carlos sabiam disso.

— Na verdade — Riq continuou, voltando-se para os dois líderes —, já houve acordo em relação a um tratado com esses efeitos, está correto?

Depois de uma breve hesitação, ambos os homens concordaram.

— O que ele está fazendo? — alguém resmungou com uma voz familiar, e Sera procurou pela multidão até achar Dak parado do outro lado do corredor que levava ao tablado.

Correntes haviam sido estendidas sobre estacas para manter a multidão sob controle, então não havia como Sera atravessar até onde Dak estava sem atrair muita atenção indesejada.

— Onde você estava? — ela perguntou, alto o bastante para que algumas pessoas ao seu redor mandassem-na ficar quieta. Ela percebeu que os olhos de Dak pareciam meio agitados, e seu corpo quase tremia de nervosismo.

Ela não tinha ideia do que o havia deixado tão perturbado, e tinha medo de descobrir. Atrás dele, lá no fundo do mar de pessoas, Sera viu uma dupla de agentes da SQ abrindo caminho até o púlpito. Ela

chamou a atenção de Dak para eles, e ele se esquivou e escapuliu para o meio da multidão para se esconder melhor. Sera fez a mesma coisa.

O que quer que Riq tivesse em mente, era melhor se apressar, ou todos estariam em sérios apuros.

Riq continuou seu discurso.

— Tudo o que falta são as formalidades, e acredito que ambos os lados concordam em delegar essas tarefas a homens de confiança em suas fileiras, certo?

Se a ideia desagradara ao rei, ele não demonstrou. Assim que Rollo deu seu consentimento, o rei fez o mesmo.

Com a eloquência de alguém que obviamente passara muito tempo em um palco aprendendo como ganhar uma multidão, Riq voltou-se para Rollo.

— Eu poderia ter a grande honra de representá-lo nesse ato tão digno?

Rollo franziu a sobrancelha e deu de ombros. Riq voltou-se para o rei.

— E o senhor aceitaria minha substituição em nome desse grande líder viking?

O rei olhou para os seus homens, claramente sem entender o que estava se passando. Sera teve que cobrir a boca com as mãos para segurar a risada. Embora fosse claro para ela que Riq estava indo longe demais, a multidão adorava.

Por fim, o rei acenou de forma ambígua. Mas se ele esperava que Riq se ajoelhasse e abaixasse a cabeça até o chão, estava enganado. Riq foi na direção dele e segurou a bota enlameada do rei firmemente com as mãos. Então, ergueu-a até sua boca sem se encurvar e, com enorme exagero, beijou-a ruidosamente.

Obviamente o rei não era tão flexível a ponto de levantar a perna tão alto, e tropeçou para trás e caiu do tablado.

Riq virou-se e sorriu.

— O pé do rei foi beijado e a lealdade de Rollo, concedida!

A multidão prendeu a respiração. Houve um instante de silêncio. Até que alguém pigarreou. Em algum outro lugar ouviu-se uma risada sendo reprimida, uma tosse, e logo todo mundo caiu na gargalhada.

Os servos do rei o ajudaram a se levantar, e Sera viu uma torrente de emoções passar pelo rosto dele — perplexidade e frustração, de início, mas depois se acalmou ao ver o divertimento do povo. O rei sorriu, provavelmente concluindo que era melhor parecer que estava por dentro da piada.

Sera ficou tão imersa naquele momento que não estava preparada quando uma mão agarrou seu ombro e uma voz gritou:

— Ei, você!

Sera pulou e gritou, mas o som se perdeu no barulho da multidão. O agente da SQ largou seu ombro que se debatia, e segurou um grande tufo de cabelo falso.

— Vocês não vão fugir de novo — ameaçou.

Ela sorriu, escorregando para o lado e saindo por baixo da peruca de crina de cavalo.

— Isso é o que você pensa!

Sem pensar duas vezes, mergulhou por baixo da corrente que bloqueava o corredor e correu na direção de Dak, agarrando-o e puxando-o para onde Riq estava, no palco, cercado por um bando de vikings que comemorava.

— A SQ nos descobriu! — gritou para ele em meio ao burburinho da multidão. — Temos que sair daqui!

Rollo deve ter notado a urgência no rosto dela e entendido o que significava, pois assim que os dois subiram a escada e se juntaram a Riq, ele e seus homens fecharam um círculo em torno dos três, virados para fora e com as armas em punho.

— Bate aqui, Riq — Dak disse, com o punho fechado erguido no ar, esperando o outro garoto bater. — Foi muito legal o que fez com o rei!

Riq sorriu, obviamente satisfeito com o elogio, e devolveu o gesto.

— Meus amigos viajantes do tempo, já estão partindo? — Rollo perguntou. Ao seu lado, Vígi lamentava, com a testa franzida.

Dak coçou as orelhas dela.

— Infelizmente, sim — ele disse ao novo duque da Normandia. — Só que, dessa vez, acho que deixaremos essa mocinha em casa.

Rollo pôs a mão no ombro de Dak.

— Você é um guerreiro forte, inteligente e fiel. Obrigado pelo presente que me deu. Manterei a SQ, sejam francos ou vikings, fora da Normandia para sempre. E prometo deixar as pilhagens de lado e cumprir meu papel de duque. Na maior parte do tempo.

O rosto de Dak se enrubescou com o elogio, mas Sera sabia que ele estava adorando cada minuto. Ela pegou o Anel do Infinito e começou a verificar se tudo estava programado corretamente. A última coisa que queria era que um cálculo errado de última hora os levasse para um futuro muito distante ou os fizesse parar no meio de outra zona de guerra.

Ao lado dela, alguém pigarreou. Ela olhou para cima para encontrar Bill.

— Então é isso?

Sera hesitou e depois concordou com a cabeça.

Ele limpou a garganta novamente.

— Lá em Paris, não tive tempo de lhe dar isso. Como eu realmente queria fazê-lo, guardei e esperei... só por via das dúvidas.

Ele tirou uma corrente fina e entregou a Sera. Um pingente dourado pendia da ponta, e ela abriu as mãos para segurá-la. Era um pequenino símbolo do infinito, delicado e bem polido.

— Meus ancestrais eram ourives e passaram o dom adiante.

Sera sentiu um aperto na garganta.

— Obrigada — sussurrou.

— Eu queria agradecer a *você*, na verdade — ele disse.

Isso surpreendeu Sera.

— Por quê?

— Por ter sido corajosa — ele explicou. — Nunca teria feito nada importante na vida, nunca teria corrido riscos, se não tivesse aprendido isso com você.

Sera falou rapidamente:

— Não sou tão corajosa assim e odeio correr riscos.

Em resposta, Bill sorriu.

— Talvez ainda não tenha percebido, mas eu já.

Naquele momento, Riq deu um passo à frente e deu o braço a ela.

— Nosso trabalho aqui está feito — anunciou. — Vamos para 1814!

— Guerra de 1812, aqui vamos nós! — Dak pôs a mão no ombro de Sera depois de se ajoelhar para que Vígi desse um último beijo babado.

Sera deu uma última olhada à sua volta e sorriu para Bill enquanto apertava o botão que os levaria a serpentear pelo tempo. O Anel do Infinito começou a vibrar e o cenário ao redor virou um borrão. Seu corpo parecia pequeno e paradoxalmente grande ao mesmo tempo.

— Mais uma coisa — Dak sussurrou assim que tudo começou a se desfazer. — Vi os meus pais. Eles estavam aqui e viajaram no tempo na minha frente. Mas, antes, me deixaram *isso*.

A última coisa que Sera viu enquanto a França medieval desaparecia foi Dak segurando uma grande chave de ferro.

CARRIE RYAN é autora de *A floresta de mãos e dentes*, best-seller do New York Times, e suas obras já foram traduzidas para mais de dezoito idiomas. Nascida em Greenville, na Carolina do Sul, formou-se em direito e atualmente é escritora em tempo integral. Ela mora em Charlotte, na Carolina do Norte, com seu marido, dois gatos gordos e um vira-lata.

Copyright © 2012 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da Scholastic
Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Divide and Conquer

CAPA Sammy Yuen e Keistein Geise

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Sammy Yuen

PREPARAÇÃO Rafael Rodrigues

REVISÃO Juliane Kaori e Gabriela Ubrig Tonelli

ISBN 978-85-8086-740-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Sobre o autor